



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL - PDGS**

DENISE NORONHA DE OLIVEIRA

**CAMINHOS DE FORTALECIMENTO DA
SUSTENTABILIDADE EM COMUNIDADES URBANAS**

Salvador - BA
2013

DENISE NORONHA DE OLIVEIRA

**CAMINHOS DE FORTALECIMENTO DA
SUSTENTABILIDADE EM COMUNIDADES URBANAS**

Dissertação-Projeto apresentada ao Programa de Desenvolvimento e Gestão Social, Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Suzana Moura

Salvador - BA

2013

Escola de Administração - UFBA

O48 Oliveira, Denise Noronha de
Caminhos de fortalecimento da sustentabilidade em comunidades
urbanas / Denise Noronha de Oliveira. – 2014.
124 f.

Orientador: Profa. Dra. Maria Suzana Moura.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de
Administração, Salvador, 2014.

1. Comunidade urbana – Desenvolvimento sustentável. 2. Pesquisa de
avaliação (Programa de ação social). I. Universidade Federal da Bahia. Escola de
Administração. II. Título.

CDD – 363.7

DENISE NORONHA DE OLIVEIRA

**CAMINHOS DE FORTALECIMENTO DA
SUSTENTABILIDADE EM COMUNIDADES URBANAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Maria Suzana Moura _____
Doutora em Administração Pública - Bahia
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof^a. Dra. Rosana Boullosa _____
Doutora em Política Pública - Itália
Università IUAV di Venezia

Prof^a. Dra. Débora Nunes _____
Doutor em Urbanismo e Gestão Participativa - Paris
Universidade Paris XII - Val Be Marne

Prof^a. Paulo Santos _____
Gestor em Desenvolvimento Sustentável - São Paulo
Coordenador do Ecobairro - São Paulo




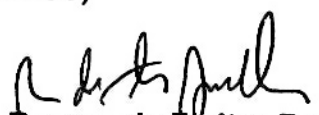
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE DENISE NORONHA DE OLIVEIRA DO CURSO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR E PROFISSIONAL EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.


Aos 11 dias do mês de dezembro de dois mil e treze a Comissão Julgadora, eleita pelo Colegiado deste Programa de Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia, composta pela Profa. Dra. Maria Suzana de Souza Moura (PDGS/UFBA), orientadora da aluna, pelos membros titulares Profa. Dra. Débora de Lima Nunes Sales (UNEB/UNIFACS), Profa. Dra. Rosana de Freitas Boullosa (PDGS/UFBA) e o Esp. Paulo César dos Santos (Consultor em Design para Sustentabilidade e Coordenador do Ecobairro/SP), se reuniu para julgar o trabalho de dissertação intitulado: "Caminhos de fortalecimento da sustentabilidade em comunidades urbanas" de autoria de Denise Noronha de Oliveira. Após a apresentação da dissertação a mestranda foi submetida à arguição pela comissão julgadora e ao debate. Em seguida, a comissão julgadora reuniu-se para analisar e avaliar o referido trabalho, chegando à conclusão que este merece ser aprovado com ajustes sugeridos pela b. Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Julgadora encerrou a reunião da qual lavrei a presente ata, que após lida e aprovada, vai assinada por mim, orientadora, pelos demais membros da comissão e pela mestranda.

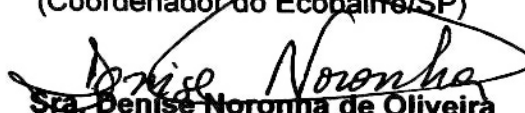
Salvador, 11 de dezembro de 2013.


Profa. Dra. Maria Suzana de Souza Moura
(PDGS/UFBA - Orientadora)


Profa. Dra. Débora de Lima Nunes Sales
(UNEB/UNIFACS)


Profa. Dra. Rosana de Freitas Boullosa
(PDGS/UFBA)


Esp. Paulo César dos Santos
(Coordenador do Ecobairro/SP)


Sra. Denise Noronha de Oliveira
(Mestranda)

Dedico este trabalho à minha família pelo apoio constante, em especial, aos meus pais Raul Queiroz Oliveira (*in memoriam*) e Nilda Noronha de Oliveira, por transmitir seus valores e ética na vida pessoal e profissional, tendo o amor, o respeito e a solidariedade ao próximo como constituintes da espinha dorsal dos seus ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que me ajudaram antes e durante o processo de conclusão deste trabalho.

À Prof^a. Dra. Maria Suzana Moura, grata pela presença e acolhimento. Sua especial orientação me mostrou em momentos cruciais a necessidade de foco ou da visão ampliada, fato que foi fundamental para o desenho e resultado deste projeto.

À coordenação e funcionários do Ciags pelo acolhimento e apoio.

Ao corpo de professores, por compartilhar seus estudos e pesquisas, deixando como herança alguns conhecimentos que estarão sempre presentes na minha jornada.

À turma 04, um grupo muito especial de pessoas com o qual tive a honra de conviver durante dois anos. Dessa vivência, guardo com carinho muitas lembranças e momentos preciosos.

À Equipe do Ecobairro Bahia, pelo apoio, amizade, espírito de grupo e parceria na organização e realização das oficinas no Calabar. Sem sua ajuda, seria impossível realizar tais projetos. Minha gratidão a cada um de vocês.

À Equipe do Ecobairro São Paulo e ao Circulo Ecobairro, pela acolhida e carinho, e à Lara Freitas, por abrir sua biblioteca e viabilizar o acesso a pessoas e instituições fundamentais para a pesquisa.

À Dra. Ângela Fontes, pela sua hospitalidade e acolhedora presença, mediando o contato com a UDUAL/UNAM, na Cidade do México.

À Comunidade do Calabar, por receber o Ecobairro e pela troca de experiências.

À Eliana Noronha, pelo apoio de sempre e, em especial, pelo apoio tecnológico.

À Josenilda Noronha, companheira de muitas jornadas, grata pelas leituras e correções dos textos e as traduções do inglês.

À Vera Villaça, pelo incentivo nas aulas de espanhol e grande ajuda e companhia constante durante a residência social na Cidade do México.

À Mercedes, por sua generosidade e pelas sempre prazerosas e divertidas aulas de espanhol.

Ao Instituto Roerich da Paz e Cultura do Brasil, por seu incansável trabalho na disseminação da Cultura de Paz e da preservação dos tesouros materiais e imateriais. A gratidão também se deve ao abrigo que o referido instituto ofereceu ao Programa Ecobairro, dando-lhe sustentação e apoio constante.

Aos amigos da Unikósmica – Universidade Livre de Educação Cósmica –, por sustentarem este belo trabalho educacional que busca integrar o homem à natureza e ao cosmo. É uma honra fazer parte deste grupo.

A Todos os Mestres que nos sustentam e nos guiam.

“Tornar o planeta saudável está nas mãos de toda a humanidade. Antes de tudo, é preciso compreender que o homem torna saudável não somente a si mesmo, mas também a todos em seu ambiente. Em tal compreensão, estará contido o verdadeiro amor à humanidade. Tal sentimento não pode ser imposto. Ele precisa vir por própria iniciativa, das profundezas do coração”.

Nicholas Roerich

OLIVEIRA, D. N. **Caminhos de Fortalecimento da Sustentabilidade em Comunidades Urbanas.** Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração. (Dissertação) Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. 123 f. Salvador, BA, 2013.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo aplicar uma metodologia que possa contribuir para o fortalecimento da sustentabilidade em comunidades urbanas, a partir da integração da abordagem do Programa Ecobairro/Brasil, com as do Programa Gaia EDE - Ecovillage Design Education e do Movimento Cidades em Transição. Para tanto, procedeu-se a análise de documentos dos três movimentos acima referidos, visitou-se experiências afins, durante a residência social, e desenvolveu-se uma Pesquisa-ação exploratória, em um contexto específico – uma Rua da Comunidade do Calabar – Salvador, Bahia. Por um período de seis meses, foram realizadas oficinas, palestras e entrevistas semi-estruturadas com os moradores. Verificou-se que, apesar dos desafios para a realização das ações, algumas práticas foram incorporadas, a exemplo da reciclagem de garrafas pet, que reduziu o volume do lixo e contribuiu para a limpeza da rua. Outro resultado desta Pesquisa-ação foi a elaboração da Cartilha Ecobairro: Sustentabilidade e Cultura de Paz no Eixo Urbano, uma ferramenta de fácil manuseio e autoexplicativa, capaz de contribuir com ideias e informações de boas práticas para qualquer pessoa interessada em iniciar ações sustentáveis na vida pessoal e coletiva.

Palavras-chave: sustentabilidade, comunidades urbanas, movimentos ecológicos e sustentáveis, formação de multiplicadores.

OLIVEIRA, D. N. **Caminhos de Fortalecimento da Sustentabilidade em Comunidades Urbanas**. Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração. (Dissertação) Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. 123 f. Salvador, BA, 2013.

ABSTRACT

This paper aims to apply a methodology that can contribute to the strengthening of sustainability in urban communities. For that it was developed the analyzes of some papers of the three movements that are known as: Ecobairro/Brazil Programm, Gaia EDE - Ecovillage Design Education and Transition Towns Movement, and we found great similarities. We also had similar experiences during social residency and when developing an exploratory research, also known as research in action action at an specific context - a Street located at "Calabar Community" - Salvador - Bahia .During a period of six months it was realised workshops, lectures and semi-structured interviews with the residents of the community . It was found that despite the challenges in conducting such activities, some practices had been incorporated such as the recycling of PET bottles , which contribution was to reduce the volume of waste and as consequence the street was cleaner. Another result of this research was the development of an Ecobairro hornbook entitled: Sustainability and Peace Culture in Urban Axis a tool easy to use and self explanatory . The hope is that it can contribute with ideas to create sustainable habits both in their personal and or collective lives.

Keywords: sustainability , urban communities , ecological and sustainable movements , training of trainers .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desmatamento na Amazônia.....	29
Figura 2 - Madeireira no Pará	29
Figura 3 - Cidade de São Paulo.....	38
Figura 4 - Mobilidade nas Megas Cidade.....	38
Figura 5 - Ecovila Tamera em Portugal.....	43
Figura 6 - Ecovila Damanhur na Itália.....	43
Figura 7 - Ecovila Eco-campus Kibbutz em Israel.....	45
Figura 8 - Ecovila. Terra Una Brasil.....	45
Figura 9 - Ecovila de Auroville na Índia.....	45
Figura 10 - Ecovila de Findhorn na Escócia	45
Figura 11 - Logomarca Gaia Education.....	48
Figura 12 - Mapa do Curso Educação Gaia no Mundo	48
Figura 13 - Desenvolvimento de Sistemas Sustentáveis	51
Figura 14 - Design Integrado de Ecovilas	57
Figura 15 - A moderna fábula da salada de frutas.....	59
Figura 16 - Brasilândia – Vista I	60
Figura 17 - Brasilândia - Vista	60
Figura 18 - Convite ao Transition Brasilândia	69
Figura 19 – Jardim sensorial.....	70
Figura 20 - Bioconstrução.....	70
Figura 21 – Geodésica.....	70
Figura 22 – Atelier Brasilianas I.....	71
Figura 23 - Atelier Brasilianas II.....	71
Figura 24 – Padaria I.....	72

Figura 25 – Padaria II.....	72
Figura 26 - Feira de trocas	72
Figura 27 - Cine-diálogo	72
Figura 28 - DNA Ecobairro	78
Figura 29 - Escalas de Transformação	79
Figura 30 - Fortalecendo a Comunidade	83
Figura 31 - Formação Círculo I.....	86
Figura 32 - Formação Círculo II.....	86
Figura 33 - Formação Círculo III.....	87
Figura 34 - Formação Círculo IV.....	87
Figura 35 - Formação Círculo V.....	87
Figura 36 - Mapa Localização Calabar	92
Figura 37 - Calabar – vista.....	94
Figura 38 - Policia Comunitária.....	95
Figura 39 – Instalações da BCS.....	95
Figura 40 – Reunião Biblioteca Comunitária.....	97
Figura 41 - Mapa Rua do Calabar	99
Figura 42 - Oficina de Tinta Natural I.....	106
Figura 43 - Oficina de Tinta Natural II.....	107
Figura 44 - Oficina de Tinta Natural III.....	107
Figura 45 - Oficina de Reciclagem I.....	108
Figura 46 - Oficina de Reciclagem II.....	108
Figura 47 - Palestra de Saúde I.....	108
Figura 48 - Palestra de Saúde II.....	108
Figura 49 - Oficina de Pão Integral I.....	111
Figura 50 - Oficina de Pão Integral II.....	111

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Gráficos diversos – limites de consumo, produção, etc.	21
Gráfico 2 - Renda mundial por percentual de população em 2007.....	23
Gráfico 3 - Concentração de Renda no Brasil.....	23
Gráfico 4 - História Pico Petróleo	60
Gráfico 5 - Pico do Petróleo	60
Gráfico 6 - População x Aumento Consumo	68
Gráfico 7 - Aumento da Temperatura do Planeta	68
Gráfico 8 - Zonas e setores no urbano	77
Quadro 1 - Movimentos em Prol da Sustentabilidade	89
Quadro 2 - Atividades Realizadas na Comunidade do Calabar	104
Quadro 3 - Avaliação dos Entrevistados	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCS	Base Comunitária de Segurança
CEEAS	Centro de Estudos Exobiológicos Asthar Sheran
CDC	Centro Digital de Cidadania
CIAGS	Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social
EDE	Ecovillage Design Education
FACOM	Faculdade de Comunicação
FSM	Fórum Social Mundial
GEN	Rede Global de Ecovilas
GPI	Indicador de Progresso Genuíno
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
ONG	Organização Não Governamental
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UDUAL	União de Universidades de América latina e Caribe
UNAM	Universidade Nacional Autônoma do México
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora
WWI	The Worldwatch Institute

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	NOSSA HISTÓRIA COMUM.....	19
2.1	UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	19
2.2	UM OLHAR NA HISTÓRIA.....	25
2.3	SUSTENTABILIDADE: O QUE, POR QUE, E PARA QUE?.....	29
2.3.1	Aspectos Conceituais.....	30
2.3.2	Momentos Importantes – Conferencias e Propostas.....	34
3	ALGUNS CAMINHOS POSSÍVEIS.....	37
3.1	O MOVIMENTO DAS ECOVILAS E O PROGRAMA GAIA EDE.....	39
3.1.1	O Programa Gaia EDE - Ecovillage Design Education.....	45
3.2	O MOVIMENTO CIDADES EM TRANSIÇÃO.....	56
3.3	O ECOBAIRRO.....	71
4	O CALABAR – UMA HISTÓRIA DE RENOVAÇÃO.....	90
4.1	BREVE HISTÓRICO.....	91
4.2	A INTERVENÇÃO DA BASE COMUNITÁRIA DE SEGURANÇA.....	94
4.3	O ECOBAIRRO NO CALABAR.....	95
4.4	PASSOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA-AÇÃO.....	99
4.5	INICIANDO AS ATIVIDADES.....	101
5	ALGUMAS TECITURAS.....	111
6	PODEMOS REESCREVER UMA OUTRA HISTÓRIA.....	115
	REFERÊNCIAS.....	120

1 INTRODUÇÃO

Sempre gostei de estar perto da natureza e, desde muito jovem, viajava com amigos para locais onde o mar ou as montanhas ainda conservavam sua paisagem original. Retornava sempre alimentada, tanto energeticamente quanto por lembranças especiais, guardadas, até hoje, em minhas memórias. As notícias sobre os desastres ambientais, mudanças climáticas, os desmatamentos das florestas que têm causado a extinção de espécies animais e vegetais, sempre me causaram tristeza e inquietação. Ao mesmo tempo, me sentia impotente, diante de tanta ignorância e ganância humana. Por conta disso, algumas perguntas sempre me acompanham: Podemos fazer alguma coisa? Que mecanismos podemos acionar para reverter este processo? Por que, apesar de tanta informação disponível e dos crescentes desastres ambientais, continuamos a viver no antigo paradigma da exploração dos recursos materiais de forma infinita num planeta que sabemos ter recursos finitos?

Desta forma, nos últimos anos, os temas relacionados ao meio ambiente e à sustentabilidade foram se tornando cada vez mais presentes em minhas leituras, pesquisas e práticas cotidianas. Em 2007, fiz, em São Paulo, um curso que se tornou um divisor de águas na minha vida pessoal e profissional. Trata-se do curso *Educação Gaia: Design em Sustentabilidade*, que sintetiza o resultado das experiências mais bem sucedidas das principais ecovilas¹ do mundo. O curso, que será detalhado posteriormente, me colocou diante de alguns caminhos possíveis de como contribuir mais efetivamente para um desafio posto a todos nós: o redesenho de comunidades urbanas e rurais mais sustentáveis e socialmente mais justas e pacíficas.

Outra importante questão a considerar são as pesquisas que apontam que, num futuro próximo, mais de 80% da população mundial viverá em centros urbanos. No Brasil, já atingimos este patamar desde o ano 2000, com 81,23% da população brasileira residindo em cidades. Nas regiões do sul do país, estes índices são ainda

¹ Ecovilas são comunidades rurais ou urbanas que buscam viver de forma a gerar o menor impacto possível ao meio ambiente.

maiores. Os impactos desta nova realidade são preocupantes, visto que as cidades ocupam uma área de apenas 2% da superfície terrestre e 75% dos recursos naturais que exploramos são consumidos pelos grandes centros urbanos (CARVALHO, 2008).

As abordagens que buscavam soluções para o desafio da sustentabilidade urbana – repensando as cidades como uma realidade que pode ser transformada para melhor e não como um problema a ser evitado – ganhou força em função de dois fatores-chaves: o fracasso das políticas de fixação rural, independentemente do contexto político ou econômico, e a efetiva realidade de que a cidade parece ser a forma que os seres humanos escolheram para viver em sociedade e prover suas necessidades. (CARVALHO, 2008 p. 13)

Em 2010, lançamos, em Salvador, o Ecobairro, um programa permanente do Instituto Roerich, surgido do interesse na minimização da problemática da sustentabilidade urbana, através da formação do Círculo Ecobairro, que capacita moradores para ações e práticas sustentáveis, formando agentes multiplicadores que, por sua vez, organizam-se em redes de cooperação e parcerias, fortalecendo e empoderando comunidades e bairros.

O Instituto Roerich da Paz e Cultura do Brasil é uma organização civil sem fins-lucrativos, fundada em 9 de outubro de 1999, com a missão institucional de reduzir a violência e implementar ações de preservação e proteção de patrimônio natural e cultural, fundamentado na promoção da Cultura de Paz e inspirado no legado cultural, artístico e filosófico do pintor russo Nicholas Roerich (1874-1947).

Este estudo objetiva responder parte das minhas inquietações, no que diz respeito ao nosso papel como cidadãos e agentes de transformação pessoal e local. Ao educar e formar pessoas interessadas na disseminação de boas práticas da sustentabilidade urbana, por meio da metodologia do Ecobairro, creio estar contribuindo para a construção de um bairro melhor, na esperança de que estas sementes possam ultrapassar as fronteiras dos bairros, apoiando outros movimentos afins, e, assim, alcançar toda a cidade, possibilitando a construção de um futuro mais sustentável e pacífico. Neste momento, o Ecobairro se encontra em expansão nas cidades de São Paulo e Salvador e esta pesquisa se coloca como um caminho nesta direção.

Tem-se, portanto, como objetivo geral aprofundar e aplicar uma metodologia para o fortalecimento da sustentabilidade em Comunidades Urbanas. E como objetivos específicos: a sistematização de referências teóricas e práticas sobre sustentabilidade em comunidades urbanas; a experimentação das metodologias do Ecobairro e afins em um contexto específico (uma Rua do Calabar, Salvador/BA); a elaboração de uma síntese, a partir da experiência no Calabar, da residência social (São Paulo e México) e das leituras realizadas.

ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória, por abordar um tema novo no meio acadêmico e, conseqüentemente, com pouca produção. Além disso, em termos empíricos, apesar do movimento das ecovilas já existirem há mais de 50 anos, a maioria delas se encontra em áreas rurais e as experiências em sustentabilidade urbana ainda são escassas.

A Pesquisa-ação foi o caminho escolhido para realizar este trabalho, por permitir a reflexão e uma “intervenção social ou militância em uma comunidade ou organização específica, numa perspectiva de transformação/mudança da realidade”. (MOURA, 2010, p. 3). No caso, uma intervenção social em um contexto específico: a Rua Desembargador Ezequiel Pondé, localizada na Comunidade do Calabar, em Salvador, conforme será detalhado no Capítulo 4.

Além dos aspectos acima citados, Thiourent (1997, *apud* TERENCE, 2006, p. 14) destaca outros elementos que caracterizam a Pesquisa-ação, os quais foram parcialmente aplicados no estudo ora apresentado. Nas palavras do autor, a Pesquisa-ação é

(...) um tipo de investigação social com base empírica, que consiste essencialmente em relacionar pesquisa e ação em um processo no qual os atores e pesquisadores se envolvem, participando de modo cooperativo na elucidação da realidade em que estão inseridos, não só identificando os problemas coletivos como também buscando e experimentando soluções em situação real. A dimensão ativa do método manifesta-se no planejamento de ações e na avaliação de seus resultados. (THIOLENT, 1997, *apud* TERENCE, 2006, p. 5)

Na Pesquisa-ação, desenvolvida com moradores do Calabar, a cooperação aconteceu no planejamento e execução de atividades, visando responder demandas específicas e não chegamos a nos debruçar sobre problemas coletivos (ver detalhes no Capítulo 4, Item 4.4).

Esse tipo de pesquisa geralmente segue uma abordagem qualitativa que, de acordo com Neves (1996, *apud* TERENCE, 2006) foi bem utilizada na área das ciências sociais na década de 1960 e, posteriormente, foi adotada em estudos das áreas da Educação, Psicologia e Administração. A escolha deste tipo de abordagem se deve ao fato da mesma “incluir os processos históricos, sociais, econômicos e culturais que não são passíveis de controle e de difícil generalização e reprodução” (TERENCE, 2006, p. 2). O mesmo autor assinala que,

Na abordagem qualitativa, o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, a interpretação, a consideração do estar em contato direto e prolongado com o campo, para captar os significados dos comportamentos observados, revelam-se como características da pesquisa qualitativa. (TERENCE, 2006, p. 2-3)

Na Pesquisa-ação, realizada junto a moradores da Rua Des. Ezequiel Pondé, no Calabar, o contato direto com os moradores nas oficinas, por meio de conversas e entrevistas, permitiu a vivência e interpretação das possibilidades e limitações das metodologias de fomento da sustentabilidade em comunidades urbanas (ver detalhes no item 4.4). A seguir, descrevo alguns dos procedimentos utilizados para a realização da pesquisa.

- Pesquisa Bibliográfica em torno do tema sustentabilidade, a partir dos seguintes autores: Capra, Veiga, Morin, Leonard, Carvalho, Braun, Santos e Sachs.
- Levantamento e análise documental sobre os movimentos das Ecovilas, Educação Gaia, Cidades em Transição e do Ecobairro.

- A Residência Social junto ao Ecobairro/São Paulo, com participação na Formação do Círculo Ecobairro e observação da ação do Transition Brasilândia, em São Paulo, em Janeiro de 2013 (ver detalhes no Capítulo 3).

- Pesquisa-ação junto à comunidade de uma das ruas do Calabar (detalhada no Capítulo 4).

- A realização de palestra e seminário sobre Desenvolvimento Integrativo e Gestão Social na Cidade do México, em setembro de 2013 (detalhes no Capítulo 5).

Considero relevante, para esta pesquisa, o conhecimento adquirido com a vivência pessoal e profissional, desde 1999, no Instituto Roerich da Paz e Cultura do Brasil, trabalhando na facilitação e coordenação de projetos para capacitação e geração de renda em comunidades periféricas de Salvador. E, desde 2010, como coordenadora do *Programa Ecobairro e do Curso Educação Gaia: Design em Sustentabilidade*.

Este trabalho está estruturado em 5 capítulos, incluindo a Introdução – ora em desenvolvimento.

No Capítulo II, realizo uma contextualização do problema da pesquisa, a partir da qual traço um breve histórico “da nossa historia comum”, destacando os desafios postos para as sociedades contemporâneas. Encerro o capítulo com o tema da sustentabilidade, trazendo abordagens teóricas e práticas sobre o significado, as razões e os caminhos para a construção de assentamentos humanos mais sustentáveis.

No Capítulo III, trago a discussão de alguns caminhos possíveis, mostrados através de movimentos nacionais e internacionais, como as Ecovilas, o curso Educação Gaia, o movimento Transition Town e no Brasil. Em seguida, discorro sobre o Programa Ecobairro.

No Capítulo IV, apresento e analiso as ações desenvolvidas com os moradores de uma rua da comunidade do Calabar, os avanços, limites e desafios encontrados na execução deste trabalho.

No Capítulo V, integro as lições desta Pesquisa-ação em forma de uma cartilha de fácil manuseio, lúdica e didática, com ferramentas e dicas do passo-a-

passo, para qualquer pessoa que deseje iniciar um movimento em prol do fortalecimento da sustentabilidade em seu bairro ou comunidade urbana.

Por fim, concluo com uma reflexão sobre o processo e os resultados desta dissertação.

2. NOSSA HISTÓRIA COMUM

Somos todos filhos da Mãe Terra e ela nos supre com tudo que precisamos, desde as necessidades básicas às mais supérfluas e sofisticadas. Contudo, nem sempre nos lembramos desta óbvia e elementar realidade quando nos alimentamos ou estamos utilizando os inúmeros artefatos produzidos para o nosso uso cotidiano.

Vivemos num período de grandes desafios, que tem nos convidado a repensar nosso estilo de vida, modelo econômico e crenças relacionadas às ideias de bem estar e conforto. “A cultura consumista”, segundo Relatório WWI² (2010), “foi se enraizando nos últimos 50 anos, tornando-se um vigoroso propulsor do aumento inexorável da demanda por recursos e da produção de lixo que marca a nossa era”.

Somos seres complexos e contraditórios. Construimos uma civilização “materialista”, porém, nos tornamos alienados e distantes dos sistemas naturais que nos suprem materialmente. E não consumimos apenas para satisfazer nossas necessidades básicas, mas também necessidades socialmente fabricadas e baseadas em fatores externos, como padrões culturais, sistema político, mecanismos de dominação social, símbolo de status entre outros (LAGO; PÁDUA, 2004).

Precisamos buscar outras formas de nos relacionar com nosso planeta e redesenhar um futuro mais sustentável e pacífico, porque estamos testemunhando um panorama atual que se apresenta bastante desalentador, como veremos a seguir.

2.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Atualmente, somos mais de 7 bilhões de seres humanos no planeta, que estão exigindo a cada dia maiores quantidades de recursos materiais. Nos últimos

² Worldwatch Institute, Fundado em 1974 por Lester Brawn, é um Instituto de pesquisa interdisciplinar e independente dedicado a compor cenários das questões globais com parceiros nos cinco continentes. Possui publicação anual traduzida em 20 línguas.

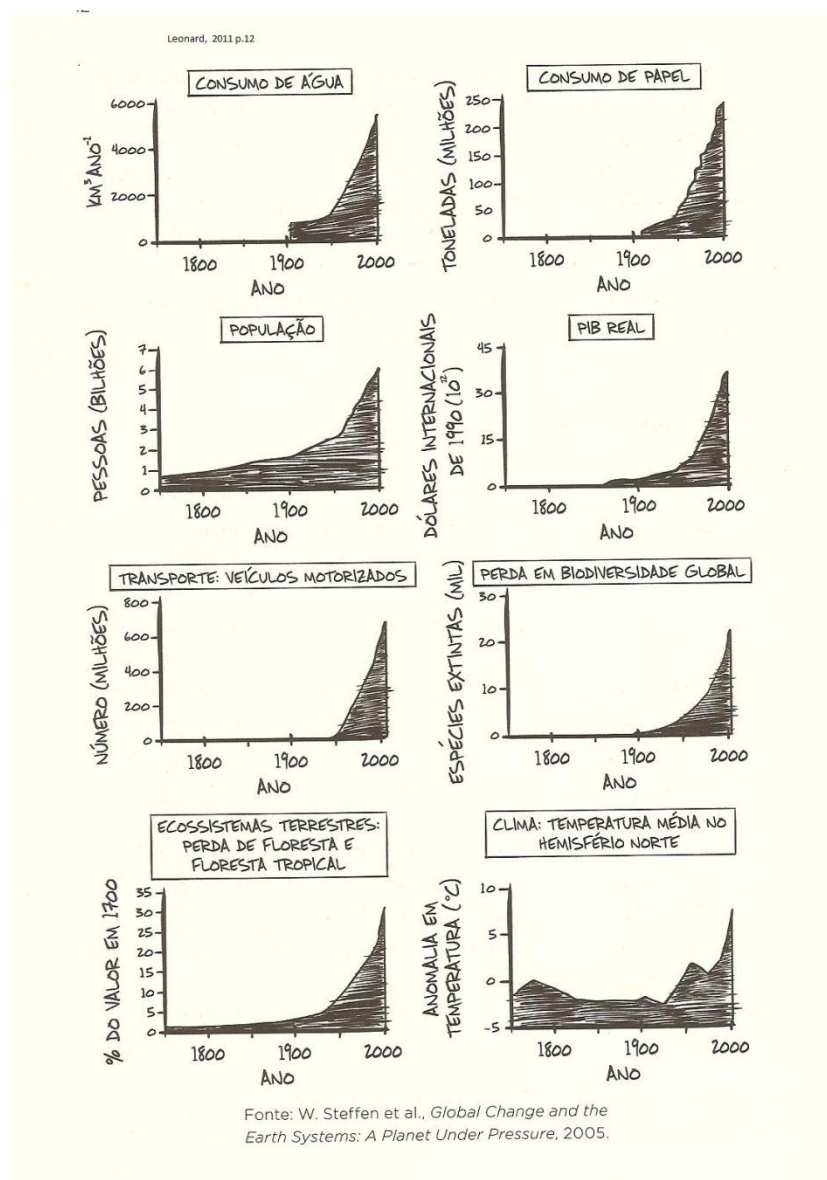
30 anos, aumentamos em 50% o uso dos recursos naturais. O indicador Pegada Ecológica, que compara o impacto ecológico humano com a quantidade de terra e área marinha produtiva disponível, mostra que estamos usando 1/3 a mais da capacidade disponível da Terra.

Em 2005, um estudo de Avaliação Ecossistêmica do Milênio (MA), que envolveu 1.360 especialistas de 95 países, concluiu que 60% dos serviços providos por ecossistemas tais como: regulação do clima, abastecimento de água, tratamento de detritos, alimentos, energia dentre outros, estão sendo degradados ou usados de forma não sustentável. (RELATÓRIO WWI, 2010, p. 4)

As 500 milhões de pessoas mais ricas do mundo (aproximadamente 7% da população mundial) são responsáveis por 50% das emissões globais de CO₂ e os 3 bilhões mais pobres respondem por apenas 6% das emissões. Entende-se como maiores emissões não apenas as emissões diretas de CO₂ jogadas na atmosfera, mas também um maior padrão no estilo de vida e de consumo, como casas maiores, carros, viagens aéreas, gastos com energia, maior consumo de alimentos, principalmente carne, produtos industrializados e produtos tecnológicos, ou seja, quanto maior o conforto disponibilizado, maior é o gasto de energia e aumento de emissões. Os seres humanos mais ricos, que somam 20% da população mundial, consomem recursos e energia equivalente a 80% de tudo que é produzido e disponibilizado no planeta, ao passo que os 80% restantes da população utilizam os 20% restantes dos recursos disponíveis (RELATÓRIO WWI, 2010).

O Gráfico 1, apresentado a seguir, mostra o crescimento populacional, do consumo de água, a perda da biodiversidade, entre outros itens. Pode-se visualizar que, nos últimos 50 anos, tem tido um crescimento vertiginoso e fora de controle. Estamos batendo nos limites do possível e ainda não estamos nos dando conta desta realidade.

Gráfico 1 – Gráficos diversos – limites de consumo, população, clima



Fonte: Leonard, 2011, p. 12

Em seu livro *A História das Coisas*, Annie Leonard delinea e mapeia os cinco estágios da economia em todo o mundo e ainda descreve os impactos dos processos de extração, produção, distribuição, consumo e descarte de todas as “coisas” (usando sua terminologia) que utilizamos na nossa vida. Ao iniciar sua pesquisa pelo processo final, o lixo, a autora percebeu as interligações com o sistema econômico: a transferência das fábricas para os países mais pobres, o que implica em mão de obra barata e não pagamento do ônus ambiental, tornando os produtos muito baratos e com baixa qualidade, alimentando a obsolescência

programada. Do outro lado, temos o mundo da publicidade e do marketing, com suas incríveis ferramentas que promovem e incentivam o consumo de itens que, na sua maioria, são supérfluos e, por isto mesmo, são descartados, ou melhor, viram “lixo” antes de seis meses, contando da data de fabricação (LEONARD, 2011).

Leonard nos dá uma ideia da perversão deste sistema, descrevendo o processo de extração dos chamados “minerais de guerra”: o diamante, o petróleo e o tântalo, este último deriva do coltan, um mineral que está presente em celulares, *playstations*, *tablets*, entre outros produtos. A autora destaca que o comércio de diamantes e de outros recursos naturais foi responsável pelos piores crimes de guerra nas últimas duas décadas. Um exemplo citado pela autora é o da República Democrática do Congo, que responde por 80% do fornecimento mundial do coltan, trazendo uma história de violência contra a mulher, exploração de crianças e de prisioneiros de guerra, no trabalho das minas. Leonard nos leva a uma reflexão com a frase de Oona King, ex-membro do Parlamento Britânico, “as crianças do Congo eram enviadas às minas para morrer, para que as crianças da Europa e dos Estados Unidos pudessem matar inimigos imaginários em seus quartos” (KING, 2006, *apud* LEONARD, 2011, p. 55-56).

Viveret (2012) traz outro dado relevante, mencionado no relatório de 1998 do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, e concluiu da seguinte maneira:

Dobrando o montante das ajudas humanitárias vertidas anualmente, ou seja, juntando 40 ou 50 milhões de dólares a mais, poder-se-ia dar passos de gigante na luta contra os males vitais da humanidade: a fome, o não acesso à água potável, ou a serviços básicos de saúde. [...] descobre-se que dez vezes mais era gasto na época apenas nas despesas de publicidade (400 milhões de dólares). Estimava-se que cerca de 400 milhões eram movimentados na economia das drogas. [...] Quanto às despesas militares mundiais, estavam avaliadas, na época, em 800 milhões de dólares anuais, ou seja, vinte vezes mais do que a soma necessária para proporcionar bem estar mínimo a todos. (VIVERET, 2012, p. 27)

Os gráficos abaixo mostram o tamanho da desigualdade econômica e social no Brasil e no mundo.

Gráfico 2 – Renda mundial distribuída por percentuais da população em 2007, em dólares internacionais.

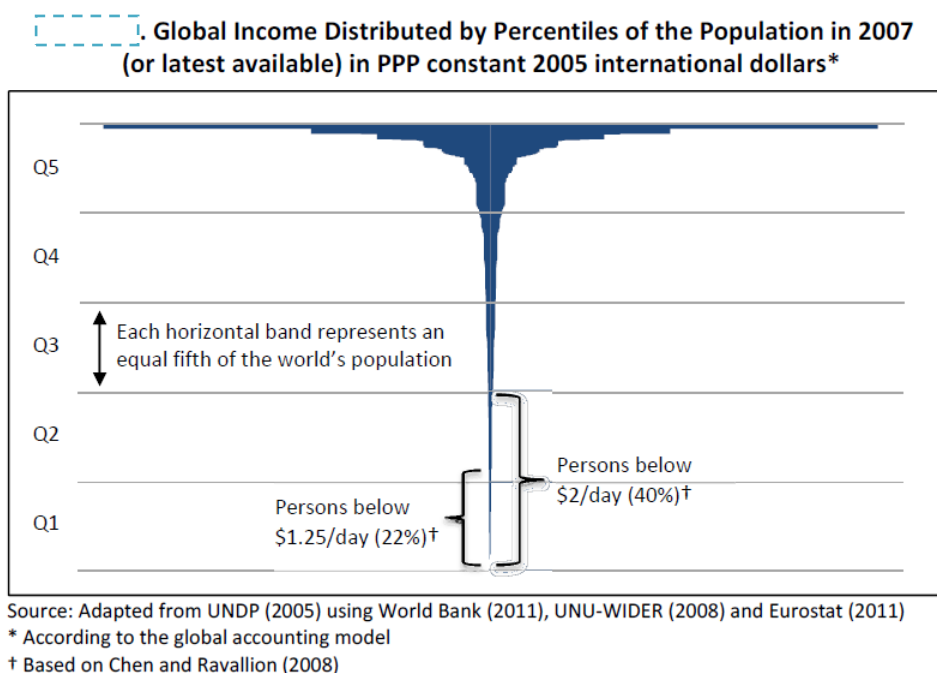
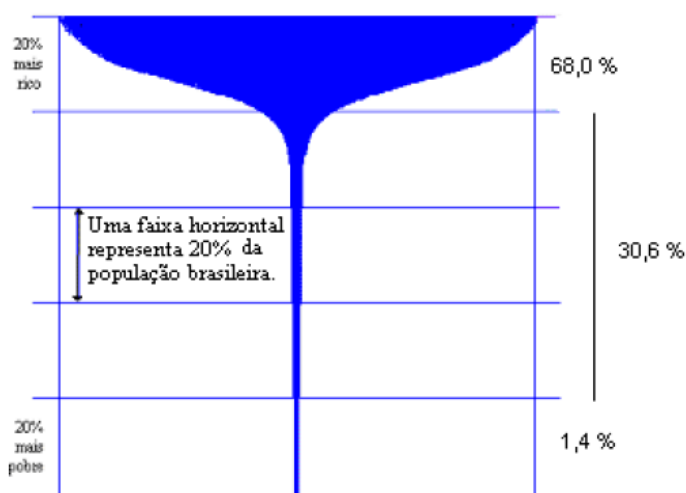


Gráfico 3 – Concentração de Renda no Brasil

Concentração de Renda no Brasil - Ano 2000



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano

Fonte: Material didático Euclides Mance: Gaia Bahia, 2012.

Os dados expostos mostram o quanto esta realidade é cruel, socialmente injusta e insustentável. Cada faixa nos gráficos corresponde a 20% da população, da

mais rica à mais pobre, tanto no mundo (Gráfico 2) como no Brasil (Gráfico 3), demonstrando a grande concentração da riqueza em apenas 1/5 da população, nos dois casos.

O papel de destaque que o mercado capitalista e sua cultura consumista vêm desempenhando atualmente não tem se traduzido em bem estar ou aumento da felicidade, mesmo para os que podem consumir. Ao contrário, vemos crescer uma grande massa de excluídos do sistema, a violência, o medo, o individualismo crescente.

Viveret traz outra reflexão: “Quem são os novos bárbaros contra os quais temos que nos proteger absolutamente?” E responde mais adiante: “A humanidade é ameaçada pela sua inumanidade, pela sua barbárie interior. Eis aqui a primeira lição a aprender: a questão da barbárie, da não civilidade é interior e não exterior” (VIVERET, 2012, p. 40).

Apesar de vivermos num mundo globalizado, onde fluxos de informação circulam em grande velocidade através das mais diversas mídias, redes sociais, entre outros recursos disponíveis, os esforços para alterar esta realidade ainda são pequenos. Alguns pensadores e humanistas, como Viveret (2012) e Morin (2008), têm enfatizado a necessidade de uma mudança interna. Esta mudança, a meu ver, pode ser traduzida num maior compromisso de todos, com solidariedade e com as causas sociais globais, a partir do entendimento de que fazemos parte de uma única humanidade. Esta visão, se internalizada, pode impulsionar as mudanças externas que possam refletir na busca de uma sociedade global mais justa e sustentável. Esta é uma das reflexões que estamos sendo convidados a fazer, caso desejemos construir uma nova realidade.

A breve história humana, contada nas linhas a seguir, é baseada na obra de Tofler (1980) e descreve, de maneira sintética, três grandes ondas de transformações pelas quais a humanidade passou e as diferentes relações com a natureza à medida que foi evoluindo, expandindo e conquistando novos horizontes, criando cidades maiores e sociedades mais complexas e tecnológicas.

2.2 UM OLHAR NA HISTÓRIA

Para entender como a humanidade chegou até aqui, farei uma breve síntese da história humana usando a visão de Toffler, que comprime e simplifica a história da humanidade em três grandes ondas: a Revolução Agrícola, a Revolução Industrial e a fase pós-industrialização ou a Revolução Tecnológica. O autor traz a metáfora das “ondas de mudanças” para descrever o que ele considera as três grandes transformações vividas pela humanidade através dos milênios e que transformaram sua visão de mundo.

Para o autor, a Primeira Onda de mudança teve início há aproximadamente 10.000 anos, quando houve a Revolução Agrícola, coincidindo com a Revolução Neolítica. O homem avança lentamente através do planeta, espalhando aldeias e colônias, formando comunidades permanentes, cultivando a terra, inaugurando um novo modo de vida. A revolução agrícola traz mudanças significativas na vida da humanidade, mas todo e qualquer referencial perceptivo para as ações e feitos humanos estavam baseados na observação da natureza, na mudança dos seus ciclos e na observação dos astros (TOFFLER, 1980).

A Segunda Onda se inicia com a Revolução Industrial, denominada pelos historiadores da Idade Moderna, que, respaldada pela ciência, teve a máquina como principal aliada. Fomos perdendo a certeza de um universo governado por Deus e pelos elementos da natureza e depositamos na ciência a certeza de que ela resolveria todas as nossas questões. Para tanto, devíamos nos despir das crenças e superstições anteriores e nos pautar no ceticismo científico, rejeitando qualquer afirmação sobre os fenômenos da vida e da natureza que não fossem comprovados pelas leis da ciência.

Essa nova onda, de menor duração – trezentos anos –, visto que a primeira levou alguns milênios, penetra mais rapidamente nos vários cantos do mundo, causando grande impacto nas culturas que a absorveram. Trouxe consigo tecnologias mais poderosas, cidades maiores, transportes mais rápidos, educação em massa e coisas semelhantes (TOFFLER, 1980, p. 29).

Inicia-se aí a produção industrial em larga escala, para uma grande massa de compradores o lucro é a mola mestra desta nova sociedade que emergia.

“Expandia-se o nível de consumo entre as classes médias e classes trabalhadoras mais altas. Havia um relacionamento entre o novo papel passivo do comprador e aquilo que parecia ser um novo estímulo ao consumo, [...] consumidores gastando mais para possuir mais” (SENNETT, 1999, p. 182).

A relação ser humano/natureza altera-se radicalmente. A natureza passa a ser vista apenas como um grande depósito de matéria-prima que está disponível, não só para suprir as nossas necessidades básicas, mas também para atender à crescente demanda de conforto e consumo. Trata-se de uma relação de domínio, poder e exploração dos recursos naturais, sem nenhuma preocupação com os impactos nos ecossistemas e com a finitude de suas reservas.

A partir do século XIX, a expansão do capitalismo pelo mundo reuniu numa mesma teia de relações, diferentes povos e culturas. As relações comerciais e a industrialização aproximaram regiões, transpuseram oceanos e promoveram uma incessante mobilização de populações de um ponto a outro do planeta. Nesse panorama, que se prepara para a globalização, uma sociedade complexa e múltipla se instaura abalando os alicerces do modelo de nação e cultura desenvolvido na Europa. (COSTA, 2005, p. 19)

Neste contexto, entramos na Terceira Onda, a era das sociedades pós-industriais, que marca a entrada do século XX. Cidades mais populosas, mais oportunidades de trabalho, estudos e negócios. As cidades se verticalizam para abrigar o enorme contingente de imigrantes que chegavam de todas as partes do país e do mundo.

Outra característica marcante da Terceira Onda é a globalização, que se caracteriza por grandes fluxos de informação em redes, trazidos pela revolução da informática, que transformou, de modo decisivo, as relações de poder tradicionais e trouxe a promessa de ampliar seus benefícios a todos. Para Capra (2002 p. 159), “nesta *sociedade em rede*, como a chama Castells, a geração de novos conhecimentos, a produtividade econômica, o poder político e militar e os meios de comunicação de massa estão todos ligados a redes globais de informação e riqueza”. O autor complementa:

Segundo a doutrina da globalização econômica – conhecida como “neoliberalismo”, [...] criar-se-á uma expansão na economia global, e o crescimento econômico fará diminuir a pobreza, pois seus benefícios, como uma reação em cadeia, chegarão a todas as pessoas, até mesmo as mais pobres [...] Castells mostra com clareza que este raciocínio é fundamentalmente equivocado. O capitalismo global não alivia a pobreza e a exclusão social; muito pelo contrário, agrava-as. Os economistas empresariais sempre excluíram de seus modelos de análise, os custos sociais da atividade econômica, como a economia convencional ignorou o custo ambiental. (CAPRA, 2002 p. 156-157)

Apesar de alguns estudiosos descreverem um panorama sombrio num futuro próximo, por conta do desrespeito à natureza e ao enorme fosso social que aumenta a pobreza e a miséria, sinto-me alentada pela abordagem de Toffler sobre a Terceira Onda, que é desafiante, porém, otimista.

Tão profundamente revolucionária é esta civilização, que desafia todas as nossas velhas pressuposições. Velhos modos de pensar, antigas fórmulas, dogmas, e velhas ideologias, por mais úteis que tenham sido no passado, não mais se adaptam aos fatos. O mundo que está emergindo rapidamente do choque de novos valores e tecnologias, novas relações geopolíticas, novos estilos de vida e novos modos de comunicação, exigem novas ideias e analogias, novas classificações e conceitos. [...] Enfrenta uma sublevação social e a reestruturação criativa mais profunda de todos os tempos. [...] Enfim, poderá resultar com alguma ajuda inteligente, na nossa primeira civilização verdadeiramente humana da História registrada. [...] Este é o significado da Terceira Onda. (TOFFLER, 1980, p. 24-25)

Capra em “Conexões Ocultas” usa também a metáfora das ondas, para trazer outros elementos para nossa reflexão. O autor diz que vivemos hoje a transição entre duas ondas e temos a chance de construir uma nova civilização, que valorize e equilibre a balança entre a razão, os sentidos e a intuição. Sabemos que todas as mudanças e o conforto, trazidos pelas novas tecnologias, têm beneficiado e facilitado a vida dos habitantes dos grandes centros urbanos, até mesmo dos que habitam os lugares mais distantes, numa velocidade jamais imaginada, há apenas algumas décadas. Este novo modo de viver e pensar nos trouxe muitos benefícios e conforto material, mas também o individualismo exacerbado, a satisfação do aqui e agora, que tem se traduzido na ausência de valores e de sentido para a vida, a conseqüente e rápida destruição dos recursos naturais do planeta, que estão sendo

vorazmente transformados em objetos de consumo de grandes massas (CAPRA, 2002).

Estamos vivendo o encontro de duas grandes ondas que estão em rota de colisão. De um lado, está a ascensão do capitalismo global, baseado em redes eletrônicas de fluxos financeiros, de informações, e de consumo exacerbado que degrada e destrói vorazmente os recursos do planeta e, do outro, a urgente necessidade da criação de comunidades economicamente sustentáveis. Um grande desafio, que exigirá de nós uma profunda mudança no sistema de valores que está por trás da atual economia global, que seja compatível com uma melhor qualidade de vida para todos, sem privilegiar apenas uma elite, e garanta a sobrevivência e a sustentabilidade da humanidade no planeta. (CAPRA, 2002, p. 124)

Não podemos ignorar que os avanços tecnológicos são essenciais para a vida contemporânea e que não podemos mais viver sem eles. Todavia, não podemos colocá-los numa posição acima da vida dos seres humanos e nem dos impactos que sua produção excessiva causa ao planeta, como temos feito.

Uma comunidade humana sustentável terá que ser planejada de maneira tal que os seus estilos de vida, tecnologias e instituições sociais respeitem, apoiem e cooperem com a capacidade inerente da natureza de manter a vida. [...] O primeiro passo deste empreendimento terá que ser o conhecimento bastante pormenorizado de como a natureza sustenta a Teia da Vida e de como os ecossistemas se organizaram para sustentar os processos vitais básicos através de bilhões de anos de evolução. (CAPRA, 2006, p. 13-14)

A ciência tem nos ajudado a entender o funcionamento da “Teia da Vida”, usando o termo de Capra, não mais cabendo a desculpa da ignorância e da incompreensão dos seus sistemas. Pensadores e pesquisadores ambientalistas apontam diversos caminhos que podem nos ajudar na concretização das mudanças necessárias para vivermos num mundo melhor, mais sustentável e justo. Sabemos que este é um trabalho hercúleo e, por isto mesmo, não terá um único “salvador”, nem podemos deixar apenas a cargo de governos ou instituições. Os esforços para a mudança devem ser de cada um de nós e todos juntos, cada um fazendo a sua parte. Começando com pequenas mudanças nos hábitos cotidianos, conseguiremos avançar e fazer as mudanças necessárias, rumo à tão sonhada sociedade

sustentável. Não sem razão que o tema dedicado ao relatório da WWI em 2010 foi *Transformando Culturas: do consumismo à sustentabilidade*.

2.3 SUSTENTABILIDADE: O QUE, POR QUE E PARA QUE?

Estamos batendo em barreiras importantes, como diz Leonard, “para que um sistema exista dentro de outro, deve se respeitar os limites do primeiro”. Esta lei simples e fundamental não tem sido respeitada e creio que todos sabem que existe uma quantidade de recursos materiais, que não irá aumentar em volume pelo simples fato de estamos num planeta finito. “E a máquina fatal do extrair-fazer-descartar é parte de um sistema econômico falho” (LEONARD, 2011, p. 20-21). Talvez, seja esta a razão para que o termo “desenvolvimento sustentável” tem sido amplamente discutido na contemporaneidade e as mudanças e escolhas de hoje (Figuras 1 e 2) serão cruciais para nos colocar na direção de um cenário mais animador no futuro.

Nada é mais importante para os seres humanos do que uma biosfera economicamente funcional e que sustente a vida na Terra. É o único lugar habitável que conhecemos num universo hostil. Todos nós dependemos dela para viver e somos compelidos a partilhá-la. A biosfera parece quase magicamente apropriada para os seres humanos e de fato é, pois nós evoluímos através de eras de imersão nela. Não podemos viver bem ou por muito tempo sem uma biosfera funcional. Portanto, ela vale tudo que temos. (JOSEPH GUTH, 2007, *apud* LEONARD, 2011, p. 14)

Figura 1 - Desmatamento na Amazônia



Figura 2 - Madeireira no Pará



Fonte: Veja 40 anos: O Brasil que queremos ser. Serraria em Moraes Almeida (PA) site: Portal Brasil

Se a humanidade estivesse em outro nível de compreensão sobre as questões postas pelo tema da sustentabilidade, a fala do Joseph Guth deveria nos parecer óbvia, mas infelizmente ainda não é, pelo menos, para a maioria das pessoas que habitam este planeta. Todos sabem que a Terra é o nosso único lar, mas “juntar as pontas” desta teia, que vai desde a exploração de matéria prima à produção, o mercado, o consumo e descarte, a publicidade, a qualidade de vida e tantas outras “pontas soltas” desta grande rede, é o desafio posto a todos nós. Precisamos nos tornar “mestres e aprendizes”³ para que possamos nos mover mais rapidamente para a ação.

Outra importante questão está relacionada ao nosso modo de vida e consumo, na busca constante por uma melhor qualidade de vida, bem estar e felicidade. Pesquisas têm mostrado que o consumo e o poder de compra não são indicadores de bem estar ou de felicidade. A família, amigos, saúde e um bom lugar para viver são essenciais para que possamos ter uma boa qualidade de vida.

2.3.1. Aspectos Conceituais

O termo sustentabilidade, aplicado ao desenvolvimento da sociedade humana, foi usado pela primeira vez em 1987 pela comissão que produziu o relatório *Nosso Futuro Comum*, publicado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU. Foi legitimado na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, em junho de 1992, que ficou conhecida com ECO-92. Para Veiga, sua definição não é simples porque implica numa série de análises complexas nas áreas da ecologia, economia e social.

A partir do mencionado relatório, tornou-se conhecida a definição de sustentabilidade como a capacidade de atender as nossas necessidades materiais atuais, sem comprometer a condição das futuras gerações em suprir suas próprias necessidades, ou seja, deixar para os futuros habitantes um planeta com condições iguais de recursos naturais, tanto quanto a que encontramos ou herdamos dos nossos antepassados. No âmbito da ecologia, a sustentabilidade está aliada com a noção de resiliência: a capacidade de reorganização de um determinado

³ Expressão usada pela Dra. Neyde Marques (*in memoriam*), vinculada à ADM/UFBA.

ecossistema, após um choque ou grande desgaste, atingindo uma nova homeostase (VEIGA, 2010).

Capra (2006) afirma ser este um conceito importante, que tem uma função “moral” e deve estar contido no currículo educacional. No entanto, torna-se fundamental um conceito operacional. Nesse sentido, o autor define sustentabilidade como capacidade adquirida a partir de uma alfabetização ecológica que interligue todos os membros da família terrena e suas múltiplas relações e atinja vários segmentos da sociedade, como políticos, empresários, administradores, economistas, entre outros.

O mesmo autor argumenta que é preciso ensinar esses conceitos e os diferentes aspectos de um mesmo padrão fundamental de organização. Entre eles, estão: as *redes*, como sistemas de organização, de relações, suporte e diálogo; os *sistemas aninhados*, sistemas dentro de outros sistemas ou redes dentro de redes com diferentes níveis de complexidade; a *interdependência*, entender que os ecossistemas são interdependentes e nenhum organismo individual existe isoladamente; a *diversidade* é o que capacita os sistemas a se recuperar rapidamente em função da sobreposição de funções; os *ciclos* representam a capacidade da teia da vida estar em constante movimento e se reciclando; como os *fluxos* de energia não se renovam rapidamente, devemos reduzir o consumo das energias não renováveis; o *desenvolvimento* implica em constante aprendizagem, onde indivíduos e meio ambiente adaptam-se mutuamente e continuamente; o *equilíbrio dinâmico* é o processo de auto-regulação e auto-organização dos ciclos ecológicos (CAPRA, 2006, p. 51-57).

Entender a abordagem sistêmica é essencial para a compreensão da questão da sustentabilidade.

A compreensão sistêmica baseia-se no pressuposto de que a vida é dotada de uma unidade fundamental, que os diversos sistemas vivos apresentam padrões de organização semelhantes. Esse pressuposto é corroborado pela observação de que a evolução operou bilhões de anos sem deixar de usar reiteradamente os mesmos padrões. [...] O padrão em rede, especificamente, é um dos padrões de organização mais básicos de todos os sistemas vivos – desde as redes metabólicas das células até as teias

alimentares dos ecossistemas – os componentes e os processos dos sistemas vivos se interligam em forma de rede. (CAPRA, 2002 p. 93)

Outra perspectiva importante é a da sustentabilidade econômica, que propõe outros indicadores de desenvolvimento, pois se sabe que o PIB e IDH são baseados na riqueza enquanto atividade mercantil, ignorando a depreciação dos recursos naturais e humanos e nos índices de educação e expectativa de vida ao nascer. O PNUD lançou, em 1990, o GPI, que propõe rever as medidas de desempenho econômico, traz índices diferenciados de qualidade de vida e leva em conta a sustentabilidade ambiental, ao incluir lazer, meio ambiente, segurança, entre outros. Porém, ainda não surgiu um indicador capaz de satisfazer este complexo modelo de desenvolvimento, que sustente uma transição para um modelo mais avançado de economia (VEIGA, 2010).

Não há como escapar, portanto, do dilema do crescimento. E seu debate vai exigir rompimento mental com uma macroeconomia inteiramente centrada no aumento ininterrupto do consumo, em vez de um continuísmo pretensamente esverdeado por proposta de ecoeficiência – mas que jamais vai poder deter o aumento da pressão sobre os recursos naturais. Para a sustentabilidade, é necessária uma economia que, além de reconhecer os sérios limites naturais à expansão das atividades econômicas, rompa com a lógica social do consumismo. Infelizmente, é forçoso constatar que tal macroeconomia inexistente. (VEIGA, 2010, p. 28)

Vale ressaltar que a questão da sustentabilidade não está apenas relacionada com a preservação dos ecossistemas planetários, as questões econômicas e as questões sociais. Está também diretamente relacionada com a preservação e a manutenção da espécie humana neste planeta. Veiga (2010) levanta uma questão importante que merece aqui ser mencionada:

“Salvar o planeta”, todavia, é uma expressão tão falsa quanto presunçosa. Pois nada que a espécie humana possa fazer chegará a afetar a Terra. Ao contrário do que este slogan faz pensar, não é o planeta que está sendo posto em perigo pelos drásticos impactos ambientais contemporâneos. Nunca será demais repetir que o que está na berlinda é a possibilidade de a espécie humana evitar que seja acelerado o processo de sua própria extinção. Essencialmente pela depleção de boa parte dos ecossistemas que constituem a biosfera. (VEIGA, 2010, p. 34)

Sabe-se que a questão da sustentabilidade está associada às várias dimensões da vida. Sachs (2002) traz uma contribuição que amplia a visão do conceito do desenvolvimento sustentável, agregando três dimensões: a Social, que se refere a uma distribuição de renda justa e acesso aos recursos e serviços sociais; a Ecológica, que se refere à preservação dos recursos naturais e limites para sua exploração; a Econômica, trazendo questões como segurança alimentar, modernização dos instrumentos de produção, autonomia em pesquisa científica e tecnológica, dentre outros temas.

Mais tarde, o autor incorporou outras cinco dimensões, que ampliaram ainda mais o conceito da sustentabilidade, como: a *Cultural*, através do equilíbrio e respeito às culturas tradicionais e à inovação, valorizando os saberes, mas com abertura para o novo e para o mundo; a dimensão *Ambiental*, que respeite a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais; a *Territorial*, que se refere a configurações urbanas e rurais mais equilibradas e estratégias de proteção a áreas ecologicamente frágeis; e a dimensão *Política*, que ele divide: em *Política Nacional* – que respeite os direitos humanos e a implementação de um projeto nacional em parceria com empresas e com participação social; *Política Internacional* – uma ONU com mais efetividade contra guerras e a promoção da paz, princípios de igualdade entre os povos, controle mais efetivo no sistema internacional financeiro e gestão do patrimônio global como herança comum da humanidade (SACHS, 2002).

Ao trazer todas estas dimensões, Sachs confere ao tema do desenvolvimento sustentável uma visão holística, destacando a valoração de culturas, pessoas, costumes e saberes, sinalizando para a construção coletiva e participativa de um novo paradigma civilizatório.

Aos poucos, estes conhecimentos estão sendo estudados e pesquisados pela academia. Podendo vir a respaldar e impulsionar as pesquisas, de forma que estes conhecimentos sejam incorporados e se tornem estruturantes dos currículos, desde o ensino fundamental até o terceiro grau.

Abaixo, cito alguns dos principais movimentos e esforços a nível global na tentativa de discutir e redesenhar o modelo de desenvolvimento vigente.

2.3.2. Momentos Importantes – Conferências e Propostas

Nas últimas quatro décadas, o tema da sustentabilidade tem sido largamente debatido, a partir das conferências das Nações Unidas, que foram fundamentais para ampliar as discussões no âmbito internacional sobre o tema, reunindo governos, instituições públicas e privadas, sociedade civil, ambientalistas, educadores, cientistas e pesquisadores das mais diversas áreas. “As conferências da ONU foram três grandes momentos globais do processo de legitimação desse novo valor que é a “Sustentabilidade” (VEIGA, 2010, p. 40).

Em 1972, aconteceu a Conferência de Estocolmo, a primeira convenção mundial realizada pelas Nações Unidas, cujo tema foi o *Homem e o Meio Ambiente*. O uso indiscriminado dos recursos naturais e os graves acidentes ambientais, que vinham sendo observados em vários locais do planeta, delinearam um campo de debate com o objetivo de pensar caminhos para harmonizar a convivência entre o homem e a natureza.

Em 1992, a segunda Conferência das Nações Unidas, realizada no Rio de Janeiro, cujo tema foi *Meio Ambiente e o Desenvolvimento*, também conhecida como ECO 92, contou com a participação de 172 países. Esta convenção gerou vários documentos que visavam promover ações efetivas e estratégias para conter a degradação ambiental. Foram aprovados: Agenda 21; Convenção da Biodiversidade; Convenção da Desertificação; Convenção das Mudanças Climáticas, Declaração de Princípios sobre Florestas; Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento; e a Carta da Terra (AFONSO, 2006).

Em junho de 2012, foi realizada a última grande Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio+20, com a participação de 192 países membros da ONU, cujos representantes trataram de temas como economia verde, produção e consumo sustentável, erradicação da pobreza e segurança alimentar. Esta conferência mobilizou grande número de dirigentes mundiais, instituições formais e não formais, e contou com grande participação da sociedade civil. Infelizmente, mais uma vez, o teor do documento final, intitulado *O Futuro que Nós Queremos*, ficou a desejar. No texto, uma lista de promessas propõe avançar para uma “economia verde”, que freie a degradação do meio ambiente, combata a pobreza e reduza as desigualdades, porém, não se chegou a um acordo sobre as

origens dos recursos para se realizar essa transformação ou as formas de implementar as propostas (PRONER, 2012).

O Fórum Social Mundial, ocorrido a cada dois anos desde 2002, é outro evento relevante que trouxe um novo olhar para as questões emergentes que ora enfrentamos. Tornou-se um importante componente de resistência contra-hegemônica ao capitalismo globalizado, como bem define Boaventura Santos:

Um conjunto das iniciativas de intercambio transnacional entre movimentos sociais, organizações não governamentais (ONGs) e os seus conhecimentos e práticas das lutas sociais locais, nacionais e globais, levadas a cabo em conformidade com a Carta de Princípios de Porto Alegre contra as formas de exclusão e de inclusão, de discriminação e igualdade, de universalismo e particularismo, de imposição cultural e relativismo produzido ou permitido pela fase atual do capitalismo conhecida como globalização neoliberal. (SANTOS, 2005, p. 15)

Para Santos, o FSM busca alternativas para a globalização neoliberal e, apesar da dimensão utópica dada ao Fórum, por integrar vários mundos possíveis e tentar escapar à perversão do atual sistema de mercado, trata-se de um movimento que busca alternativas em múltiplos ideais que visam o bem comum e uma sociedade mais justa para todos. Nestas reflexões trazidas pelo Fórum, se deseja uma utopia radicalmente democrática (SANTOS, 2005, p.17).

Edgar Morin também traz uma interessante proposta na obra “A nova configuração mundial do poder”, no caso, a mudança da noção de desenvolvimento por uma Política da Humanidade (antropolítica), que teria como missão principal solidarizar o planeta, criar uma agência *ad hoc*, ou seja, para esta finalidade, das Nações Unidas que disporia de fundos para ajudar aos povos mais carentes e sofredores do planeta. O autor sugere uma governança democrática mundial, que trabalhe para resolver as questões globais, como a fome, saúde, armamento, economia, ecologia e cultura. Também se ocuparia da salvaguarda dos bens planetários comuns, como água, energia, entre outros. Porém, aponta um grande obstáculo, que é a própria humanidade e resume “a imaturidade do Estado, dos espíritos e da consciência, ou seja, fundamentalmente, a imaturidade da própria humanidade ainda por se realizar” (MORIN, 2008, p. 178-179).

Quando olhamos para esta realidade e o poder de toda a estrutura montada pelo sistema econômico, vemos o tamanho do desafio que nos aguarda. Porém, ao longo da história da humanidade, observa-se que as mudanças aconteceram, por mais difíceis que fossem, às suas configurações e conformações políticas ou sociais. Quando estamos imbuídos da força interna que nos move para a mudança que desejamos, ela acontece. Moacyr Gadotti (2000) afirma que, a questão ambiental e da sustentabilidade tem uma força intrínseca, capaz de gerar as mudanças necessárias, porque estamos lidando com uma questão humana fundamental, a nossa sobrevivência no planeta.

No capítulo seguinte, são apresentados alguns exemplos alentadores de processos de mudanças que estão acontecendo no Brasil e no mundo.

3. ALGUNS CAMINHOS POSSÍVEIS

Neste capítulo, traremos algumas experiências de grupos e comunidades em várias partes do mundo, que, nos últimos 50 anos, vêm trilhando um caminho na direção de uma vida mais sustentável. Mostraremos também algumas destas experiências no Brasil e como estes grupos estão trabalhando na formação de multiplicadores, disseminando suas práticas, permitindo que um número cada vez maior de pessoas se torne agente de transformação, preocupados em contribuir com a melhoria da vida nas cidades ou comunidades.

Nos grandes centros urbanos, os desafios são ainda maiores, uma vez que o adensamento populacional ajuda a compor uma complexa configuração no ambiente urbano. Questões como mobilidade, segurança, poluição, grande produção dos resíduos sólidos, consumo exacerbado de água, energia, entre outros, vêm exigindo a ampliação da compreensão acerca da multidimensionalidade dos seus problemas (Figuras 3 e 4). Segundo dados do IBGE, o Brasil passou de um país rural a urbano, em 60 anos. Em 1940, a população urbana era de 31,3% e, no ano 2000, atingimos a casa dos 81,2%. Não sem razão que, nas últimas décadas, as paisagens urbanas vêm sofrendo drásticas alterações, devido ao crescimento acelerado e desordenado e ao adensamento populacional. Este panorama tem provocado grandes alterações geomorfológicas, devido a grandes impermeabilizações das superfícies urbanas, redução das áreas verdes, movimentos de massa e aterros, assoreamentos, cortes de taludes, enfim, um conjunto de ações que tem contribuído para o agravamento da crise ambiental urbana (OLIVEIRA, 2011).

No Brasil, a ocupação urbana é caracterizada por um poderoso mercado imobiliário, que se apropria das melhores áreas das cidades e, como são raros os programas da gestão governamental que priorizam áreas destinadas à moradia popular, esta camada da população passa a ocupar áreas periféricas que, em sua maioria, são impróprias para edificações. Sem infraestrutura de água, esgoto e demais serviços básicos, estão em constante vulnerabilidade aos desabamentos, alagamentos e inundações, o que contribui para agravar a crise ambiental urbana (OLIVEIRA, 2011).

Figura 3 - Cidade de São Paulo



São Paulo, foto: Nilton Fukuda/AE
Site: estado.com.br

Figura 4 - Mobilidade nas Megacidades



Fonte: Veja 40 anos: O Brasil que queremos ser –

Repensar a nossa forma de viver tem sido constantemente colocado na pauta das mídias diárias. Estamos num momento de transição e se desejamos seguir rumo a um futuro melhor e mais justo para todos, devemos honrar tanto as contribuições oferecidas pela modernidade como aquelas associadas à nossa história ancestral, reconhecendo o que foi bom e útil, tendo a coragem de deixar para trás tudo o que não nos serve mais, por já sabermos onde está nos levando. Viveret (2012) traz uma rica contribuição:

Qual a saída destes tempos de modo a aproveitarmos melhor a modernidade? Sair da modernidade pelo seu lado sombrio nós sabemos fazer. [...] Mas o que significa sair da modernidade pela porta da frente? Significa ser capaz de tirar o melhor da modernidade e fazer o mesmo exercício ao lado das sociedades tradicionais – não ocidentalizadas – que, tanto do ponto de vista histórico quanto geográfico constituem ainda a maior parte das sociedades mundiais. (VIVERET, 2012, p. 38)

Como pontos positivos da modernidade, o autor ressalta todas as formas de emancipação, liberdade de consciência e individuação – não reduzida ao individualismo, os direitos humanos, a emancipação e os direitos da mulher, a liberdade de crenças religiosas. Traz uma questão fundamental pouco explorada, a *inteligência emocional*, mas que ela possa migrar de um conceito individual para uma questão coletiva e, desta forma, poderia ser evitada a “ciência sem

consciência”. E completa: “a face positiva da racionalidade só será conseguida se for amalgamada com a “sensibilização do coração” (VIVERET, 2012, p. 41).

Para o autor, guardar o melhor das sociedades tradicionais é manter a relação de proximidade com a natureza, relações interpessoais mais fortes e presentes e as questões que nos remetam ao sentido e à essência da vida. E deixar para trás a alienação, a relação de submissão à fatalidade, controle social sufocante excluindo as minorias e todas as dependências nocivas que estes modelos podem conter (VIVERET, 2012, p. 45).

Interessante notar que as observações de Viveret sobre o que tem de melhor na modernidade e nas culturas tradicionais têm sido cultivadas, em sua maioria, pelas ecovilas há mais de 50 anos. As ecovilas baseiam suas ações em alguns ensinamentos dos povos tradicionais e sua relação com a natureza, ao tempo em que estão “antenas” com as tecnologias inovadoras e sustentáveis que podem facilitar e ajudar a vida na comunidade. Por este motivo, vêm inspirando o surgimento de movimentos em prol da sustentabilidade, como será visto a seguir.

3.1. O MOVIMENTO DAS ECOVILAS E O PROGRAMA GAIA EDE

Há mais de cinquenta anos, no rastro dos movimentos da contracultura, começou um movimento de pequenos grupos de pessoas em todo o mundo, que se deslocaram dos grandes centros urbanos para viver nos campos e construir um estilo de vida mais integrado à natureza. Estes movimentos trazem uma perspectiva contra hegemônica ao sistema econômico do capital, que sabemos imprime um estilo de vida que adoce os seres humanos e o planeta. Eram os visionários de um futuro que não tardaria a chegar e criaram o que chamamos hoje de ecovilas (Figuras 5 e 6). Atualmente, existem mais de 15 mil ecovilas distribuídas em todo o mundo. Segundo Dawson (2010),

A definição de ecovilas usualmente aceita formulada em 1991 pelo editor de *In Context*, Robert Gilman, são assentamentos multifuncionais dimensionados para a vida humana onde as atividades do homem estão integradas harmoniosamente à natureza, de forma sustentável para o desenvolvimento humano saudável, e são capazes de persistir com êxito

por tempo indeterminado. (DAWSON, 2010, *apud* Relatório WWF, 2010, p. 201)

Outra característica marcante das ecovilas é a utilização da permacultura, um método de desenho de áreas produtivas que respeita os ciclos e o sistema natural tornando a produção sustentável. Criada na Austrália, no final da década de 1970, pelo professor universitário Bill Mollinson e pelo ecologista e escritor David Holmgren, tem como premissa básica a observação da natureza e o planejamento da área para o melhor aproveitamento do espaço. Assim, define-se a localização da casa e demais elementos (hortas, galinheiro, etc.), identificando as fontes de energia disponíveis e o tratamento dos resíduos onde os dejetos de uma produção viram substrato para outra, criando um sistema circular, que se aproxima dos modelos semelhantes ao da natureza ⁴. As considerações de Freitas complementam essa caracterização:

As ecovilas, através de seus membros e designers, utilizam todas as ferramentas permaculturais para planejarem seus assentamentos e atuarem em sua bio-região. Buscam fazer, em sua atuação, o máximo de conexões onde o resultado de um processo é a entrada para outro, praticamente eliminando os resíduos negativos do sistema e maximizando os recursos. Passando de um sistema linear, como o das aglomerações urbanas da sociedade industrial-capitalista para um sistema fechado e cíclico que imita, fortemente, a natureza. (FREITAS, 2009, p. 19)

Os princípios básicos da permacultura, reforçados pelas ecovilas, são: a ética de cuidado com o planeta; o cuidado com as pessoas e a partilha dos excedentes; tudo está conectado; cada componente deve ter pelo menos duas funções; usar recursos biológicos; criar sistemas em pequena escala; aproveitar a diversidade; observar e copiar o desenho da natureza e transformar os problemas em solução. Para Mollinson (*apud* LEGAN, 2007, p. 26), “fazendo o planejamento com a natureza e não contra ela, podemos criar paisagens que operam como um sistema saudável, onde a energia é conservada, os desperdícios eliminados e os recursos são abundantes”.

⁴ Disponível em www.ecocentroipecc.org-vidasaudavel-permacultura, acesso em out. de 2013

O material didático do programa Gaia EDE cita algumas das principais práticas que podem ser encontradas nas ecovilas em todo o mundo, com diferenciações quanto à inclusão e ao modo de operacionalização destas práticas de acordo com os hábitos e culturas locais:

- Produzem e cultivam localmente seus alimentos, seguindo princípios da agricultura orgânica e da permacultura;
- Constroem suas casas usando princípios da bioconstrução – construções com materiais sustentáveis do local ou oriundo de regiões próximas;
- Utilizam sistemas de energias renováveis, a exemplo de energia solar e eólica;
- Utilizam sistemas de captação e aproveitamento de água da chuva, como também fazem o tratamento de esgoto com tecnologia sustentável;
- Utilizam a economia solidária e as moedas sociais como base para as transações internas e também para as negociações externas, quando possível;
- Utilizam processos participativos de tomada de decisões, a exemplo do consenso e democracia profunda;
- Respeitam a diversidade cultural e espiritual;
- Entendem a saúde numa perspectiva sistêmica;
- Utilizam como base para a educação, a arte e a pedagogia transdisciplinar;
- E procuram celebrar a vida, as conquistas e o viver em paz e em harmonia com todos os seres.

Figura 5 - Ecovila de Tamera em Portugal



Figura 6 - Ecovila de Damanhur na Itália



Fonte: Disponível em www.genecovillage.org-home

Outra definição de ecovilas foi dada pela Rede Global de Ecovilas – GEN, que as considera comunidades intencionais ou tradicionais, que utilizam processos participativos locais para integrar de forma sustentável as diversas dimensões do humano: ecológica, cultural, econômica e social. Suas principais motivações são o compromisso de regenerar o ambiente natural e a reversão da desintegração das estruturas sociais e culturais sobre o planeta ⁵.

A GEN – Rede Global de Ecovilas é uma rede formada por comunidades sustentáveis e pelas iniciativas de transição, que abrange diferentes culturas, países e continentes, fornecendo informações, ferramentas, trocas de tecnologias e intercâmbios. Seus membros incluem desde grandes redes de aldeias sustentáveis, como a Sarvodaya (2000 aldeias sustentáveis no Sri Lanka), as grandes ecovilas, como Damanhur/Itália, Findhorn/Escócia, Auroville/Índia, pequenas ecovilas, rurais como a Huehuecoyotl/México, projetos de rejuvenescimento urbanos, como Los Angeles Ecovillage/EUA, Christiana EcoVillage/Copenhague, como também institutos e sites de *design* de permacultura e uma infinidade de outras iniciativas nos quatro cantos do mundo ⁶.

A GEN tem grande relevância para estes movimentos porque, além de criar uma confederação global de pessoas e comunidades, propiciando encontros e partilhas de ideias e tecnologias, fortalece seus ideais e propósitos: “Representamos faróis de esperança e ajuda na transição para um futuro sustentável para a terra, promovemos uma cultura de respeito mútuo, partilha, inclusão, intenção positiva e a troca de energia justa” ⁷.

Segundo Dawson, as ecovilas não são apenas locais de referência para os sistemas tecnológicos alternativos de sustentabilidade, como bio-construções, tratamentos de águas cinzas, energias renováveis, moedas comunitárias entre outras (Figuras 7, 8, 9 e 10). Existem outras contribuições que vão muito além das tecnologias, como a transformação radical de valores e consciência que tem como base quatro pilares: a desvinculação de crescimento com bem estar; reaproximar as pessoas dos lugares onde vivem; afirmar valores e práticas nativas; propor uma

⁵ Disponível em www.gen.ecovillage.org-ecovillages, acesso em out. de 2013.

⁶ Disponível em www.gen.ecovillage.org-ecovillages, acesso em out. de 2013.

⁷ Disponível em www.gen.ecovillage.org-ecovillages, acesso em out. de 2013.

ética educacional holística e experimental (DAWSON, 2010, *apud* Relatório WWF, 2010, p. 202).

Figura 7 – Ecos-campo Kibbutz – Israel

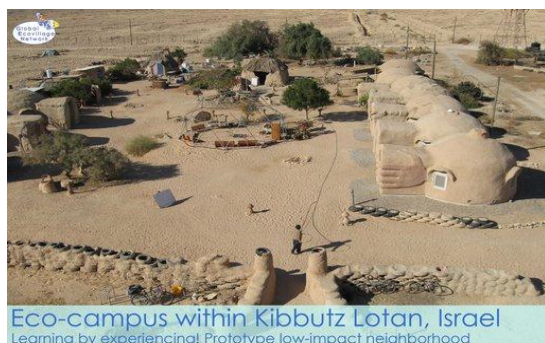
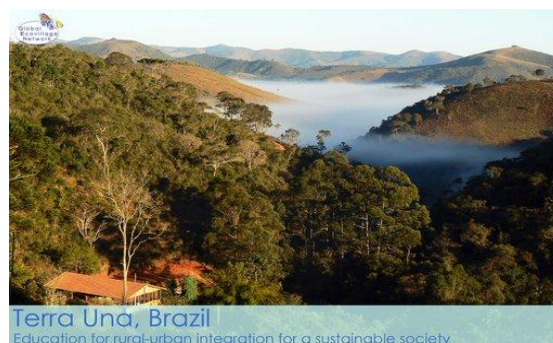


Figura 8 – Terra Uma – Brasil



Fonte: Disponível em www.genecovillage.org-home

Figura 9 – Ecovila de Auroville na Índia

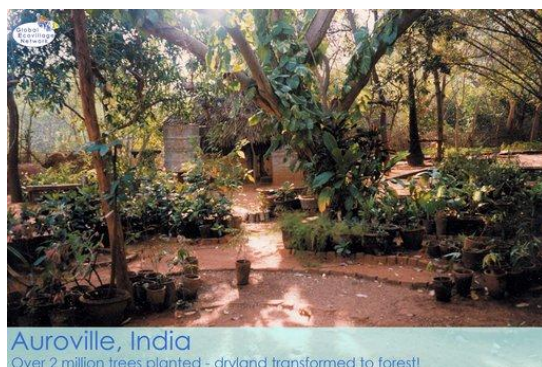


Figura 10 – Ecovila Findhorn na Escócia



Fonte: Disponível em www.genecovillage.org-home

Em 1998, as ecovilas foram oficialmente nomeadas na lista TOP 100 das Nações Unidas, que identifica as melhores práticas, como excelentes modelos de vida sustentável. Alguns estudos recentes, efetuados em diferentes países, revelaram que o impacto ecológico das ecovilas é significativamente menor que a média das comunidades convencionais. Em 2003, um estudo da Universidade de Kassel examinou as emissões de CO₂ em duas ecovilas na Alemanha: Sieben Linden e Commune Niederkunfunfen, constatando a redução de 28% e 42% respectivamente em emissões per capita que a média alemã. Nos Estados Unidos, no estado de NY, a ecovila de Ithaca foi estudada por duas universidades, Cornell e Massachusetts, quanto ao consumo de energia, ambas verificaram que o consumo da comunidade era mais que 40% inferior ao da média norte-americana.

Outro exemplo significativo é um estudo realizado na ecovila de Findhorn/Escócia, conduzido pelo *Stockholm Environment Institute*, que constatou a redução da pegada ecológica um pouco acima da média do Reino Unido e nas áreas de aquecimento doméstico e alimentos, uma redução por pessoa de 21,5% a 37 % da média nacional. Dawson destaca, através de evidências informais, que a qualidade de vida das ecovilas é certamente muito superior, comparado com as comunidades que funcionam com baixos níveis de renda, existindo um maior apreço da valorização de outras formas de capital, em especial, o social que contempla as relações comunitárias, a divisão do trabalho e a preservação ambiental (DAWSON, 2010, *apud* Relatório WWF, 2010, p. 202-203).

Desta forma, as ecovilas podem ser exemplos a serem seguidos, mostram que é possível viver de forma sustentável sem perder a qualidade de vida, se estivermos dispostos a repensar nosso estilo de vida e consumo. Sabemos que mudar paradigmas é transformar consciências e alterar a nossa visão de mundo e, portanto, requer esforço interno e ajuda mútua coletiva. Esta ação pode ser acelerada se investirmos mais em educação com ênfase na educação ambiental, que promova a leitura crítica da realidade e traga luz à consciência das consequências dos nossos hábitos e ações cotidianas, ao tempo em que nos coloque mais próximos à natureza e, desta forma, possamos desenvolver amor e respeito por ela.

O Curso Gaia, descrito abaixo, traz sinteticamente as sementes das principais experiências exitosas das ecovilas, podendo ser replicado em comunidades rurais ou urbanas.

3.1.1. O Programa Gaia EDE (*Ecovillage Design Education*)

O Programa Gaia EDE, traduzido, no Brasil, como Educação Gaia: Design em Sustentabilidade, é um curso introdutório de quatro semanas, disposto em quatro dimensões, a saber: social, ecológica, econômica e visão de mundo. Oferece aos participantes uma perspectiva sistêmica, que permite entender, refletir e analisar as interrelações entre estas dimensões e, assim, possibilitar o *design* necessário para implementar programas verdadeiramente sustentáveis. A intenção é que, a partir

das informações e vivências do programa em cada dimensão, os participantes se tornem capazes de viver de modo interativo os múltiplos aspectos da sustentabilidade.

O Programa EDE – Educação Gaia: Design em Sustentabilidade teve seu currículo elaborado pelos principais educadores das ecovilas. O projeto foi iniciado em 1998, quando estes educadores se reuniram na ecovila de Fjordvang/Dinamarca para criar um programa base de educação, com as mais bem sucedidas experiências das ecovilas. Outros encontros aconteceram até que, em 2004, o Gaia Trust, uma entidade que apoia projetos de sustentabilidade e permacultura em todo o mundo, convidou os educadores de Findhorn para estruturar o programa. O currículo foi estruturado nas quatro dimensões acima citadas. Também foram criados quatro grupos responsáveis por cada dimensão para formatar os conteúdos do curso.

Em 2005, durante a celebração dos 10 anos da Rede Global de Ecovilas – GEN, foram lançados o consórcio de educadores, GEESE – *Global Educators for Sustainable Earth* (Educadores de Ecovilas do Mundo para um Planeta Sustentável), e o Gaia Education: *Ecovillage Design Education* (Educação Gaia: Design em Sustentabilidade). No mesmo ano, o curso recebeu o endosso intelectual da UNITAR (Instituto para Treinamento e Pesquisa das Nações Unidas) tornando-se uma contribuição oficial à Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável da ONU (2005-2014) ⁸.

Em 2008, foi lançado o Projeto Educação Gaia para programa virtual e, em 2011, o Programa de Pós-Graduação Gaia, ambos em parceria com a UOC – Universidade Aberta da Catalunha, Espanha. O curso traz uma abordagem sistêmica e tem no seu currículo as boas práticas de desenho sustentável, utilizados nas ecovilas em todo o mundo. Atualmente, está presente em 34 países e seus coordenadores trabalham em parceria com comunidades urbanas e rurais, universidades, ecovilas, instituições governamentais e não governamentais ⁹.

⁸ Disponível em www.gaiaeducation.net-programmes-downloadEDEcurriculum-EDEportuguese, acesso em out. de 2013.

⁹ Disponível em www.gaiaeducation.net-programmes-downloadEDEcurriculum-EDEportuguese, acesso em out. de 2013.

Figura 11 – Logomarca do Educação Gaia



Segundo May East, Diretora do Gaia Education, a logomarca do Gaia é uma representação de gansos estilizados, escolhidos por representarem o espírito das ecovilas. A capacidade de voar em bandos de forma cooperativa, trocando a posição de liderança num processo circular e contínuo, possibilitando voarem por mais tempo juntos e percorrendo, assim, distâncias maiores como nos mostra o mapa do curso no mundo (Figura 12).

Figura 12 – Mapa do Curso Educação Gaia no Mundo



Fonte: site <http://gaiaeducation.org-home>. Acesso em out. de 2013

O currículo do Programa Educação Gaia trabalha com uma abordagem transdisciplinar, que pode ser definida como uma nova atitude, no sentido da capacidade multirreferencial e multidimensional do ser humano e do mundo. Implica numa postura sensível, intelectual e transcendental perante si mesmo e perante o mundo. “A transdisciplinaridade transforma nosso olhar sobre o individual, o cultural e o social, remetendo para a reflexão respeitosa e aberta sobre as culturas do presente e do passado, do Ocidente e do Oriente, buscando contribuir para a sustentabilidade do ser humano e da sociedade” (CETRANS, 2002, p. 09).

O programa tem carga horária mínima de 160 horas, com aulas teórico-práticas, incluindo um estágio que possibilita aprofundar as experiências vividas durante o curso. Foi assim pensado no intuito de abranger com maior afinco a diversidade e amplo espectro da vida em comunidade. Tem o compromisso de formar *designers* competentes através de experiências, oferecendo as ferramentas e técnicas necessárias para que possam, em qualquer contexto, iniciar seus projetos. Procura disseminar, no conteúdo curricular, os valores fundamentais da grande comunidade de ecovilas no mundo, como: o respeito à unidade através da diversidade, a celebração das diversas culturas e a relação com o sagrado, a prática da igualdade racial, cultural e sexual, a busca pela paz, a promoção da justiça, da consciência ambiental e o respeito pela nossa casa maior, a Terra.

A iniciativa brasileira teve destaque por ser a única com foco de aplicação urbana, sediando o curso na capital paulista em 2006, de forma gratuita para 101 participantes e contando com o apoio financeiro da Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente da cidade de São Paulo, por meio da Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz - UMAPAZ. A partir daí, outros estados e instituições foram implementando o programa e, hoje, ele está presente em 8 estados: São Paulo e Brasilândia/SP, Curitiba/PR, Porto Alegre/RS, Brasília/DF, Rio de Janeiro/RJ, Ecovila Terra Uma/MG, Céu do Mapiá/AM e Salvador/BA.

A Dimensão Social

Conforme assinalado no Capítulo 2, a busca por um “lugar ao sol”, através de uma melhor colocação no mercado de trabalho, que vai possibilitar a aquisição de uma casa melhor, um carro mais potente, acesso as tecnologias *high tech*, viagens e

todas as “coisas” que o mercado capitalista produz, tem sido a meta principal e uma luta constante e desleal para a grande maioria das pessoas.

As ecovilas e as comunidades tradicionais que vivenciam outra realidade social trazem como proposta para o Educação Gaia reflexões e práticas usadas nestas comunidades, onde a vida comunitária oportuniza maior interação entre todos, disponibiliza mais tempo para família e amigos, a possibilidade de criar negócios caseiros ou indústrias artesanais comunitárias com amigos, redução de longas horas de deslocamentos para trabalhos estressantes. Com isto, sobra mais tempo para se dedicar à família e amigos, para a arte, música, entre outros prazeres. Estas práticas reduzem drasticamente o consumismo, os vícios e a criminalidade (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 30). É, nesse sentido, que a Dimensão Social atua quando traz em seu currículo os fundamentos do desenvolvimento comunitário com os seguintes temas:

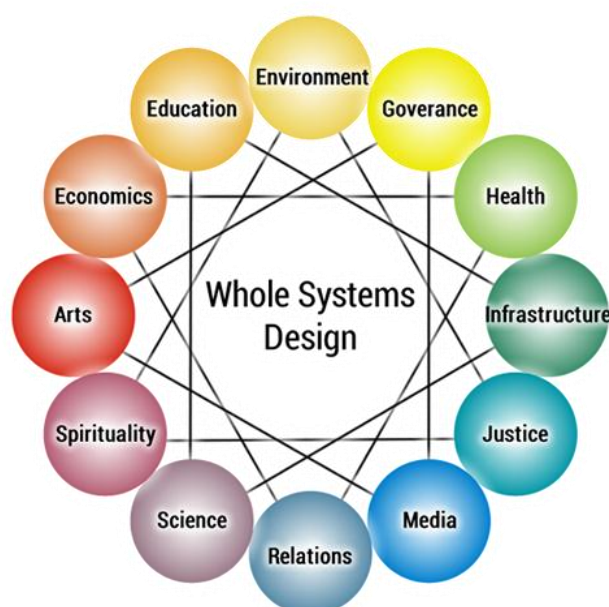
- Criar comunidade abraçando a diversidade: discussões sobre os fundamentos do desenvolvimento comunitário, os valores e as habilidades que ajudam a promover a confiança no grupo e a fortalecer cada membro.
- Ferramentas de comunicação: utilizamos exercícios práticos e vivências que visam melhorar as habilidades de comunicação para facilitar os diálogos de forma mais compassiva através da escuta sensível e o uso do consenso na tomada de decisões, durante todo o processo do curso. Estas ferramentas visam a aceitação de todos ou através da democracia profunda – que implica ouvir todas as vozes e a decisão da maioria é acatada e respeitada pela minoria.
- Empoderamento pessoal e liderança circular, distinção entre “poder com” e “poder sobre”, desenvolver habilidades de liderança que sirvam ao grupo, dividindo responsabilidades e poder.
- Noções de saúde e cura numa visão integral que compreende as dimensões física, emocional, mental e espiritual.
- Valorização da criação de redes e parcerias mapeando os pontos das conexões necessárias para seus projetos (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 31).

A Dimensão Ecológica

A dimensão ecológica destaca a importância de se entender as relações dinâmicas e interdependentes do Tecido da Vida que são fundamentais para o desenvolvimento e *design* de um ecovila ou de comunidades sustentáveis urbanas ou rurais. Está baseada em sistemas de *design* ecológico, permacultural e do holístico*, que está fundado na ideia de que o “todo”, como afirma Jam Smuts, é maior do que a soma das suas partes.

Nesta dimensão, são também trazidas as inovações do *Whole Systems Designs* – WSD, instituição de pesquisa parceiro da GEN, Rede Global de Ecovilas, que trabalha com pesquisa e desenvolvimento de tecnologias sustentáveis (Figura 13). Abaixo, uma mandala que exemplifica as áreas pesquisadas para o desenvolvimento de tecnologias sustentáveis do WSD, a partir de uma visão holística de mundo.

Figura 13 – Desenvolvimento de Sistemas Sustentáveis



Disponível em www.wholesystemsdesign.com

O desenvolvimento e planejamento dos sistemas atuais raramente levam em conta a importância do entendimento profundo das relações entre os assentamentos humanos e o meio ambiente que os sustenta. A crise ambiental global hoje instalada é o resultado desta falta de cuidado e temos visto a resposta da natureza ao desrespeito humano a esta simples lei. Precisamos incorporar rapidamente o conhecimento de que cada elemento do reino mineral, vegetal ou animal, até as diversas dimensões do humano, são elementos de um mini sistema que compõe outros sistemas que, por sua vez, fazem parte de sistemas maiores – e todos juntos fazemos parte do sistema planetário que chamamos de Terra.

Vivemos em um mundo de sistemas. Sistemas complexos. Sistemas aninhados dentro de sistemas. Você, eu, e tudo o mais pode ser pensado como sistemas ou um elemento de um sistema maior. Em meio a tal complexidade, as interações de todos os elementos do nosso mundo pode tornar-se turva e até mesmo invisível de nossas observações conscientes e tomada de decisão. [...] Quais são os sistemas? Como eles se manifestam no mundo real? De que forma podemos beneficiar de um “pensamento sistêmico mentalidade”? E o mais importante, como podemos usá-lo em nosso trabalho de design ecológico? Um sistema é muito simplesmente descritos como um conjunto de elementos ligados para formar um todo maior, são elementos interligados, trabalhando em conjunto como um sistema inteiro. Esta é a única maneira que os sistemas trabalham – como totalidades. (www.wholesystemsdesigns)

As comunidades e as ecovilas estudam, planejam e pautam suas ações a partir dos princípios sistêmicos ecológico, permacultural e holístico porque entendem que “os sistemas sustentáveis”, aqueles que podem se estender infinitamente ao futuro, seguem os modelos dos sistemas naturais. E nós só iremos chegar lá se aprendermos a respeitar as complexas redes de relações ecossistêmicas, suas capacidades e limites, observando seus ciclos, mudanças bruscas e periodicidade, a fim de saber captar, canalizar e armazenar estes fluxos de forma que possamos trabalhar junto à natureza e todos sejam beneficiados, como acontece com um sistema vivo (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 78). Eis a descrição dos temas estudados e experimentados nesta dimensão:

- Construção e renovação ecológica: com oficinas de bioconstrução, tintas naturais, estudo de eficiência energética e energia limpa, aquecedor solar de baixo custo e desenho de água integrado; planejar sua vida para torná-la neutra;

- Alimentos locais: a importância de cultivar e consumir alimentos orgânicos e da sua biorregião, oficina de hortas em pequenos espaços como espiral de ervas, hortas verticais e em vasos, trazendo saúde pessoal e planetária;
- As tecnologias adequadas para seu projeto: oferecendo uma visão geral das tecnologias sustentáveis mais avançadas e avaliação sua eficiência;
- Restauração da natureza: conhecimento dos principais recursos para reconstrução do meio ambiente após desastres naturais ou humanos. (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 78-80).

A Dimensão Econômica

Nesta dimensão, é feita uma análise da economia global e seus impactos na vida do planeta e na vida das pessoas. Segundo a visão do Gaia EDE, “a Economia hoje é uma “disciplina-mestra” e a ela estão subordinados todos os demais assuntos e valores. [...] Nossa tarefa é reverter essa equação da economia, ser um subsistema da ecologia e as atividades econômicas serem limitadas pela capacidade de carga dos diferentes ecossistemas da Terra” (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 56).

Os modelos de produção e incentivos fiscais da economia dominante são para a produção em grande escala industrial. O sistema capitalista está estruturado de modo que não incentiva os pequenos produtores e faz com que sua produção seja pouco rentável. Sabe-se, porém, que a produção em pequena escala para as necessidades locais, usando matéria prima local, é o tipo de produção adequada se quisermos viver dentro da capacidade de carga do planeta.

O Educação Gaia traz esta análise por acreditar que precisamos estar solidamente informados e imbuídos de valores para que possamos fazer escolhas mais conscientes. Algumas questões são oferecidas para análise: Quanto é suficiente? Qual a relação entre níveis de consumo material e bem estar? Nossa riqueza depende da pobreza de outros? (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 56).

Na dimensão econômica, além dos temas citados acima, os estudantes entram em contato com os seguintes pontos:

- As bases da economia solidária, um movimento em crescente ascensão no Brasil através de suas diversas redes, trabalha-se a re-localização: reforçando e recriando as conexões locais;
- Aprendem a desenhar economias locais sustentáveis e mais resilientes fazendo uso de moedas locais e bancos comunitários em diferentes contextos e exercitam a metodologia da “feira de trocas”;
- Examinam a empresa local que não tem apenas o retorno econômico como motivação, empregam pessoas mais desfavorecidas, utilizam insumos sustentáveis e são socialmente responsáveis;
- Aprendem a alinhar a vida econômica a valores ecológicos, a identificar formas legais e mecanismos financeiros mais apropriados para organizações e empresas sociais e para financiar seus projetos (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 57).

A Dimensão da Visão de Mundo

A inclusão desta dimensão no programa é o entendimento da existência de padrões culturais, filosóficos, míticos e espirituais que frequentemente não estão incluídos no processo educativo. O Educação Gaia reconhece a sua importância como parte da formação do Ser. Vários pensadores, filósofos e cientistas da atualidade têm indicado a emergência de uma nova visão de mundo, seja por conta da crise ambiental, da crise capitalista ou da crise de valores que ora atravessamos.

Esta nova visão pré-anunciada tem ido ao encontro do que algumas culturas tradicionais já vivem e, por conta dos efeitos unificadores da globalização cultural, esta mudança de consciência terá repercussões únicas e sem paralelos na nossa história. [...] A nova visão está sendo definida como uma evolução das interpretações sobre a natureza da realidade que vão do mecanicismo ao holismo, do material ao espiritual: a consciência precede o físico e as ideias criam forma. (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 7)

Outra característica marcante desta dimensão é a visão ampliada da conexão com o sagrado. O curso tem um currículo facilmente adaptável a qualquer cultura porque trabalha com temas e valores comuns a todas as tradições espirituais. Dá-se ênfase na transformação individual porque se entende que ela precede a expansão de uma mudança de consciência coletiva. Para atingir os objetivos desta dimensão, são trabalhadas e vivenciadas as seguintes questões:

- Visão holística de mundo, mostrando a transição que emerge através de vários pensadores que reintegram ciência e espiritualidade;
- Criação de uma conexão profunda com a natureza através da experiência pessoal, aprendendo a ouvi-la, estimulados a uma prática regular de reflexão (meditação, contemplação) que estão inseridas no programa;
- Incentivo para escrever um diário com seus sonhos, *insights* e observações, motivados a criar rituais para os momentos mais significativos de seus projetos;
- Estímulo à criatividade e às linguagens artísticas, incluindo momentos para celebração da vida. Os “gaianos”, assim chamados carinhosamente, são incitados a apresentar seus dons através da música, danças, plásticas, performances, poesias e teatro;
- Estímulo a uma vida saudável, alimentação, cuidados com o corpo, emoções e pensamentos, à prática de um espiritualismo socialmente comprometido, tornando-se um trabalhador mundial ativo, como voluntário em programas ou ajudando em causas sociais (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 09).

Estudo de Caso

Desde o primeiro dia de aula e a cada dimensão estudada durante todo o curso, os “gaianos” reúnem-se em equipe para escolher um projeto e desenhar um estudo de caso, exercitando e integrando o aprendizado adquirido em cada módulo, sistematizando, propondo ações de forma coletiva e participativa. Ao final do curso, cada grupo deve apresentar seu projeto e compartilhar os resultados e os desafios vivenciados durante o processo de construção coletiva.

Estágio

A adaptação do currículo do programa EDE à realidade urbana brasileira trouxe algumas demandas necessárias para um melhor aproveitamento e aprofundamento da proposta pedagógica do curso. As 40 horas de estágio se tornaram necessárias, a fim de possibilitar um aprofundamento dos conteúdos através da vivência e da aplicação prática de conceitos e teorias estudados. O estágio é feito em instituições parceiras do programa ou do Ecobairro e utiliza também a mobilização feita pelos alunos, objetivando a ampliação das parcerias com instituições afins.

Design Integrado

Ao final do curso, espera-se que o “gaiano” tenha adquirido as ferramentas necessárias para que possa desenvolver um Design Integrado de Ecovilas ou de Comunidades, se torne um trabalhador mundial e divulgador das boas práticas sustentáveis e das tecnologias aprendidas durante o curso, plantando sementes de soluções que sejam ecologicamente viáveis, economicamente produtivas, socialmente justas e espiritualmente transformadoras em suas comunidades.

O quadro abaixo (Figura 14) oferece um resumo dos elementos que devem ser levados em conta quando da elaboração do Design Integrado de uma Ecovila. As ecovilas ou comunidades rurais e urbanas devem estar integradas ao seu ambiente local, serem capazes de tornar-se um microcosmo na escala humana, compreendendo sua interdependência e conscientes de que fazem parte do meio ambiente que o circunda.

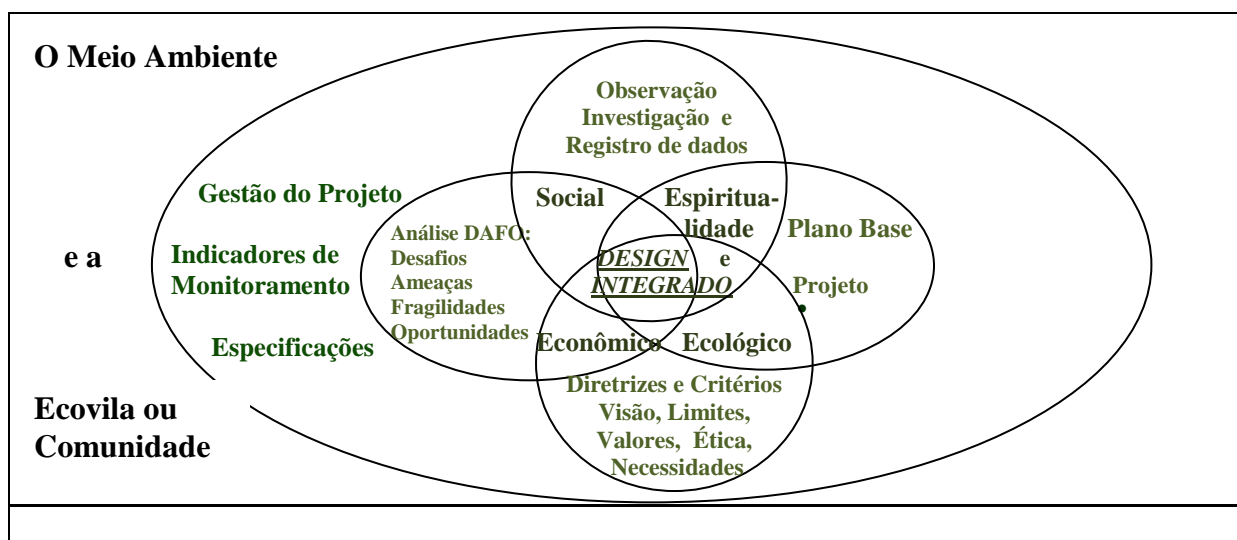
Com isso, pretende-se que o designer se torne capaz de estabelecer diretrizes, metas, planos base e necessidades; que consiga realizar a observação atenta e investigativa do seu entorno, o que chamamos de análise DAFO: que compreende a pesquisa dos desafios, ameaças, fragilidades e oportunidades que o meio oferece; e estabelecer uma visão de futuro imbuída de valores e ética.

Todos estes dados levam em conta o tripé da sustentabilidade, através das dimensões: Social, Econômica, Ecológica, acrescida da dimensão Espiritual,

entendendo-a como a conexão e a relação com o Sagrado de cada indivíduo ou grupo, conforme descrito nos itens acima.

Todos estes dados devem ser levados em conta para a boa gestão dos projetos, traçando os indicadores de monitoramento e as especificações necessárias para o bom andamento e o sucesso do desenho da comunidade ou ecovila.

Figura 14 - Design Integrado de Ecovilas



Criação da autora: Denise Noronha

Até aqui, foram dispostos os principais fundamentos dos chamados “ecovileiros”, que, na década de 1960, iniciaram um silencioso movimento que, embasados pela contracultura, perseguia um estilo de vida mais simples, em contato com a natureza, já vislumbrando os danosos efeitos que o estilo de vida moderno traria à sociedade e ao meio ambiente.

Há aproximadamente 10 anos, um grupo de educadores das principais ecovilas, a exemplo de Findhorn, Damahur, Auroville, entre outras, condensaram suas experiências positivas, desafios e avanços tecnológicos sustentáveis, criando o Programa Gaia – EDE, descrito acima.

Nos tópicos seguintes, serão apresentadas algumas experiências participativas e agregadoras que, inspiradas nas ecovilas, estão aos poucos chegando aos grandes centros urbanos, mobilizando pessoas e grupos. O Movimento Cidades em Transição e o Ecobairro são alguns destes exemplos.

3.2. O MOVIMENTO CIDADES EM TRANSIÇÃO

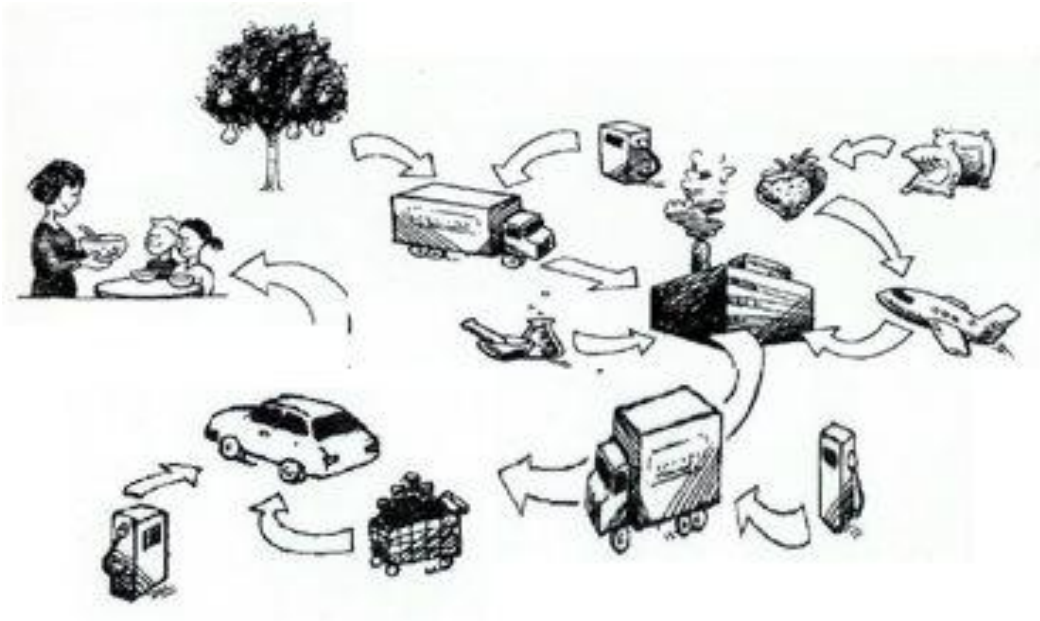
O Movimento Cidades em Transição foi criado pelo professor e permacultor inglês Rob Hopkins, em 2006, tendo iniciado na cidade de Totnes, na Inglaterra. A motivação inicial do movimento foi enfrentar de forma criativa dois dos principais desafios mundiais deste milênio: as mudanças climáticas e o pico do petróleo – este último se refere ao fim do petróleo de fácil exploração com custos e acessos viáveis e a nossa grande dependência deste tipo de combustível.

Reconhecer a nossa dependência e vulnerabilidade energética, entendendo que o petróleo é o nosso principal combustível energético e matéria prima essencial no processo de produção de bens de consumo, que o uso dos combustíveis fósseis provoca grandes emissões de CO₂ na atmosfera e que nossa civilização está ajudando a acelerar as alterações climáticas, é muito importante para nos levar a agir de forma mais sustentável (MANUAL DAS INICIATIVAS DE TRANSIÇÃO, 2008).

A ilustração abaixo mostra o quanto somos dependentes do combustível fóssil e o quanto tornamos nossa vida complexa. Mesmo para comer uma simples salada de frutas, somos dependentes de um sistema de distribuição, mercados, transporte, que abastecem as cidades. Não sabemos a origem dos alimentos que comemos, nem da forma como se dá o processo produtivo. E se não sabemos a procedência, não podemos nos posicionar nem fazer escolhas mais conscientes, por exemplo, comprando e incentivando pequenos produtores locais, ajudando a mitigar os efeitos das emissões de CO₂.

O percurso e a complexa logística que uma simples fruta percorre desde o momento em que é colhida no campo até chegar à nossa mesa nos grandes centros é mostrado nesta ilustração (Figura 15). Vemos um complexo sistema de distribuição, redistribuição, armazenagem, transporte (terrestre e aéreo), sem esquecer o tempo, consumo de combustível, uso de produtos químicos para conservar o alimento no longo percurso, triplicando o custo inicial do produto. Esta é uma realidade encontrada principalmente nos grandes centros urbanos.

Figura 15 - A moderna fábula da salada de fruta

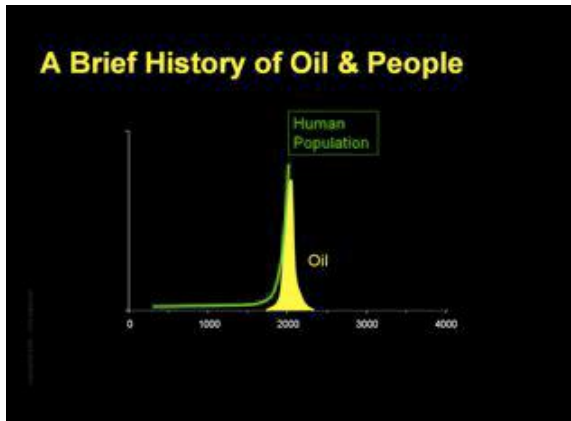


Fonte: Dawson, 2010 (Gaia EDE – Bahia)

O Pico do Petróleo não se refere a um esgotamento do petróleo – nunca ficaremos sem ele. Sempre haverá um pouco no subsolo: difícil de ser atingido ou que requeira muita energia para ser extraído. Reflita sobre um fato que os economistas convenientemente evitam falar: independente de quanto dinheiro pode-se ganhar vendendo petróleo, quando tiverem que gastar um barril de petróleo para extrair um barril de petróleo, a exploração, a perfuração e o bombeamento vão diminuir gradativamente até cessar. O Pico do Petróleo se refere ao fim do petróleo barato e abundante, ao reconhecimento de que a crescente quantidade de petróleo bombeada para nossas economias chegará a um pico e então inexoravelmente declinará. Refere-se à compreensão de como o nosso modo de vida industrializado é absolutamente dependente do sempre crescente fornecimento de petróleo barato. (MANUAL DAS INICIATIVAS DE TRANSIÇÃO, 2008, p. 3)

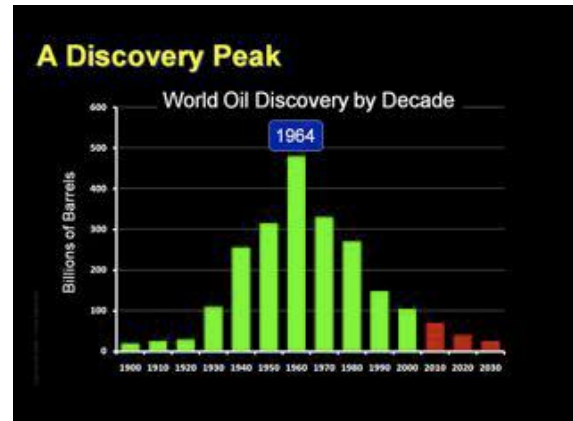
Os gráficos abaixo mostram a criticidade desta realidade.

Gráfico 4 - História Pico Petróleo



A breve história do petróleo e a população
 Fonte: Dawson, 2010 (GAIA EDE – Bahia)

Gráfico 5 - Pico do Petróleo



Pico da descoberta – por década

Para clarear melhor esta questão, segue abaixo um relatório encomendado pelos EUA, em 2005, a uma agência especialista em gerenciamento de risco e análise de petróleo e que ficou em sigilo por um bom tempo antes de ser divulgado.

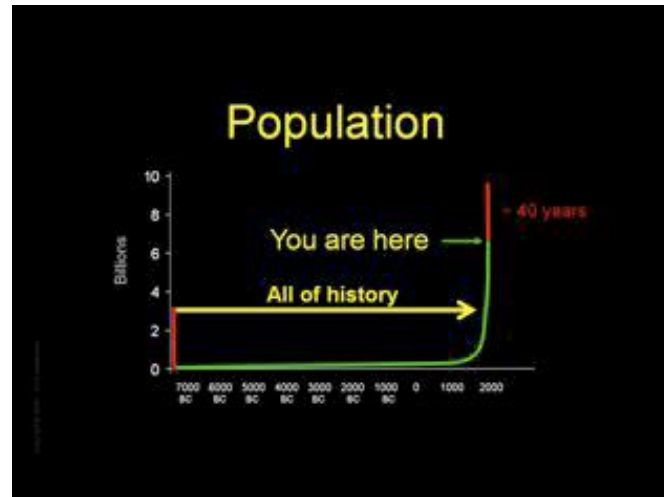
O apogeu da produção mundial de petróleo representa para os EUA e para o mundo um problema sem precedentes no gerenciamento de riscos. À medida que o apogeu se aproxima, os preços do combustível líquido e a volatilidade dos preços aumentarão substancialmente e, sem uma intervenção oportuna, os custos econômicos, sociais e políticos não terão precedentes. Existem opções de intervenções viáveis tanto no abastecimento como na demanda, mas, para conseguir um impacto substancial, elas devem ser iniciadas mais de uma década antes de alcançar o pico. (MANUAL TRANSITION, 2005, p. 5)

Infelizmente, quase nada estamos fazendo para mudar esta realidade, desde 1990, quando o IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática, em colaboração com a comunidade científica internacional, informou e advertiu sobre os crescentes níveis de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera e que seria necessário reduzir as emissões em 60%.

O protocolo de Kyoto, assinado em 1997, no Japão, foi uma tentativa de comprometer os países do norte a reduzir suas emissões. As conferências sobre clima e meio ambiente, realizadas nos anos seguintes pela ONU, foram tentativas de acordo internacionais para ações mais efetivas nesta direção. Infelizmente, muito

pouco tem sido feito até então. O crescimento exponencial da população tem gerado uma crescente demanda de produtos e serviços (TAMAIIO, 2013).

Gráfico 6 - População x Aumento Consumo



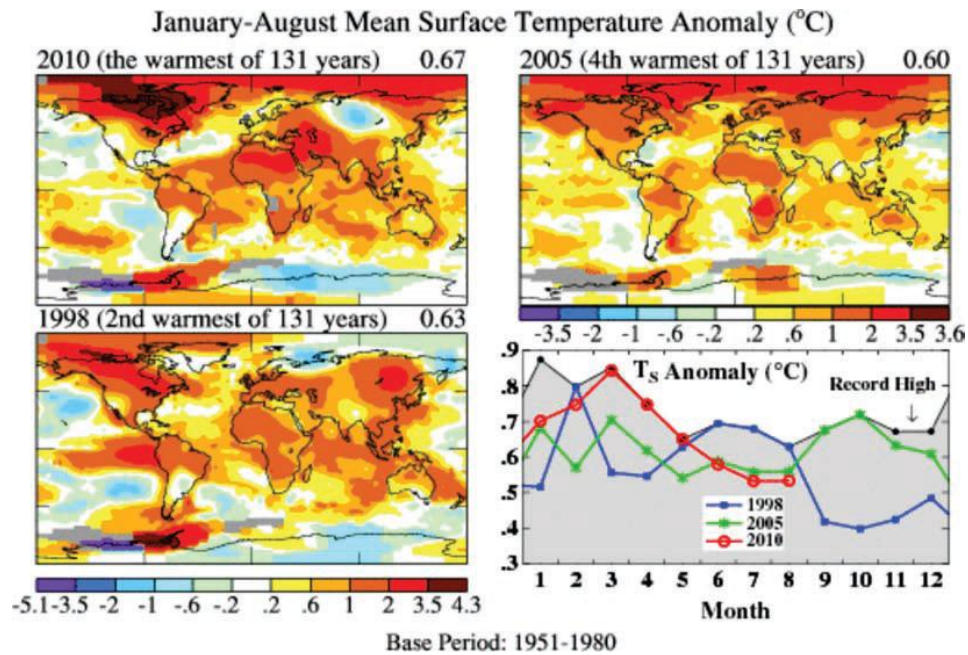
Fonte: Dawson, 2010 (GAIA EDE – Bahia)

No gráfico acima, vemos o crescimento exponencial da população nos últimos 50 anos (linha verde vertical). Em menos de 40 anos, chegaremos a 10 bilhões de pessoas no mundo (linha vermelha), o que implicará o aumento do consumo de produtos e serviços para todos e, conseqüentemente, os problemas com o meio ambiente, em virtude das exigências de produção. As mudanças climáticas são uma realidade, como aponta Tamaio (2013):

Pesquisas realizadas em 2009 pela Universidade de East Anglia (Inglaterra), a partir de novos dados sobre as emissões mundiais de CO₂ (dióxido de carbono, principal gás causador do efeito estufa), indicam que o planeta está a caminho de esquentar 6°C neste século se não houver um esforço concentrado para diminuir a queima de combustíveis fósseis. Essa possibilidade é vista como a mais pessimista, considerada o pior cenário pelos especialistas. A maioria dos resultados das pesquisas científicas relacionadas ao tema mostra que nos aproximamos rapidamente de um ponto de não retorno. Podemos chegar a uma situação em que não será mais possível restabelecer e reequilibrar o sistema climático no qual a vida terrestre se adaptou e evoluiu. (TAMAIIO, 2013, p. 12)

Abaixo, um mapa que compara os períodos de janeiro e agosto de 2010, 2005 e 1998, com foco na temperatura na superfície terrestre. O período de 2010 foi o mais quente em 131 anos de registros sobre o clima (TAMAIIO, 2013, p. 20).

Gráfico 7 - Aumento da Temperatura do Planeta



Fonte: GISS/NASA – Tamaio, 2013.

Neste contexto, é fundamental a informação, a mobilização social e a educação ambiental em escala local, nacional e internacional. A sociedade precisa acompanhar de perto a evolução dos acontecimentos e das negociações em curso, porque são, afinal, seus representantes, em todos os níveis, que estão enfrentando, com maior ou menor responsabilidade, esse grande desafio do nosso tempo. [...] Se a ação humana responde por grande parte das alterações recentes observadas no clima do nosso planeta, será também pela ação, participação e, portanto, pela educação que esta geração poderá fazer a diferença positiva no presente e no futuro. (Izabella Mônica Vieira Teixeira – Ministra do Meio Ambiente). (TAMAIIO, 2013)

O Movimento Cidades em Transição – *Transition Town* – TT surge como uma importante contribuição de um modelo de transição, que nasceu baseado na observação das experiências de comunidades que vivem de forma mais sustentável e comprovadamente com baixa emissão de carbono. Traz em seu bojo: a visão de

um futuro positivo, a importância da sensibilização, a inclusão de todos e a resiliência como base para construir comunidades locais mais fortes. Para o movimento, a ideia da transição é necessária e precisa ser tanto interna quanto externa e deve ser um modelo viral, ou seja, fácil de replicar em qualquer contexto.

O *Manual das Iniciativas de Transição* traz como base metodológica três conjuntos de princípios básicos: os 7 “Mas”, os 12 Passos para a Transição e a Rede de Transição.

O primeiro princípio básico – os 7 “Mas” – enfatiza as barreiras iniciais, reais e ilusórias que podem nos impedir de seguir adiante, quando começamos qualquer tentativa de transição ou qualquer projeto inovador. São eles:

Mas não temos fundos... Esta é a primeira barreira que se apresenta quando se tenta algo novo. Sabe-se que muitas iniciativas começaram sem dinheiro e, depois, aos poucos, a comunidade, de forma criativa e coletiva, encontra os caminhos para desenvolver os seus projetos. Acostumamos-nos a pensar inicialmente no dinheiro, antes mesmo da nossa liberdade de sonhar e é nesse ponto que encontra um dos primeiros bloqueios para a realização de qualquer projeto.

Mas eles não nos deixam... Diz respeito aos nossos medos internos e externos, de que os governos ou grandes corporações podem barrar as iniciativas de mudança, segundo seus organizadores “As Cidades em Transição operam “fora do alcance dos radares” e, por isto, não fazem inimigos. Assim, elas não parecem despertar a ira de instituições já existentes”. Sabemos que grandes realizações começam com pequenos passos, assim é a história do próprio Movimento Transition (MANUAL TT, p. 22).

Mas já há grupos verdes nesta cidade e eu não quero tomar o lugar deles... Mais um bloqueio infundado, a ideia é agregar forças e fortalecer as redes de pessoas e grupos que trabalham em prol das mesmas causas. Esta é uma tendência cada vez mais crescente em todo o planeta, haja visto os frequentes exemplos de pessoas ou grupos que decidem compartilhar seus sonhos.

Mas de qualquer forma ninguém nesta cidade se preocupa com o meio ambiente... Deve-se estar aberto ao iniciar a transição ou qualquer trabalho desta natureza e terá boas surpresas com a chegada de pessoas para ajudar. O número

de pessoas que desejam se envolver numa causa ou projeto em prol do meio ambiente, fazendo deste tema um grande “sonho coletivo”, é muito maior do que possamos imaginar (MANUAL TT, p. 22).

Mas certamente é tarde demais para fazer alguma coisa... Este é um boicote interno e muito comum para justificar nossa inação. Gosto da frase do pensador Edmund Burke que diz: “Ninguém cometeu maior erro do que aquele que não fez nada só porque podia fazer muito pouco”.

Mas eu não tenho os requisitos necessários... Não é necessário ter profundo conhecimento em sustentabilidade, segundo o manual é preciso apenas ser positivo, ter a vontade de ajudar e se engajar na causa, ter um conhecimento básico do local e de algumas pessoas-chave da cidade ou do bairro e verá acontecer coisas que vão lhe surpreender (MANUAL TT, p. 23).

Mas eu não tenho energia para fazer isso! Este é o ultimo obstáculo a ser eliminado e, quando ultrapassá-lo, descobrirá que muitas pessoas vão aparecer para ajudar. Os relatos dos que iniciaram suas experiências falam “das sincronicidades de todo o processo e de como as pessoas certas aparecem na hora certa. Há alguma coisa que emerge ao assumir aquela ousadia, do saltar do: “Por que ninguém faz nada?” para o “Vamos fazer alguma coisa!” – e isso gera a energia que faz avançar” (MANUAL TT, p. 23).

Os 12 Passos da Transição

O segundo conjunto de ideias dos princípios básicos são os 12 Passos, considerados como importantes ferramentas sociais para as iniciativas de transição e trouxeram os melhores resultados das primeiras experiências realizadas em Kinsale – Irlanda e Totnes – Inglaterra, experiências piloto que geraram o guia do TT e podem ser alteradas de acordo com a realidade local. São eles:

1. Estabelecer um grupo para a direção e preparar sua dissolução desde o início.

Esta etapa necessita de um grupo iniciador que logo se dissolverá em subgrupos de trabalho, este é um diferencial deste e dos demais movimentos em

prol de uma cultura sustentável que exige humildade e desapego, entendendo que o sucesso do projeto é para o bem comum e está acima das personalidades (MANUAL TT, p. 23).

2. Aumento da sensibilização

A sensibilização das pessoas é muito importante. Para tanto, devem ser usadas várias estratégias como cine-diálogos, palestras e seminários com especialistas da área em escolas, centros culturais, divulgar a proposta em rádios comunitárias, objetivando informar e preparar as pessoas com dados, estatísticas da situação climática e da necessidade da redução de consumo energético. Partindo, então, para a construção de um Plano de Ação para o Declínio de Energia, no qual todos devem estar comprometidos em ajudar, pensando em soluções conjuntas. (MANUAL TT, p. 24).

3. Estabelecimento das fundações

Esta etapa consiste em criar uma rede de colaboradores, ativistas, ONGs, explicar os objetivos do movimento e conscientizá-los sobre a importância do trabalho e da atuação de cada um para o sucesso do movimento que se fará através da construção coletiva.

4. Organização de um Grande Lançamento

Esta é uma etapa importante porque abre oficialmente o movimento na comunidade e estabelece as metas seguintes. Apresentações artísticas ou palestras temáticas com especialistas podem ser utilizadas para marcar o evento. Estima-se de 6 meses a um ano de preparação, a partir das etapas anteriores. “O lançamento oficial em Totnes aconteceu em setembro de 2006 e foi precedido por dez meses de palestras, exibição de filmes e eventos” (MANUAL TT, p. 25).

5. Formar grupos de trabalho

Este ponto é fundamental porque vai agregar temas específicos. Os grupos podem desenvolver formas diferentes de trabalhar, “mas todos estarão sob um guarda-chuva do projeto como um todo”. Os temas podem ser alimentação, lixo,

energia, educação e jovens, água, economia, governo local, entre outros, e devem fazer parte do Plano de Ação para o Declínio da Energia (MANUAL TT, p. 25).

6. Usar *Open Space* – Espaço Aberto

Esta é uma tecnologia social muito usada nas ecovilas e comunidades, quando um grande número de pessoas deseja discutir sobre um tema específico ou temas variados. Nesta metodologia, não há um coordenador ou redator oficial. As pessoas se dividem em subgrupos de acordo com temas afins e há um sistema de quadros para exposição escrita, onde é oportunizado a todos opinar, ouvir e registrar suas ideias.

7. Desenvolver manifestações práticas visíveis do projeto

Nesta etapa, é necessário fazer ações práticas, mostrando que o movimento não é apenas reuniões e discussões. A efetividade das ações é muito importante e a comunidade precisa reconhecer que esforços estão sendo feitos e isto pode agregar outros colaboradores (MANUAL TT, p. 25).

8. Facilitar a Grande Recapacitação

Na atual sociedade do consumo, tudo é descartável. Se vamos viver numa sociedade com menor gasto de energia, precisaremos reaprender ofícios que nos últimos 40 anos foram desaparecendo, reaprender a fazer: “consertos em geral, culinária, manutenção de bicicleta, construção natural, isolamento de sótãos, tintura, canteiros de ervas, jardinagem, eficiência energética doméstica básica, fazer massa de pão, plantação de alimentos – a lista é interminável”. Tudo isto pode ser muito divertido se fazemos com amor e vontade de mudar para melhorar a coletividade (MANUAL TT, p. 26).

9. Criar uma ponte com o governo local

É muito importante contatar o governo local e conhecer suas propostas e expor o seu projeto. A construção de parcerias com o governo local pode ser um empreendimento mais fácil do que se supõe. E não custa tentar. Algumas experiências comprovaram que, “ao contrário do que se imagina, você pode querer empurrar portas que já estão abertas” (MANUAL TT, p. 26).

10. Respeitar os idosos

Nossa cultura ocidental tem uma relação de desvalorização do idoso, ao contrário das culturas orientais, nas quais este é tido como referência de sabedoria e respeito. Os idosos viveram numa época com menos petróleo e, portanto, têm muito a nos ensinar sobre um cotidiano com menos energia disponível.

Para reconstruir a imagem de uma sociedade com menos energia, temos que nos unir àqueles que se lembram da transição para a época do petróleo barato, em especial, o período entre 1930 e 1960. Mesmo que você queira claramente evitar qualquer ideia de que está defendendo um retrocesso ou uma volta ao passado, há muito que aprender com o jeito como as coisas eram feitas, que conexões invisíveis ligavam os diferentes elementos da sociedade e como se tocava o dia-a-dia. Descobrir isso pode ser profundamente esclarecedor e despertar um sentimento de que estamos muito mais conectados ao lugar em que desenvolvemos nossas Iniciativas de Transição. (MANUAL TT, p. 27)

11. Deixar rolar quando for para deixar rolar...

Este passo da transição é um convite ao desapego das nossas ideias. Se estamos fazendo um trabalho coletivo que envolve pessoas e grupos, muitas ideias e formas diferentes das suas vão aparecer. Neste momento, o mais importante é manter o foco no *design* básico, que é a resiliência da comunidade e a redução do gasto energético.

12. Criar um Plano para o Declínio de Energia

Esta é a etapa final de um ciclo e o início de outro. A partir das experiências adquiridas através dos grupos de trabalho e dos desafios enfrentados, deve-se criar o Plano para o Declínio de Energia, com uma previsão para 15 a 20 anos à frente. A criação do plano se fará a partir de um balanço das ações que foram ou não efetivas e as mais viáveis e plausíveis (MANUAL TT, p. 27).

O terceiro princípio básico é a criação de uma Rede de Apoio à Transição, na qual se faz um mapeamento dos recursos locais, pessoas, empresas, terras aráveis, transporte, postos de saúde, produção local, etc., que compõem a rede. É importante estar atualizado sobre os estudos e pesquisas relativos às questões ambientais e alimentar a rede de forma que todos participem e trabalhem ampliando os objetivos comuns. A criação da rede vai fortalecer a iniciativa (MANUAL TT, p. 28).

Atualmente, existem mais de 1000 iniciativas de transição, distribuídas nos cinco continentes. A maioria se encontra na Europa com 560 cidades, seguida da América do Norte, com 275 cidades, países e ilhas. No Pacífico, existem 133 comunidades e, na Austrália, país do pai da permacultura, 23 iniciativas. O restante está espalhado nos quatro cantos do mundo. No Brasil, o movimento está começando e contamos com 4 iniciativas de Transição em São Paulo: Granja Viana, Guarulhos, Piracicaba e Brasilândia. Esta última é uma das experiências mais representativas que tive a oportunidade de visitar durante a minha residência social, que descrevo abaixo.

O Movimento Transition Brasilândia

A Brasilândia é um bairro com aproximadamente 280 mil habitantes, situado na zona noroeste da cidade de São Paulo, ao pé da Serra da Cantareira, uma das poucas áreas de vegetação nativa da cidade e que possui uma das bacias hidrográficas que abastecem de água parte da cidade de São Paulo (Figuras 16 e 17).

Figura 16 – Brasilândia



Vista Serra Cantareira ao fundo
Fotos: Denise Noronha

Figura 17 – Brasilândia



Vista Brasilândia

Com pouca infraestrutura básica e grande número de habitantes, os problemas sociais são grandes, a exemplo da violência e tráfico de drogas. Propor um trabalho de transição para a sustentabilidade nesta comunidade foi desafiador. A junção de alguns atores de instituições privadas e públicas, assim como da comunidade local,

foi essencial para o patrocínio e a realização das ações. Um exemplo da Fundação Stickel, que trabalha na comunidade com desenvolvimento pessoal, a geração de trabalho e renda e projetos que integram ações na área social e cultural. O PAVS (Programa de Ambientes Verdes Saudáveis), da Prefeitura Municipal de São Paulo, a USB (Unidade Básica de Saúde) e o CEU (Centro de Educação Unificada), também municipais, foram os principais patrocinadores deste projeto.

Agregando força a estas instituições, parcerias e apoios de grupos locais foram importantes para a realização das ações e sensibilização para a participação da comunidade no curso: o Projeto SambAqui de música, o Projeto Saci, que trabalha com crianças, a Brasilândia Filmes e a Reserva Florestal, instituição que protege a mata, representado pelo Sr. Quintino, conhecido e respeitado guardião das matas da Serra da Cantareira (Figura 18).

Para a realização do trabalho de formação na Brasilândia, contou-se com a participação voluntária de profissionais e *designers* em sustentabilidade, que doaram seu conhecimento em prol da causa, a exemplo de Peter Webb, May East, Monica Picavea, Isabela Menezes, entre outros.

Figura 18 - Convite ao Transition Brasilândia



O CEU (Centro de Educação Unificada) cedeu as instalações para a realização da formação do *workshop* Cidades em Transição e do Educação Gaia. Como resultado desta parceria, foi feito um jardim sensorial com plantas comestíveis

feito com as crianças e bio-construção de uma geodésica, uma estrutura arquitetônica circular formada por triângulos, conhecida pela grande estabilidade e resistência mecânica. Esta estrutura foi feita pelos jovens da comunidade (Figuras 19, 20 e 21).

Figura 19 – Jardim sensorial



Crianças construindo o Jardim Sensorial no CEU - Foto: Blog Brasilândia.

Figura 20 – Bio construção



Construção de geodesica em bio-construção no CEU

Ao fundo: Isabela do Transition Granja Viana e Marly do Ecobairro, SP

Fotos: Denise Noronha

Figura 21 - Geodésica



Como resultados da formação da transição e curso Gaia, foram realizados dois empreendimentos cooperativos: as “Brasileiras”, grupo de jovens senhoras costureiras, formado por oito mulheres (Carla, Valdelina, Vanilde, Ivone, Dejanira, Ana, Maria e Irene), ex donas de casa, que nunca fizeram parte das estatísticas do trabalho formal, mas, ao se sentirem empoderadas, a partir do que aprenderam e vivenciaram durante curso, se motivaram a abrir o seu próprio negócio. Elas contaram com o apoio financeiro inicial da Fundação Stikel e Fundação Getúlio

Vargas, na consultoria, do movimento *Transition Towns* e da Paróquia São José Operário, que emprestou, por uns meses, uma sala para que pudessem se instalar, dando o pontapé inicial.

As Brazilianas produzem sacolas, bolsas, porta lixo para carro, porta moedas, *necessaire* e demais objetos que a criatividade e os materiais permitem. A matéria-prima usada por elas são doações de *banner's* e embalagens *tetrapak*, acrescidos de alças e alguns detalhes que dão graça e vida aos seus produtos.

Atualmente, estão instaladas numa sala ampla alugada na comunidade e o empreendimento caminha bem sem nenhum subsídio institucional. Os produtos são vendidos dentro do próprio bairro, em feiras de artesanato e eventos de economia solidária (Figuras 22 e 23).

Figura 22 – Atelier Brazilianas I



Vista atelier das Brazilianas
Fotos: Denise Noronha

Figura 23 - Atelier Brazilianas II



Alguns produtos da produção

Outra iniciativa após a formação do Transition foi o restaurante Doces Talentos, do qual participam quatro mulheres (Kate, Jocélia, Maria de Lourdes e Fernanda), donas de casa, que cozinhavam e faziam doces e bolos apenas para suas famílias. Tinham um sonho comum, abrir uma padaria, e, após o curso Gaia e com a ajuda de parceiros locais, conseguiram captação de recursos para compra dos equipamentos elétricos e curso de gestão empreendedora. Atuam com base na economia solidária e utilizam alguns ingredientes naturais e orgânicos na composição das receitas, como um delicioso suco de limão e língua de vaca, cuja folha é colhida da horta em vasos, cultivada nos fundos do restaurante (Figuras 24 e 25).

Figura 24 – Padaria I



Placa de Identificação
Fotos: Denise Noronha

Figura 25 – Padaria II



Vista interna do restaurante

O movimento de transição da Brasilândia continua acontecendo e ampliando a cada dia para um número maior de pessoas, apesar de não ter números oficiais. O programa “Favela, pipoca e cinema” acontece uma vez por mês numa escadaria do bairro, em espaço aberto e acessível a todos. Já “Feira de Trocas na Brasa” acontece mensalmente (Figuras 26 e 27).

O Transition Brasilândia faz parte da Rede Brasileira de Transição que é formado e alimentado por grupos, como Transition Granja Viana, Transition Piracicaba, Transition Guarulhos, e movimentos, como Ecobairro, *Slow Food* e Terra Deusa, que eventualmente se encontram para trocas de experiências e reciclagem de conhecimentos. Alguns destes movimentos podem ser acessados por *link* pelo site do Transition Towns Brasil – Cidades em Transição Brasil, através do endereço: transitionbrasil.ning.com.

Figura 26 - Feira de trocas



Figura 27 - Cine-diálogo



3.3. O ECOBAIRRO

O Programa Ecobairro nasceu inspirado nas experiências das ecovilas, buscando resgatar nas cidades o pertencimento local e o exercício da vida sustentável em comunidade. Pensou-se no bairro para iniciar este programa, por ser uma escala urbana possível de ser transformada.

O lançamento pela ONU da Década Internacional de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005 a 2014) propôs um desafio a toda humanidade: repensar a educação para incluir a sustentabilidade em seus projetos. “O sentimento de localidade passou a ser reconhecido como uma condição fundamental para o desenvolvimento sustentável e a educação como o principal caminho para resgatá-lo” (GUIA SEMENTES, 2013, p. 10). Para tanto, são necessárias ações em vários níveis: do individual ao comunitário, das instituições locais às multinacionais e das instâncias governamentais locais às globais. Reitero aqui a importância das ações locais e do fortalecimento das relações sociais, por entender que, apesar dos avanços tecnológicos disponibilizarem informações e produtos quase que instantaneamente a nível global, é, no nível local, que as tais ações e relações acontecem de forma efetiva.

O Ecobairro, por reconhecer a importância das relações sociais para a promoção de mudanças locais e por entender que o bairro, sendo a menor porção de uma cidade, abriga a dimensão de moradia do indivíduo/família. A concepção e o desenho da forma de vida em sociedade, tanto grega quanto romana, nos trouxeram ensinamentos que valem destacar e refletir para entender o comportamento das atuais sociedades contemporâneas. Naturalmente, não são modelos perfeitos, uma vez que conviviam com a separação de classes e a escravidão.

Os gregos concebiam a *polis* como uma comunidade, ou seja, como um âmbito de encontro interpessoal, de diálogos e celebrações. [...] A *urbis romana* tinha características distintas da *polis*, predominavam relações societárias que propiciaram e diminuíram a intensidade do social, com a divisão de classes e a valorização do anonimato social. (CARVALHO, 2008 p. 73-74)

Como veremos na citação abaixo, a substituição da *polis* pela *urbis* foi acentuando-se ao longo da história. As relações comerciais e de mercado foram se intensificando, até chegar ao ponto máximo de individualismo e hedonismo nas sociedades contemporâneas.

Abandonando as relações comunitárias e se pautando nos princípios reguladores impessoais das *urbis*, as cidades foram cada vez mais se desenvolvendo e se expandindo com o mercado, estimulando entre o (a)s cidadão (a)s valores baseados nos interesses individuais e na competição, típico das relações societárias. A busca pelo lucro a qualquer preço, por exemplo, justificava situações inteiramente adversas aos princípios alteritários, tais como: a escravidão, o servilismo, a concentração de riqueza, a pobreza e o distanciamento crescente entre o (a)s cidadão (a)s. (CARVALHO, 2008, p. 75)

Entender os processos ou a inexistência das relações comunitárias é essencial para o trabalho do Ecobairro, que nasce com uma proposta de reavivar e estimular a vida em comunidade.

Breve História

As primeiras sementes do projeto Ecobairro chegaram em 2004, através de uma palestra e do treinamento em *Designers em Sustentabilidade*, em Porto Alegre, ministrado por uma das idealizadoras do Gaia EDE. Tais informações inspiraram um grupo de moradores da cidade de São Paulo a transformar os ensinamentos em um projeto que pudesse ser aplicado no ambiente urbano.

O Ecobairro é um programa permanente do Instituto Roerich da Paz e Cultura do Brasil, organização fundada em 9 de outubro de 1999, de natureza educacional, cultural e filantrópica. O Instituto, possui como finalidade fundamental reduzir a violência através de programas de Educação, Cultura e Arte para Paz, além de implementar ações para proteção e preservação do Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade (www.roerich.org.br). Desta forma, o Ecobairro está afinado com a sua missão.

Em 2005, o Ecobairro foi lançado oficialmente para o público paulista, recebendo o apoio da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo e das Nações Unidas, que reconheceu o projeto como contribuição à Década Internacional de Cultura de Paz e Desenvolvimento Sustentável. Ainda em 2005, a proposta foi apresentada no evento de comemoração dos 10 anos da GEN+10 - Rede Global de Ecovilas, em Findhorn/Escócia, que também o apoiou, reconhecendo-o como um programa que contribui para o desenvolvimento sustentável urbano (www.ecobairro.org.br).

Desde então, o Ecobairro vem colaborando e participando de forma efetiva no cenário da capital paulista, no que diz respeito às ações de sustentabilidade urbana. Colaborou com a fundação da UMAPAZ – Universidade Livre do Meio Ambiente e Cultura de Paz, de São Paulo. Em parceria com a Ecovila São Paulo e a UMAPAZ, o Ecobairro trouxe o Curso Educação Gaia para o Brasil, que formou mais de 500 designers em sustentabilidade, incluindo representantes de outras cidades e estados, entre 2006 e 2010. Além disso, apoiou a vinda para o Brasil dos facilitadores do Movimento Transition Towns, em 2009, em São Paulo, e, 2011, em Salvador (www.ecobairro.org.br).

Em 2010, se deu a implantação do Ecobairro Salvador e, com o apoio do Ecobairro- SP, o lançamento do Gaia EDE – Bahia, que formou 40 pessoas. Em 2011, na comemoração ao Dia Internacional do Meio Ambiente, foi organizado o evento Oito Níveis de Sustentabilidade, no Farol da Barra – 5/6/10, uma pequena mostra de ações sustentáveis e saudáveis no cotidiano dos cidadãos. E participou como colaborador do evento - Brechó Eco-solidário, no Parque da Cidade/BA, entre 2011 e 2012.

Em 2012, o Ecobairro assumiu a Secretaria Executiva do VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental que aconteceu no Centro de Convenções/BA. O Fórum é um legítimo espaço presencial de congregação e convivência do coletivo nacional de educadores ambientais e enfatiza, nesta edição, a construção de sociedades plurais, sustentáveis e democráticas, no enfrentamento das questões socioambientais locais e globais.

Para sua realização, contou com inúmeras parcerias: a Reaba – Rede Baiana de Educação Ambiental e mais 27 redes estaduais. Mais de 3000 pessoas participaram do evento. Nesta oportunidade, o Ecobairro pode demonstrar, através

de um *stand*, suas ações e formar outra turma do Programa Educação Gaia, constituída de aproximadamente 35 designs em sustentabilidade.

Ainda em 2012, participamos do Rio+20 – Cúpula dos Povos, no *stand* do Gaia Home, através de duas palestras, uma sobre Biourbanismo e outra sobre o Ecobairro: uma experiência de sustentabilidade urbana. Como parte de nossas conquistas, recebemos o Prêmio Parceria Verde e Azul 2012 – SEMA, indicado pelo Município de São Paulo.

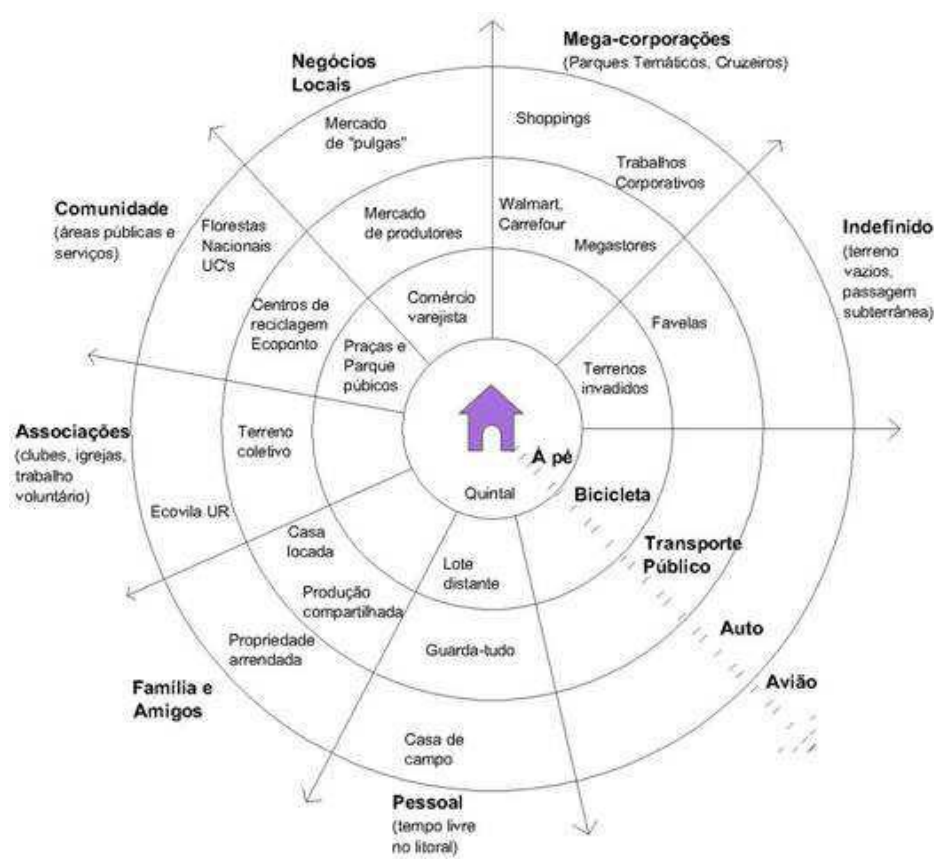
Visão e Missão

O Ecobairro tem como visão o surgimento de bairros sustentáveis, como fruto natural da consolidação do exercício da vida em comunidade, formando redes de cooperação, em que a criatividade e a diversidade sejam inspiradoras de ações que reconciliem antigos saberes com as mais novas descobertas científicas. E como missão, semear nos bairros experiências de sustentabilidade, alicerçadas nos princípios da Cultura de Paz, preconizado pelo Instituto Roerich, resgatando a vida em comunidade e despertando o cuidado entre todos os seres (GUIA SEMENTES, p. 16).

Objetiva resgatar o bem-estar e fortalecer os vínculos afetivos com o lugar e com a vizinhança, para juntos pensar em soluções criativas para os problemas que afetam a todos. Formar agentes locais, apoiar moradores, compartilhar soluções sustentáveis, resgatando a qualidade de vida e fortalecendo as comunidades urbanas.

A figura abaixo mostra exemplo baseado na ideia de zonas e setores da permacultura adaptada ao meio urbano. Apresenta as diferentes formas de deslocamentos do indivíduo em sua vida diária para acessar o comércio local, o trabalho, o lazer, negócios, entre outros. É esta relação do indivíduo com o seu entorno que facilita dia a dia, reduzindo e economizando tempo com deslocamento e reduz a emissão de CO₂ na atmosfera, contribui para uma melhor qualidade de vida, maior conhecimento dos equipamentos do bairro e, por conseguinte, possibilita a criação de vínculos afetivos com o lugar.

Gráfico 8 - Zonas e setores no urbano



Fonte: Winton, Tim. 2003 (FREITAS, 2009)

Pensar no processo de transformação das cidades em experiências de sustentabilidade requer esforço conjunto e a busca de experiências anteriores exitosas, a exemplo de Totnes/Inglaterra, Los Angeles Ecovillage/EUA, entre outras. Tais movimentos são exemplos positivos e contribuem de forma fundamental para que possamos sonhar na direção de um mundo mais sustentável.

Princípios estruturantes: o DNA e as Escalas de Transformação

O Ecobairro, através do seu DNA em espiral, integra oito dimensões da vida comunitária, a saber: Ecologia, Educação, Espiritualidade, Economia, Saúde Integral, Cultura, Comunicação e Política. Entendendo que estas dimensões se interconectam e se complementam, são aspectos essenciais e necessários na vida

em qualquer comunidade ou ajuntamento humano e possibilitam a articulação de diversos atores, além do desdobramento de ações e propostas.

A espiral representa o processo contínuo da evolução, através de ações, trocas, exercício e desafios diários da vida em comunidade, integrando a multidimensionalidade das nossas necessidades, vivências e o entendimento que todos os oitos aspectos são de igual importância na vida (Figura 28).

Figura 28 - DNA Ecobairro



Além dos oito níveis de sustentabilidade, são consideradas as escalas de transformação que seguem uma ordem: do *Indivíduo*, que, ao repensar hábitos e costumes, pode atuar diretamente em sua casa, local onde o sujeito tem uma ação direta e pode aplicar princípios e estratégias.

A ideia é que, a partir das ações individuais, se fortaleçam as relações de vizinhança, possibilitando que estas se expandam para a *Rua*, o *Quarteirão* e, por conseguinte, para o *Bairro*, estabelecendo, assim, uma conexão em rede, o que possibilitará a troca de experiências, aproximação de pessoas com vistas à ampliação das ações para outros bairros, que, por sua vez, refletirá na cidade (GUIA SEMENTES, 2013, p. 22) (Figura 29).

Figura 29 - Escalas de Transformação



Fonte: Material didático Ecobairro, 2010.

As escalas de transformação e os oito níveis de sustentabilidade, explicitados abaixo, devem acontecer de forma paulatina. Afinal, as mudanças mais profundas dos nossos hábitos e estilo de vida precisam de tempo para que sejam incorporadas ao nosso cotidiano. Abaixo, há a descrição da concepção básica de cada nível ou dimensão. As ações propostas para cada nível estão dispostas no Capítulo 5, na Cartilha Ecobairro, em anexo.

Os Oito Níveis de Sustentabilidade

Espiritualidade: Conexão com o Sagrado

Nesta dimensão, o Ecobairro propõe que o indivíduo se conecte consigo mesmo, com a natureza e, por meio da relação com o Sagrado que habita em cada um, desenvolva relações baseadas no amor e respeito mútuo, com a intenção de ampliar a visão de mundo. O planeta deve ser visto como um Lar, remetendo-nos ao conceito de sacralidade que este termo indica.

Todos os povos, em todos os tempos e culturas, sempre deixaram uma sabedoria que condensa seu aprendizado mais profundo, fundamentado em suas vivências. A esse conhecimento chamamos de espiritualidade, dimensão humana destinada a guardar o que é sagrado e contem a essência ou sabedoria maior. (GUIA SEMENTES, 2013, p. 26)

Cultura e Ancestralidade

Visa promover a cultura local, o resgate e a preservação de antigos saberes. As linguagens artísticas, celebrações, festivais e outras manifestações devem ser estimuladas (GUIA SEMENTES, 2013, p. 29).

A Cultura de Paz, representada pelo Pacto Roerich e Bandeira da Paz, deve ser vivificada por representar a comunhão entre todos. Para Nicholas Roerich (1989), a Cultura é o amor da humanidade, a síntese das realizações humanas é a reverência à Luz.

Na década de 1930, Nicholas Roerich agregou artistas, pacifistas, juristas e governantes do mundo inteiro em 4 (quatro) conferências internacionais: Bruxelas, 1931 e 1932, Washington e Montevideu, em 1933, dedicadas à promulgação do Pacto Roerich para proteção e preservação dos tesouros culturais da humanidade. As articulações geradas pelas conferências levaram a assinatura do Pacto Roerich nos EUA, que envolveu mais 20 países da América Latina. O documento foi assinado na Casa Branca em Washington, em 15 de abril de 1935.

Em 14 de maio de 1954, a ONU utilizou o Pacto Roerich como princípio norteador para a Convenção de Haia, propondo a Proteção da Propriedade Cultural em caso de conflito armado. Como um tratado de União Cultural, o Pacto Roerich sugere a Bandeira da Paz como símbolo a flamular nos locais de significação cultural dos povos de diversos países, sinalizando para a humanidade que ali se trata de um local a ser preservado para as próximas gerações em tempos de guerra e de paz (www.roerich.org.br).

Outro ponto de fundamental importância é o entendimento de que o resgate da ancestralidade tem importante papel na questão da territorialidade. A partir do enfoque das Constelações Sistêmicas, compreendemos que a participação dos atores sociais de cada lugar fortalece vínculos e promove a busca pela essência da

sabedoria ancestral. Para Hellinger (2013), seu fundador, o indivíduo nunca está sozinho ou solto no mundo. Mesmo que não conheça sua origem, ele pertence a um sistema familiar e traz consigo não só os traços físicos, mas dons e a bagagem energética da sua família.

Educação: A linguagem do Coração

O processo de autoeducação é estimulado para que a comunidade ou bairro se tornem locais de aprendizado. O indivíduo é um agente de conhecimento e gerador de cultura. A educação ambiental deve ser utilizada como mais uma ferramenta que propicia o “aprender a viver juntos, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser”, como aponta Jaques Dellors no relatório para UNESCO sobre a educação para o século XXI, de 1996.

A promoção de cursos e formação de pessoas é meta do Programa Ecobairro para a viabilização das suas ações nos bairros. A educação ambiental deve ser integrada ao currículo na formação do educando e não apenas funcionar como uma disciplina isolada. Deve ser vivencial, holística e sistêmica, tecendo uma rede interconectada que reconstitui as bases para uma vida em comunidade (GUIA SEMENTES, 2013, p. 33).

Saúde Integral

A saúde é um conjunto dos aspectos físicos, emocionais, psíquicos e espirituais do ser humano e do seu entorno. O restauro deste equilíbrio, reconectando o indivíduo com a sua natureza interna e externa, promove a saúde integral.

Entendemos ser de fundamental importância a consciência dos vários aspectos da nutrição, a exemplo do que colocamos para dentro do nosso corpo e mente em todas as esferas da vida: as cores, os sabores, as emoções, os pensamentos e os relacionamentos (GUIA SEMENTES, 2013, p. 35).

Comunicação Dialógica

Desenvolvemos o exercício nos vários níveis de comunicação: consigo mesmo, como o outro, intra e inter-grupal, que sejam sustentados pelos princípios da

Cultura de Paz. O diálogo como exercício básico de aprender a ouvir para entender desenvolvendo a escuta ativa.

Destacamos que a comunicação dialógica se constitui numa ferramenta importante por desenvolver “a capacidade de se expressar sem usar julgamentos, tais como bom ou mau, certo ou errado. A ênfase é dada na expressão de sentimentos e necessidades, em vez de críticas ou juízos de valor”, como afirma Marshall Rosenberg (GUIA SEMENTES, 2013, p. 39).

Economia Solidária e Consumo Consciente

O equilíbrio entre as questões econômicas, sociais e ambientais é essencial para atingirmos uma real melhoria na qualidade de vida. Por isso, estimulamos a prática da economia solidária, a partir da valorização dos recursos locais e da biorregião.

Destacamos pontos importantes como reavaliar o estilo de vida, repensar conceitos sobre qualidade de vida e bem estar, com vistas à redução do consumo para uma prática mais consciente. Estudos mostram que a felicidade não está necessariamente relacionada à aquisição de bens materiais, mas à convivência com a família, amigos, boa saúde e lazer (GUIA SEMENTES, 2013, p. 42).

Ecologia: Amor à Natureza

Fomentamos a conexão com o território/bairro, que ancora o espaço físico da casa e cria raízes. Conhecer os vizinhos vai estimular as atividades na própria região, fortalecer a economia local e reduzir a mobilidade, transformando o espaço num lugar de pertencimento.

A observação do funcionamento do ecossistema e dos espaços públicos do bairro vai estimular a preservação e proteção de todo tipo de depredação ou mau uso. É fundamental perceber os ciclos, os ritmos, os fluxos e a diversidade que estabilizam e sustentam os sistemas vivos. “Este é o convite que nossa geração está recebendo da natureza” (GUIA SEMENTES, 2013, p. 46).

Política: Serviço ao Bem Comum

Trabalhamos na transição para uma gestão local, circular e participativa, na qual os membros da comunidade são encorajados a uma atuação responsável e consciente em prol do bem comum e do exercício da cidadania plena. O exercício político é um serviço à comunidade, objetivando garantir melhores condições de vida para todos.

O cidadão deve valorizar e reconhecer seus direitos e deveres, participando, sempre que possível, dos debates promovidos pelo governo da cidade, no tange às decisões que afetam a sua comunidade. O quadro abaixo sugere algumas ações que ajudam a fortalecer a cidadania e também os vínculos com o bairro (GUIA SEMENTES, 2013, p. 50) (Figura 30).

Figura 30 - Fortalecendo a Comunidade



O processo de aprendizagem é dinâmico e multifacetado. Por esta razão, o Ecobairro busca mesclar os oito níveis de sustentabilidade e as escalas de transformação. O método alia teoria e prática através da utilização de ferramentas, que se traduzem numa linguagem dinâmica e flexível, por estarem em constante processo de reflexão e adaptação aos diferentes contextos.

Assinala-se que algumas das características marcantes dos movimentos em prol da sustentabilidade no mundo é a troca e o compartilhar de ferramentas, dinâmicas e vivências capazes de contribuir e ajudar a todos os que trabalham em

favor da transição para uma cultura sustentável. Esta troca é feita através de redes de colaboração para compartilhamento de conhecimento, como também nos encontros presenciais, que possibilitam vivências e intercâmbios entre os pares.

A Formação dos Círculos Ecobairro

É um instrumento metodológico que objetiva compartilhar experiências em sustentabilidade urbana, conhecer e agregar iniciativas existentes, sensibilizar pessoas para gerar multiplicadores, restabelecer as conexões locais e desenvolver estratégias que capazes de transformar bairros em *Ecobairros*.

Para garantir a continuidade das ações, é necessária a escolha de um grupo iniciador cujos componentes tenham afinidades pessoais ou profissionais com um dos oito níveis de sustentabilidade que compõem nosso DNA.

Outra ação importante é o estímulo ao “Diálogo Intergeracional”, que valoriza o intercâmbio de saberes entre as diferentes gerações. Usando linguagens apropriadas para cada estágio, promovemos a formação do Eco-infância, Eco-jovem e o Eco-maturidade, objetivando atingir e envolver a todos.

Abaixo, estão descritas as principais ferramentas metodológicas, utilizadas durante a nossa formação.

- **Investigação apreciativa:** que busca acolher o que existe de positivo no outro e no bairro, tendo como foco não o problema, mas a construção de um futuro desejado, a partir das forças existentes e de 4 fases principais: a *descoberta*, quando apreciamos o que se tem de melhor; o *sonho*, onde criamos a visão de futuro que se deseja; o *planejamento*, que é a construção coletiva a partir das imagens positivas de futuro; e o *destino*, que é a sustentação e o aprendizado contínuo dos ideais coletivos.
- **Constelações sistêmicas:** promove a conexão com nossas raízes, recuperando a força e a dignidade ancestral, através de um enfoque sistêmico. O resgate de antigos saberes fortalece os vínculos familiares e territoriais e empodera a comunidade. “A ideia de que formamos uma grande família planetária e participamos de uma mesma trama com um

destino coletivo comum, nos fortalece e revigora” (FRANKE-GRICKSCH, 2006, p. 14).

- ***Caminhadas temáticas:*** são passeios pelo bairro com um “olhar estrangeiro”, redescobrimo o bairro, seus tesouros materiais e imateriais, gerando identificação e valorização. Após a caminhada, constrói-se o “bio mapa”, um diagnóstico sócio-econômico-ambiental-cultural do bairro com o intuito de conhecer, compreender a se aproximar da realidade local.
- ***Oficinas práticas e mutirões:*** os grupos podem se reunir para limpeza e recuperação de áreas comuns, construir hortas comunitárias e jardins comestíveis, tintas naturais, alimentação saudável, aquecedor solar de baixo custo, entre outros, objetivando o aprender fazendo e oportunizando o trabalho grupal e a convivência.
- ***Medição da pegada ecológica:*** a medida da “pegada” é uma oportunidade de refletir e avaliar seu modo de vida e consumo e o gasto de energia. (relação entre estilo de vida x tamanho de área produtiva necessária para sustentar seu estilo de vida e o impacto que causamos à natureza). A redução do gasto energético deve ser um compromisso de responsabilidade pessoal e grupal.
- ***Círculos de diálogos e técnicas de moderação:*** os diálogos criam um campo de confiança e partilha, entendendo que o respeito à diversidade é a base da convivência em comunidade. Aliados aos diálogos estão os exercícios da comunicação dialógica e não violenta: aprender a ouvir para entender, a escuta ativa consigo mesmo e com o outro e a comunicação inter e intragrupal estão baseadas nos princípios da Cultura de Paz.
- ***World café:*** é um excelente método de conversação que objetiva promover diálogos construtivos, acessar inteligência coletiva, aumentar a capacidade de co-criar e trocar conhecimentos nas mais diversas áreas. Os participantes são convidados a focar no que importa, contribuir com o seu pensamento, falar com o coração, escutar para compreender e conectar ideias de forma divertida brincando, rabiscando e desenhando.
- ***Planejamento estratégico:*** é um dos pontos importantes para a execução das ações que irão concretizar o sonho coletivo. Para tanto, é necessário

construir a identidade local, sua missão e visão, definir objetivos comuns, elaborar estratégias de ação, definir programas, prazos e orçamentos e acompanhamento das metas (GUIA SEMENTES, 2013, p. 58-59).

Figura 31 - Formação Circulo I



Figura 32 - Formação Círculo II



Formação do Círculo Ecobairro. Janeiro 2013, São Paulo
Fotos: Denise Noronha

A formação do Círculo Ecobairro (Figuras 31 e 32), promovido pelo programa em São Paulo, na sede da Vila Mariana, em janeiro de 2013, foi uma etapa da residência social, que muito serviu para aprofundar a experiência com a metodologia do Ecobairro, levando ao meu enriquecimento pessoal e profissional.

Vale ressaltar alguns desdobramentos: agenda de encontros pós-curso, criação de e-mail grupo e um *blog*, feira de trocas mensais, execução de horta comunitária, recuperação de uma praça e o seu redesenho através da construção de jardins comestíveis. A equipe Ecobairro SP se comprometeu em apoiar o movimento, disponibilizando a sede para os encontros presenciais (Figuras 33, 34 e 35).

Figura 33 - Formação Círculo III

Feira de Trocas

Figura 34 - Formação Círculo IV

Reunião do Círculo

Figura 35 - Formação Círculo V

Dança Circular – sede Ecobairro SP

A busca por uma Pedagogia

Após 9 anos de implantação do Programa Ecobairro, fomos percebendo a necessidade de encontrar uma metodologia que pudesse embasar e aprimorar as nossas ações. Algumas inquietações foram emergindo, à medida que aprofundávamos nossas pesquisas e estudos: O que nos move para a mudança? Que educação pode ajudar neste processo? Por que a informação, o conhecimento não são suficientes para gerar as mudanças necessárias? Qual metodologia pode potencializar o desenvolvimento sustentável em comunidades?

Todas estas indagações nos inspiraram à criação de um grupo de estudos e pesquisa que permitisse a realização de uma síntese de pedagogias, que integrassem outras dimensões do Ser, a exemplo da Waldorf, Educação da Nova Era (Alice Bailey), Pedagogia para Valores (Sai Baba), Educação Integral (Sri Aurobindo e da Mãe), Pedagogia 3000 e alguns filósofos da educação, como Paulo Freire, Gadotti, Morin, Vygotsky, entre outros.

A proposta desta pedagogia, que inicialmente intitulamos de “Pedagogia da Mãe”, numa reverência e referência à “Mãe Terra”, está em estudos iniciais, deseja-se integrar mente e coração. Será ainda uma construção coletiva, participativa e multidisciplinar, agregando nossas vivências e experiências. De acordo com a declaração proferida na conferência de educadores de ecovilas (1998), em Thy-Dinamarca: “Busca-se um sistema de aprendizagem vivo que evolui e abrange considerações tanto globais quanto locais. Este sistema deve ser preparado para lançar sementes às próximas sete gerações” (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 101).

Desafiadora? Com certeza. Mas temos consciência de que não estamos sozinhos. Percebemos que hoje existe um despertar da humanidade, buscando outros caminhos possíveis. Viveret (2013) sintetiza de forma especial o nosso pensar:

Se a razão é apenas uma razão mental, instrumental, se ela não é acompanhada pela inteligência do corpo e pela inteligência do coração que, em termos contemporâneos, significa “inteligência emocional”, a razão pode perfeitamente chegar ao pior desta barbárie. [...] Fazendo da inteligência emocional não apenas uma questão individual, mas fundamentalmente uma questão coletiva, pode evitar o par “ciência sem consciência”, pois esta, é como dizia Rabelais, “a ruína da alma”. Nós só podemos utilizar a face positiva da racionalidade moderna, se utilizarmos esta face positiva da racionalidade amalgamada com a sensibilidade do coração. (VIVERET, 2013, p. 40-41)

Na tabela a seguir, consta um comparativo entre os três movimentos apresentados neste capítulo. Todos estes movimentos têm em comum a formação de pessoas em favor de uma cultura sustentável e os desafios são proporcionais a cada objetivo e metas a serem alcançadas. A maior parte das ferramentas e metodologias aplicadas nos três movimentos é oriunda do processo experimental das Ecovilas, também conhecidos como “Centros de Vida e Aprendizagem”, que são

poderosos catalisadores de mudanças porque as experiências, quando comprovadas e consolidadas, podem ser reproduzidas em qualquer parte do mundo, respeitando-se as diferenças culturais (MANUAL GAIA EDE, 2005, p. 101).

Quadro 1 - Movimentos em Prol da Sustentabilidade

	EDUCAÇÃO GAIA	CIDADES EM TRANSIÇÃO	ECOBAIRRO
OBJETIVOS	Formar Designs em Sustentabilidade	Tornar as Cidades mais resilientes para enfrentar as Mudanças Climáticas e o Pico do Petróleo	Formar agentes locais em sustentabilidade e fortalecer as comunidades urbanas
DIMENSÕES DE SUSTENTABILIDADE	Social, Visão de Mundo Ecológica, Econômica	Ecológica Econômica Social	Educação, Política Ecológica, Econômica, Espiritualidade, Cultura, Comunicação, Saúde
FERRAMENTAS METODOLÓGICAS	Comunicação Dialógica Tomada de decisão, Oficinas (hortas, tintas naturais) Feira de trocas, Word Café, Técnicas de Meditação, Estudo de Caso	Grupo iniciador Sensibilização, Rede de Colaboradores Grupos de Trabalho Open space Oficinas diversas Ponte com Governo Local	Investigação apreciativa Word Café, Feira de Trocas Oficinas e mutirões Grupo iniciador local Comunicação não violenta Relações com governo local
ESCALAS DE TRANSFORMAÇÃO	Ecovila rural ou Urbana	Cidades	Indivíduo, Casa, Rua/Quarteirão Bairro
CARGA HORARIA	160 horas de formação + 40h de Estagio	16 h – workshop + 6 a 12 meses de acompanhamento	30h – Formação + 6 a 12 meses de acompanhamento
RESULTADOS	Plano de Design Integrado De Ecovilas	Plano de Ação para o declínio do consumo de energia	Plano de Ação para transformar bairros em Ecobairros

O respeito e o entendimento das diferenças culturais e sociais constituem aprendizados que as três metodologias, em sua diversidade, procuram fazer emergir - a compreensão de que somos interdependentes para além das dimensões aqui explicitadas. As questões apresentadas no Capítulo 2 mostram as consequências danosas que hoje estamos enfrentando nas mais diferentes regiões do planeta, por não respeitarmos as leis fundamentais que regem a vida na Terra.

O dilema contemporâneo se encontra posto. A situação planetária requer resultados mais rápidos, porém, há de se compreender que não podemos fazer mágica para transformar culturas. Estamos lidando com pessoas e com o lento e gradual processo de modificação de hábitos, crenças e comportamentos. No entanto, precisamos começar imediatamente. Por este motivo, o relatório de 2010 da WWI, citado neste trabalho, trouxe como tema principal a transformação de culturas.

No capítulo seguinte, será relatada a experiência da Pesquisa-ação desenvolvida durante seis meses na comunidade do Calabar, apresentando a metodologia desenvolvida, as ferramentas utilizadas, os desafios e aprendizados desta rica experiência que não se finda com esta pesquisa.

4. O CALABAR – UMA HISTÓRIA DE RENOVAÇÃO

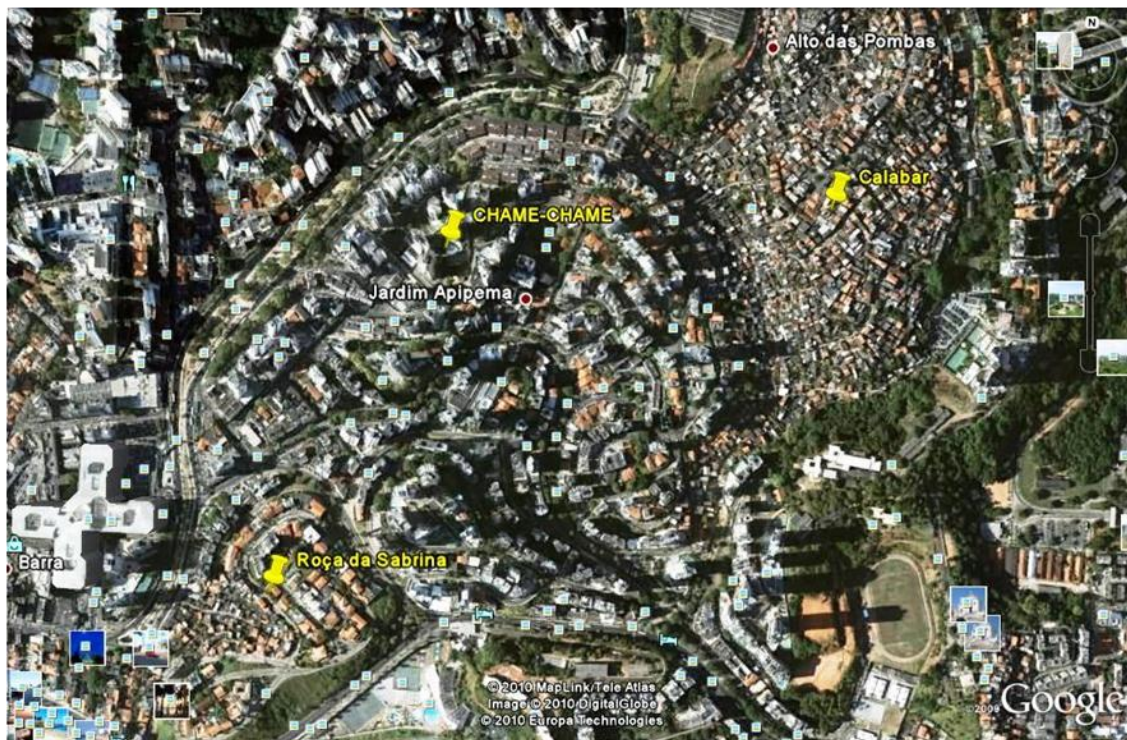
O contato do Ecobairro com a comunidade do Calabar começou entre maio e junho de 2011, logo após a instalação da primeira Base Comunitária de Segurança (BCS), em abril do mesmo ano. Fomos convidados por uma “gaiana” Cláudia Resende, que estava fazendo um trabalho de preparação, formação cidadã e de Cultura de Paz com membros da Polícia Comunitária que iriam atuar na localidade. Por ter feito o curso Educação Gaia e conhecer o Ecobairro em 2010, ela vislumbrou uma ótima oportunidade para a inserção das ferramentas e metodologias no projeto comunitário de pacificação.

A região, conhecida pelo alto índice de violência, por conta das disputas de gangues que comandavam o narcotráfico no local, sofreu intervenção iniciada pela Tropa de Choque da Polícia Militar que abriu caminhos, prendeu traficantes e preparou a comunidade para a chegada e instalação da BCS, cujo modelo é semelhante à UPP – Unidade de Polícia Pacificadora do Rio de Janeiro.

Com a presença diária da Polícia Comunitária, passou-se a registrar baixos índices de violência e, nos primeiros meses, o número de homicídios foi quase zero. O Calabar foi a primeira experiência desta natureza na cidade de Salvador e os policiais da BCS foram capacitados através dos princípios da vigilância comunitária e direitos humanos. A base conta com um efetivo de 100 policiais que se revezam em subgrupos, trabalhando em regime de plantão cobrindo 24 horas diárias.

Antes de seguir abordando as questões atuais da comunidade (Figura 36), farei um breve histórico sobre a sua formação que teve início na década de 1950.

Figura 36 - Mapa Localização Calabar



Bairros do Chame-Chame, Jardim Apipema, Calabar, Alto das Pombas, Roça da Sabina e o Shopping Barra, à esquerda abaixo.

Fonte: www.google.com.br

4.1. BREVE HISTÓRICO

A origem das comunidades, também chamadas de “invasões”, possui fontes diversas e imprecisas. O Calabar e muitas outras comunidades que existem hoje em Salvador surgiram entre as décadas de 1950 e 1960, período de intenso êxodo rural. Estes grupos vieram para a capital em busca de melhores condições de vida, porém, sem instrução e pouco ou nenhum recurso financeiro, acabavam se abrigando em locais de baixada alagadiças e sem nenhuma infraestrutura. A situação destes grupos foi se agravando ao longo das décadas e, sem o controle dos governos, logo se instaurou o processo de favelização da cidade.

A Dra. Lilian Coelho, em seu artigo “História de uma iniciativa popular na capital baiana: o jornal comunitário *Kalabari*, como alternativa ao silenciamento”, nos traz uma informação complementar:

Fontes dispersas afirmam que, no início dos anos 1950, o local onde hoje se situa o Calabar era uma mata. De acordo com depoimentos de fontes

orais locais, havia um vale estreito no meio da mata; as pessoas chegavam, cortavam o mato e construíam suas casas. Outras fontes – a exemplo do historiador Cid Teixeira – acreditam que o local já foi um quilombo, formado por escravos oriundos de região homônima da Nigéria (cf. MOURA, 2000; *apud* KALABARI, 2006, p. 2). Em razão da variedade de versões, só é possível afirmar com algum grau de segurança que a povoação do Calabar com as feições atualmente delineadas teve início na década de 1950, por um tipo de movimento chamado, erroneamente, no caso em questão, de “invasão”. (COELHO, 2009)

O Calabar está localizado entre os bairros do Jardim Apipema, Ondina e Avenida Centenário, área nobre da cidade. Constituído, em sua maioria, pela classe popular de origem negra, sua excelente localização tem causado “incômodos”, mas a comunidade tem resistido às pressões das classes dominantes e até dos governos. Por esta razão, ficou conhecida por sua história de resistência e organização política na luta por permanecer em área tão nobre e também por fazer protestos organizados contra o governo, cobrando infraestrutura básica, saúde e educação.

11 de maio de 1981, segunda-feira. Uma multidão de moradores saiu do Calabar e seguiu andando até a sede da prefeitura, sob o forte sol da tarde. A passeata em protesto pelo não atendimento das reivindicações comunitárias percorreria cerca de vinte quilômetros, subindo e descendo ladeiras. Organizada pela Associação de Moradores – cujo nome de registro é Sociedade Beneficente e Recreativa do Calabar –, a passeata se constituiu num fato inédito e pioneiro em Salvador após 1964. Foi a primeira manifestação de massa organizada livremente e deve ser destacado seu caráter genuinamente popular. A maioria esmagadora que dela fez parte era formada por pais e mães de famílias, operárias e crianças, todos moradores do Calabar. Portanto, foi vencida a tese de que só estudantes tinham capacidade de mobilizar-se para manifestações desse gênero em Salvador. (CARVALHO, *apud* COELHO, 1986, p. 60-61)

Segundo dados do IBGE e CONDER do ano 2000, o Calabar tem uma população estimada em aproximadamente 20.000 pessoas em mais de 5.300 domicílios. A década de 1980 acentuou a densificação, verticalizando as residências e piorando as condições de insalubridade.

Figura 37 - Calabar - Vista



Fotos: Lucas Albuquerque site: www.imprensaodigital126.Facom/Ufba

Desta forma, a paisagem urbana da cidade foi sendo composta a partir da mistura de casebres e construções inacabadas com a paisagem dos prédios sofisticados dos bairros de classe média e alta (Figura 37).

A maior parte dos moradores da área recebe cerca de meio a dois salários mínimos. Vivem em nítidas condições de insalubridade, vez que 10,4% dos domicílios foram construídos com materiais não convencionais; 46% possuem um único cômodo onde se aloja toda a família; 10,6% não dispõem de água encanada; 12,8% não possuem sanitários e 41,1% colocam o lixo em terrenos baldios, a céu aberto. Isso se reflete nos indicadores de saúde: 9,7% das crianças com menos de 5 anos sofrem de diarreia e 50,2% de infecção respiratória, chegando a 63,2% em algumas áreas do bairro. (SANTOS, 2005, *apud* COELHO)

O alto índice de desemprego, baixos salários e péssimas condições de vida, fortaleceram o crime organizado e permitiram o aumento da violência. E as notícias do Calabar ganharam as páginas policiais da mídia local. Esta história não é diferente nas demais comunidades, espalhadas por toda a cidade.

Assolado pela ausência do Estado que, como em outras favelas, mostrou-se historicamente ineficaz na promoção do desenvolvimento social de comunidades formadas por pessoas vindas do interior sem qualquer capacitação intelectual e profissional, o Calabar ganhou notoriedade na mídia pelo alto índice de homicídios e ocorrências relacionadas ao tráfico de drogas. A falta de saneamento básico, luz elétrica e educação, além dos recorrentes embates entre as duas gangues rivais que traficavam no local fizeram o bairro ser considerado um dos mais violentos da cidade e ocupar, mais de uma vez, o topo das listas periódicas de homicídios registrados na Região Metropolitana de Salvador. (SIMÕES, site: impressaodigital126/home)

Num contexto de violência e domínio da área pelos traficantes, o que antes era a falta de acesso aos equipamentos e serviços públicos por omissão do governo, passou a ser um motivo real para que instituições e empresas não pudessem entrar na comunidade para oferecer seus serviços, sob pena de sofrer algum tipo de violência. Mas a partir de abril de 2011, o panorama começou a mudar.

4.2. A INTERVENÇÃO DA BASE COMUNITÁRIA DE SEGURANÇA - BCS

Ainda sem a tutela do Município ou Estado, porém, com determinação e luta, a comunidade conseguiu se organizar e construir uma sede da Associação de Moradores do Calabar, onde já funcionavam um curso de pré-vestibular, o Conselho Tutelar, o Núcleo de Mediação de Conflitos e uma biblioteca com 6.000 títulos (Figuras 38 e 39). Hoje, após passar por uma grande reforma, o prédio abriga também a Base de Segurança.

Figura 38 – Polícia Comunitaria



Banda da PM na implantação da BCS

Fotos: Lucas Albuquerque site: www.impressaodigital126.com. FACOM - UFBA

Figura 39 – Instalações da BCS



Sala do CDC – Centro Digital da Cidadania

Segundo depoimento de moradores, com a instalação da BCS e a segurança garantida, a comunidade começou a contar com serviços regulares de coleta de lixo e empresas, como Coelba e Embasa, puderam fornecer regularmente seus serviços, a exemplo de telefonia, que inaugurou uma loja e uma sala de cinema. A Secretaria de Ciência e Tecnologia criou, em parceria com a Associação, o Centro Digital da Cidadania - CDC, para ensinar conceitos básicos de informática e funciona também como *lan house* aberta aos moradores. Os professores do CDC são moradores e policiais voluntários, uma ação que aproxima e traz maior integração entre polícia e comunidade.

Em reunião com lideranças e moradores, nos foi dito que as intervenções ainda são insuficientes para atender a demanda reprimida de tantos anos de omissão. Muitas ações precisam ser feitas nas áreas de saúde, educação, infraestrutura, emprego e renda. Os projetos atingem uma camada pequena da população, cuja demanda é muito maior que o número de vagas oferecidas nos projetos das ONGs ou das Secretarias de Governo.

4.3. O ECOBAIRRO NO CALABAR

Neste cenário, como dito anteriormente, fomos convidados a participar de algumas reuniões, realizadas entre maio e junho de 2011, com lideranças comunitárias e representantes das diversas secretarias e ONGs. O objetivo era definir, junto com a comunidade, as ações prioritárias e montar um Plano de Ação para o Calabar recém “dominado”. As necessidades da comunidade eram muitas e em diversas instâncias, porém, a maior parte das demandas iniciais estava relacionada a serviços básicos de infraestrutura, que, naquele primeiro momento, apenas cabiam às secretarias dos governos local ou estadual.

Os moradores estavam ansiosos para resolver tantos problemas e carências, como a retirada de documentos pessoais (RG, CPF e Certidões), realização de consultas médicas, garantia de vagas em escolas e creches, regularização de coleta de lixo, entre outros. Percebemos que aquele não era o momento para a atuação do Ecobairro. Devíamos aguardar alguns meses até que as necessidades mais

emergentes fossem atendidas e a comunidade se acostumasse com a presença massiva do Estado, uma situação nova para todos os envolvidos.

Alguns meses depois deste contato inicial, precisamente em agosto de 2011, foi realizada a primeira reunião entre Ecobairro e o Calabar, que constituiu um momento de conhecimento e contato mais aprofundado da realidade local. Falamos do nosso trabalho e das propostas de ação e ouvimos dos presentes um pouco da história da comunidade, os projetos existentes e o sistema de organização local.

A Comunidade já contava com projetos e parcerias como: Biblioteca Comunitária (<http://bibliotecadocalabar.blogspot.com/>); Feira de Produtos das Cooperativas Locais, PRÓ-JOVEM – capacitação de jovens; Cooperativas de Alimentos e de Costura; Associação das Mulheres; Blog da Pacificação Calabar (<http://www.blogdapacificacao.com.br/tag/calabar/>); Rádio Comunitária; Jornal Calabar (convênio c/ FACOM/UFBA). E, após a “pacificação”, outras instituições como a SECULT, SEDUC, SENAI, Sec. SAÚDE, UNEB, FSBA e UFBA, intensificaram sua atuação na Comunidade.

Apesar de tantos projetos, o debate sobre as questões da sustentabilidade eram quase inexistentes. Porém, neste primeiro contato, o grupo tinha uma demanda – organizar uma feira de trocas, objetivando, num futuro próximo, a criação de uma moeda local. Pediram nossa orientação sobre a metodologia da feira e ajuda para a organização de um primeiro evento que seria aberto a comunidade (Figura 40).

Figura 40 – Reunião na biblioteca



1ª Reunião 16/8/11 - Calabar – Foto: arquivo Ecobairro

Na segunda reunião, realizada em setembro de 2011, fizemos uma vivência com os presentes, para demonstrar a metodologia da feira de trocas de acordo com a demanda da reunião anterior. Foi um momento de aprendizado com a criação do nome da moeda - “Resistência Calabar”, confecção das notas, valoração dos produtos, criação do lastro e o processo das trocas dos produtos. Tudo aconteceu num clima muito divertido e prazeroso.

Na oportunidade, convidamos o grupo a participar do Brechó EcoSolidário, um evento que acontece anualmente em Salvador. É um grande mercado de trocas de produtos usados, cuja moeda social é o *Grão*, tem como missão “promover o consumo sustentável e consciente a partir de práticas da economia solidária” (<https://www.facebook.com/brechoecosolidario/info>).

Eles aceitaram e, assim, mediamos a organização do Brechó para que o Calabar tivesse um posto de trocas. Era mais uma oportunidade da comunidade participar deste evento, que promove outra lógica de consumo. O objetivo era estimulá-los a realizar uma feira local. Apesar dos bons resultados na participação do Brechó, eles não conseguiram se organizar para realizar a feira de trocas na comunidade.

Como orienta a metodologia do Ecobairro, sugerimos a formação de um núcleo iniciador composto de alguns moradores, para a realização das ações na comunidade, identificando pessoas que desejassem se inserir neste projeto. Propomos a participação da comunidade na segunda edição do curso Gaia EDE, que aconteceria no segundo semestre de 2012, por acreditar na importância da experiência transformadora desta formação, conforme evidenciado no capítulo anterior.

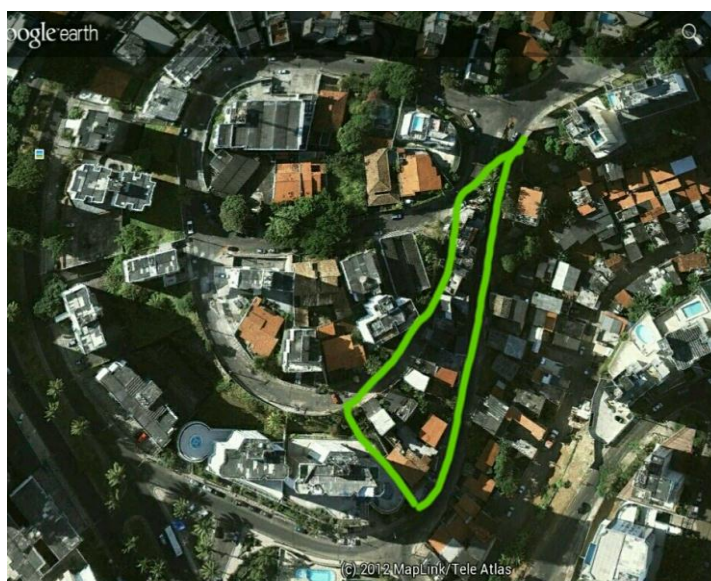
A última reunião de 2011 aconteceu em outubro e tinha um foco específico – encontrar soluções conjuntas para a melhoria da comunicação, objetivando a mobilização de pessoas para as ações locais. Após algumas reflexões dos presentes sobre as possíveis causas da desmotivação, explicamos mais uma vez que para atuarmos na comunidade, era imprescindível ter a parceria da mesma e pessoas que vivessem o cotidiano local. Ficamos aguardando um contato que não aconteceu. A comunidade estava com muitos projetos por conta da chegada da BCS.

Os contatos iniciais na comunidade trouxeram alguns aprendizados – o desafio da mobilização e a dificuldade de sensibilizar as pessoas para formar um grupo iniciador, capaz de impulsionar as ações em prol da sustentabilidade. Do nosso lado, estávamos com o Programa Ecobairro, recém implantado em Salvador, e precisávamos reavaliar a nossa forma de inserção na comunidade.

Uma nova oportunidade de atuação do Ecobairro junto à Comunidade do Calabar surgiu em 2013, através desta dissertação-projeto. Desta vez, pensamos em iniciar numa área de atuação menor, no caso, na Rua Desembargador Ezequiel Pondé, no Jardim Apipema, com uma média de 40 famílias e aproximadamente 250 pessoas.

A escolha desta rua para a atuação da pesquisa se deve ao fato de estar na vizinhança de um dos membros do Ecobairro, mantendo a ideia das escalas de transformação: o indivíduo, a casa, a vizinhança. Iniciar as atividades com um grupo menor de pessoas e, por conseguinte, mais fácil de mobilizar, o constante contato com a comunidade desde 2011 e o interesse de uma das lideranças da comunidade, residente desta mesma rua na implantação das ações sustentáveis (Figura 41).

Figura 41 - Mapa Rua do Calabar



Jardim Apipema - Calabar.
Área delimitada em verde – realização da pesquisa
Fonte: Google Maps, 2013

4.4. PASSOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA-AÇÃO

Conforme indicado na Introdução, a Pesquisa-ação essencialmente qualitativa foi o caminho utilizado para nortear o estudo e a atuação na Comunidade do Calabar. Além dos esclarecimentos já expostos, cabe acrescentar outros elementos que, segundo Terense (2006), caracterizam a abordagem qualitativa e que se alinham à proposta desta Dissertação-projeto.

- quando o universo a ser pesquisado é pequeno, torna-se desnecessária a quantificação;
- permite a descrição e análise dos dados em uma síntese narrativa;
- tendência a ser descritiva e mais interessada no processo do que nos resultados ou produtos;
- coleta de dados por meio de entrevista, observação, investigação participativa, entre outros;
- busca da compreensão dos fenômenos pelo investigador, a partir da perspectiva dos participantes;

O planejamento das atividades e o trabalho de sensibilização na comunidade foram feitos através de reuniões com alguns moradores e liderança, um pequeno grupo inicial de 5 a 6 pessoas. Utilizamos também as oficinas como processo de sensibilização, por entender que as práticas têm resultados imediatos e seriam importantes para a credibilidade da nossa proposta para a comunidade.

A minha experiência profissional com projetos sociais há mais de 10 anos foi importante nesta etapa, por entender que qualquer inserção numa comunidade requer cautela, atenção e uma escuta ativa para as questões trazidas por eles. A partir deste lugar de escuta, apresentamos algumas propostas de oficinas, deixando-os escolher a partir das suas necessidades e, por vezes, curiosidade, pois nem sempre conheciam o assunto ou a técnica apresentada e pensavam que as tecnologias sustentáveis eram muito caras e inacessíveis.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o registro no diário de bordo, o registro fotográfico, as entrevistas semi-estruturadas, além da observação-participante nas reuniões e conversas informais com moradores e lideranças, as oficinas, palestras e cine-diálogo, descritas no Quadro 2.

Para a execução destas atividades de pesquisa e para o cumprimento do planejamento, foi necessária uma boa dose de intuição e flexibilidade da parte do gestor/pesquisador. Em vários momentos, tivemos que reprogramar de forma criativa as ações planejadas, fato que aconteceu em diversos momentos desta rica experiência. Um exemplo importante foi a palestra conduzida pela Dra. Dina Marquesini, marcada para um sábado à tarde no “Bar de Domingas”, horário, segundo ela, sem movimento. Justo neste dia, o bar, até então tranquilo, começou a receber clientes. Vimos, então, que seria impossível fazer a atividade ali. Imediatamente, tivemos a ideia de usar o *play-ground* de um prédio da rua. Após permissão dada pelo síndico, improvisamos cadeiras, instalamos o projetor e a palestra aconteceu com sucesso e participação de muitas mulheres, de diferentes idades, da comunidade.

Autores como Vergara (1991, 1993), Cunha (2002) e Wheatley (2000) têm abordado a importância da intuição na tomada de decisão, reconhecendo sua importância nos processos de criação e da gestão. Conceito que traz inovação para a função do gestor, além da abertura para a inclusão das incertezas num processo de pesquisa ou numa ação organizacional. Cunha (2002) traz uma reflexão que comunga com algumas experiências vivenciadas, tanto durante a pesquisa para o Mestrado como na condição de gestora de projetos sociais em comunidades, “a necessidade de buscar constantemente novas soluções sem o benefício de planos ou cursos pré-determinados” (CUNHA, 2002, p. 38). Weick complementa tais considerações:

A ideia de estética da imperfeição pode ser associada à noção das organizações como espaços de aprendizagem e de exploração de novas vias de atuação. Essa busca ativa da exploração de caminhos desconhecidos implica, inevitavelmente, na consideração do erro como aspecto normal da prática organizacional. (WEICK, 1999, *apud*, Cunha, 2000, p. 38)

Um grande aprendizado neste processo foi entender um pouco a dinâmica da comunidade, as diferentes percepções de espaço e tempo e, principalmente, a abertura para a improvisação e a criatividade diante dos desafios que emergiam, a exemplo de local inadequado ao desenvolvimento das atividades, imprevisibilidade

quanto ao número de participantes, etc., obrigando-nos, em alguns momentos, a reduzir ações planejadas ou incluir outras não planejadas, como veremos a seguir.

4.5 INICIANDO AS ATIVIDADES, RESSIGNIFICANDO O PLANEJAMENTO

O início da pesquisa ocorreu no dia 13 de abril de 2013, com uma primeira reunião, momento em que estavam presentes quatro membros do Ecobairro e seis moradores da comunidade. Anteriormente à reunião, os integrantes do Ecobairro-BA elaboraram uma agenda, mas nada aconteceu como previsto. Antes de iniciarmos qualquer explanação, Gui, um ex-líder da comunidade, tomou a palavra e indagou: “Vocês vão fazer pesquisa? São de universidade?” E, antes que pudéssemos responder, continuou: “Nós não gostamos de pesquisa de universidade. As experiências não foram boas. O pessoal chega aqui, a gente recebe, eles fazem a pesquisa e depois vão embora e nem sequer retornam para dar algum resultado para a comunidade”.

Gui continuou a falar que eles não queriam mais trabalhos pontuais, cursos ou pesquisas que não trazem nenhum resultado mais imediato para a comunidade. Eles queriam ações mais efetivas. Em seguida, perguntou se nós poderíamos ajudá-los a montar uma cooperativa de reciclagem porque acreditavam que traria renda para a comunidade e seria algo concreto que deixaríamos como resultado da nossa passagem na comunidade.

Falamos sobre o Ecobairro, objetivo e propostas, explicamos a nossa atuação em 2011, de como chegamos até o Calabar e da nossa vontade em retomar as ações na comunidade, desde que pudéssemos contar com o apoio do grupo. Pontuamos que não fazíamos nada sozinhos e o quanto era importante a parceria deles.

Diante de tal exposição e franqueza da parte deles, vimos que o caminho não era fazer a formação do círculo Ecobairro, como prevê nossa metodologia. Estávamos diante de uma situação que necessitava de muito cuidado e flexibilidade. Ao fazermos uma leve sondagem sobre meio ambiente e tecnologias sustentáveis,

percebemos que eles não tinham muito conhecimento sobre o tema e pensavam que estas tecnologias eram inacessíveis, por custar muito caro.

Explicamos sobre a necessidade de tempo e logística para a constituição de uma cooperativa e o compromisso e envolvimento de todos. Também afirmamos que poderia ser uma ação para um futuro próximo. Explanamos sobre algumas oficinas que poderíamos ofertar, a exemplo de hortas verticais, compostagem, tintas naturais, entre outras. A presença de dois pedreiros na reunião foi suficiente para aguçar a curiosidade deles sobre as tintas naturais. Estes profissionais perguntaram, inclusive, se podíamos fazer a primeira oficina quinze dias depois daquele encontro. Encaramos a sugestão como um teste e, duas semanas depois, estávamos de volta para fazer a primeira oficina de tintas naturais na comunidade.

A partir daí, resolvemos adequar a nossa proposta à necessidade do grupo. Decidimos fazer as oficinas como processo inicial de sensibilização e educação. Desta forma, eles já veriam alguns resultados práticos e ações mais efetivas. Foi necessário rever o planejamento inicial, pois percebemos os desafios que nos aguardavam. O aprendizado deste primeiro contato foi que o Gestor Social não deve se prender ao “*script*” e que seu planejamento deve ser flexível para atender ao contexto. Exercitar a flexibilidade e colocar-se aberto ao que pode emergir constituíram as principais lições aprendidas neste primeiro contato.

No caso desta comunidade, percebemos, logo após a primeira oficina, que estávamos no caminho certo. A declaração de Fátima Gavião, agente de saúde e liderança, confirmou isso: “Gostei do Ecobairro porque vocês vão logo para a ação, fazem coisas simples, fáceis de fazer e de baixo custo” (GAVIÃO, 2013).

Vale destacar o aprendizado trazido tanto com a experiência do Calabar/BA quanto na Vila Mariana/SP¹. No primeiro grupo, as ações práticas que demonstraram um resultado efetivo foram fundamentais para propiciar o interesse e a continuidade do trabalho, que, pouco a pouco, foram fortalecendo e ampliando a participação da comunidade. No segundo grupo, a necessidade do conhecimento teórico, aliado ao processo de reflexão crítica e à experiência prática, foi mais adequada para impulsionar a mobilização para a ação no bairro. Nos dois grupos, foram observadas algumas pessoas comprometidas e com vontade de realização.

¹ Descrito como experiência da Residência Social Etapa I – Ecobairro São Paulo, p. 85

Naturalmente, elas tiveram um papel fundamental como catalisadoras de ideias e estimularam o processo de sensibilização e mobilização para as ações.

Atividades Realizadas e Desafios do Processo

A seguir, consta o resumo das atividades realizadas durante os meses de abril a setembro, período de realização desta Pesquisa-ação.

Quadro 2 – Atividades Realizadas na Comunidade do Calabar

Salvador- Bahia – De Abril a Setembro de 2013

ATIVIDADES/ DADOS	OFICINA TINTAS NATURAIS	OFICINA PÃO INTEGRAL	CINE DIÁLOGO	OFICINA RECICLAGEM: FLORES PET	PALESTRA SOBRE SAÚDE
DATA	27/04	22/5	17/06	14/08	21/09
NUMERO PARTICIP.	08	08	15	06	13
CARGA HORARIA	04 H	03 h	03 h	03 h formação + 2H/Semanal Total = 23 h	03 h
OBJETIVO	Pintar com baixo custo e Embelezar a casa e A Rua	Alimentação saudável e Possibilidade aumento de renda	Filme: O Lixo Extraordinário Conscientizar e educar para reciclagem	Reciclar, reduzir volume de lixo, Montar uma arvore de Natal na rua.	Informações sobre saúde, com foco na prevenção da Diabete.
DIMENSÃO TRABALHADA	Ecologia e Economia	Saúde e Economia	Educação Cultural, Ecologia	Ecologia, Economia e Cultura	Saúde e Educação
ESCALA TRANSFORM.	Individual, Casa e Rua	Individual e Casa	Individual e Rua	Individual, Casa e a Rua	Individual e Casa
FACILITADOR	Denise, Heliana,	Denise	Denise	Nilda	Dra. Dina Marquesini e Claudia
LOCAL DE REALIZAÇÃO	Rua Des. Ezequiel Pondé Casa do Sr. Bráulio	Bar Domingas	Bar de Domingas	Bar de Domingas	Play Ground Edf. Aicram

Realizamos em cinco meses, três oficinas, um cine diálogo e uma palestra, somando as cinco atividades temos: um total de 36 h e 38 participantes diretos. A oficina de flores de *pet* continua em funcionamento e sob nossa supervisão, mesmo

após o término da Dissertação, em 12 de dezembro de 2013, por conta da necessidade de grande quantidade de flores. A montagem da árvore para dezembro de 2013 também teve prosseguimento.

As oficinas e o tema da palestra foram definidos pelos moradores e adequados a nossa capacidade em atendê-los. Os desafios e avanços desta rica experiência estão descritos a seguir.

Os desafios:

- Mobilizar uma comunidade que, por estar em local de fácil acesso, tem grande demanda de projetos e pesquisas, principalmente após a chegada da Polícia Comunitária;
- A falta de retorno das pesquisas e trabalhos realizados por universidades, o que acabou gerando o descrédito da população com relação a estas instituições;
- Pouca participação dos moradores nas atividades, mesmo sendo programadas para dias e horários escolhidos conjuntamente;
- Falta de espaço adequado para a realização das atividades. O único espaço público da rua é o Bar de Domingas e, por ser um estabelecimento comercial, não oferecia, em algumas situações, a tranquilidade necessária para a realização de algumas atividades.

Destaco a importância de cultivar a persistência e a firmeza nos momentos iniciais do trabalho em qualquer comunidade ou grupo. Os resultados mesmo que inicialmente tímidos são sempre compensadores.

Os avanços, o que foi realizado:

- Realizamos cinco atividades de modo satisfatório apesar de não ter grande número de participantes;
- Destaco a boa vontade de Domingas, dona do bar, único espaço de convivência e lazer da comunidade e, portanto, lugar onde “tudo” acontece;

- A oficina de tintas fez sucesso depois do inicial descrédito pela simplicidade dos materiais usados – terra, água e cola.

“Ficou bonito! Esta cor de terra é cara da loja!”, comentou Sr. Bráulio. “Mas não vai derreter não?”, perguntou desconfiado. A felicidade dele e da sua família por ter tido a fachada da casa pintada. “Estava rebocada havia anos, mas os custos das tintas me impediram de pintar”, repetiu ele, feliz! Meses se passaram e a aparência da tinta continua intacta, sem desbotar, manchar ou derreter, como eles temiam. E, assim, todos ficaram encantados com o resultado de uma receita tão simples e fácil de fazer (Figuras 42, 43 e 44).

Figura 42 - Oficina de Tinta Natural I



Foto: Denise Noronha

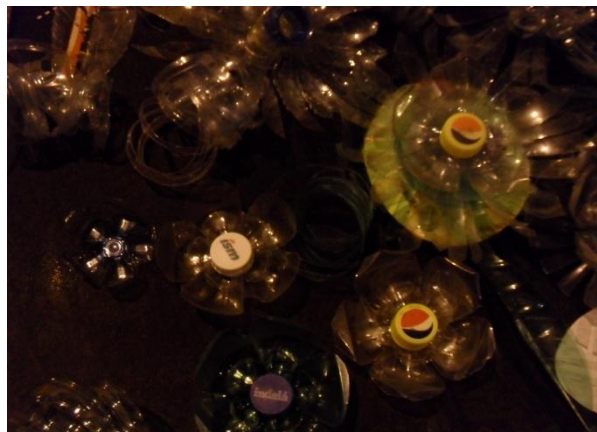
Fig. 43 - Oficina de Tinta Natural II



Fig. 44 - Oficina de Tinta Natural III



- A oficina de reciclagem de garrafas *pet* para confecção de flores (Figuras 45 e 46) teve como foco a produção de uma grande árvore de natal, com cerca de 2m de altura, prevista para ser montada na rua, sob nossa orientação. Mobilizou não só as mulheres que fizeram a formação, mas as famílias da Comunidade. “O volume de lixo reduziu porque as garrafas *pet* agora têm outra função e as famílias estão ajudando, separando e doando as garrafas pra gente”. Palavras de Sephora, uma das mulheres envolvidas no projeto. E outra moradora observou que a rua está mais limpa.

Figura 45 - Oficina Reciclagem I**Figura 46 - Oficina de Reciclagem II**

- A palestra de Dra. Dina (Figuras 47 e 48) teve um público bem específico que participou pela primeira vez das atividades – um grupo de senhoras idosas. O foco da apresentação foi diabetes, um mal que acomete um percentual significativo da comunidade, segundo a agente de saúde Fátima Gavião. Dra. Dina Marquesini, especialista em medicina ortomolecular, trabalha com prevenção de doenças através da alimentação. Após uma explanação do conceito mais amplo de saúde, falou sobre a diabetes, os cuidados com os alimentos que ingerimos, nossos hábitos e atitudes diárias para prevenir e reduzir os riscos da doença. Todas muito atentas e participando com perguntas. Após a palestra, mais dúvidas foram respondidas pacientemente pela palestrante, que se disponibilizou a retornar com outros temas.

Figura 47 - Palestra de Saúde I**Figura 48 - Palestra de Saúde II**

As Entrevistas

Foram realizadas 6 entrevistas, envolvendo 38 participantes. O critério utilizado foi ter participado de, no mínimo, duas das atividades realizadas.

Quadro 3 - Avaliação dos Entrevistados

Período Realização das Entrevistas – Outubro de 2013

NOMES/ PERGUNTAS	BRAULIO	DOMINGAS	FÁTIMA	LENIALVA	SARAH	SEPHORA
IDADE	59	49	53	45	31	29
PART. OFICINAS	2	5	4	2	2	3
CONHEC. ADQUIRIDOS	Fazer tinta	Reciclagem	Reciclagem e Alimentação	Tinta e Fazer pão	Desenv. artístico	Fazer a Tinta
USO CONHECIMENTO	Passou a receita para amigos	Separação Do lixo	Novos hábitos Alimentares	Separação Lixo	Artesanato	Montagem de prato saudável
MOBILIZAÇÃO	Não respondeu	Maior dificuldade no inicio	Rotina viciante Apatia	Não respondeu	Maior dificuldade. inicio	Identificaçã o com tema
CONHECIMENTO. ANTERIOR	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim

Dos seis moradores entrevistados, apenas um homem respondeu ao questionário, uma realidade que se repetiu em todas as demais atividades, onde tínhamos a presença massiva das mulheres.

A faixa etária entre 31 a 53 anos - maior participação de adultos.

100% dos entrevistados declararam que as oficinas trouxeram algum conhecimento novo na sua vida e que tem utilizado este conhecimento na sua vida. Um caso destacável é o da reciclagem de pet e tetra-Pac, que trouxe menor volume do lixo, limpeza da rua e uniu a comunidade em torno de um objetivo comum. Este é

um dos resultados que as metodologias do Ecobairro e do curso Educação Gaia podem fazer emergir numa comunidade ou bairro.

Sobre a dificuldade de mobilização de pessoas, sugeriram diferentes respostas: maior dificuldade no início das oficinas. Após os resultados das primeiras oficinas, foi mais fácil, a apatia e a rotina viciante que imobiliza a maioria das pessoas para aprender coisas novas e a falta de identificação com o tema proposto. A sensibilização de pessoas tem sido o grande desafio, por tratar-se de aquisição de novos hábitos e transformação de cultura. Por isto, uma lição apreendida nesta pesquisa foi que devemos dedicar mais tempo – pelo menos 6 meses – de atividades constantes na comunidade para alcançar um numero cada vez maior de pessoas que possam se tornar agentes multiplicadores das boas práticas sustentáveis.

Seguem, abaixo, alguns depoimentos merecedores de destaque, justamente porque mostram que, apesar dos desafios enfrentados para a realização das atividades, os efeitos, ainda que tímidos, estão emergindo e que algumas sementes plantadas começaram a germinar.

Lene – Está muito feliz com o resultado de pintura da sua fachada. Os familiares e amigos que a visitam perguntam onde foi comprada tinta de cor tão bonita. E que a oficina de reciclagem com pet reduziu o lixo que ficava espalhado pela rua e deixou a rua mais limpa.

Sarah – Disse que a oficina de flores com *pet* desenvolveu seu lado artístico, começou a fazer outras coisas, com pet, jornal, revistas, entre outros produtos. Sobre a mobilização, relatou que o início foi mais difícil, mas agora a comunidade viu que a “união faz a força”, que está motivada para fazer outras ações. E destacou a cooperação da vizinhança no recolhimento das *pets*.

Fátima – Aprendeu na palestra sobre saúde que, para viver mais e melhor, é preciso abrir mão do consumo de produtos que são nocivos à saúde, que tanto a oficina de reciclagem quanto a palestra sobre saúde, a fizeram repensar seus hábitos (Figuras 49 e 50).

Figura 49 - Oficina de Pão Integral I**Figura 50 - Oficina de Pão Integral II**

Fotos: Denise Noronha

É relevante o fato de que outras atividades estão previstas para os meses de novembro e dezembro, como uma oficina de brinquedos com material reciclado, agendada para dia 9 de novembro, a montagem da árvore de natal no final do mesmo mês e um evento cultural de confraternização para encerrar as atividades do ano. Estamos tecendo também a continuação das nossas ações para 2014, com o cine diálogo, que pretende ser mensal, além da execução de uma horta vertical, oficina de mosaico e a construção de um forno a lenha em bio-construção, que será instalado em frente ao Bar de Domingas, o “point” de lazer da Comunidade.

O capítulo seguinte busca integrar as lições aprendidas da Pesquisa-ação através de uma cartilha que pretende servir como ferramenta a todos que desejam iniciar um movimento em prol da sustentabilidade urbana.

5. ALGUMAS TECITURAS

Desde a implantação do Ecobairro-BA, em janeiro de 2010, a maior parte das nossas ações foi direcionada à formação de multiplicadores em sustentabilidade através das seguintes ações: duas edições do Curso Educação Gaia, *workshop* do Movimento Cidades em Transição, organização da ação - Oito Níveis de Sustentabilidade², no Farol da Barra, e através de parcerias em eventos, como o VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, o Brechó Eco-Solidário, entre outros, além de organização de cursos de curta duração, seminários e palestras, conforme citado no Capítulo 2.

Entendemos que a informação e a formação de pessoas são cruciais, em função da crise ambiental generalizada e da urgente necessidade da mudança de paradigma, como demonstrado nos Capítulos 1 e 2. Mas entendemos também que a ação efetiva em bairros ou comunidades é essencial e com grande potencial de transformação. As ações desenvolvidas no Calabar, descritas no capítulo anterior, representam a primeira experiência do grupo Ecobairro-Ba em comunidade de baixa renda. Os cinco meses de trabalho com a pesquisa já sinalizam algumas mudanças no comportamento e nas práticas cotidianas dos envolvidos.

No percurso, pudemos observar a importância de uma estrutura organizacional oferecida pela Direção do Instituto Roerich e o apoio dos nucleadores de cada dimensão do Programa. A metodologia estruturada, a partir dos oito níveis de sustentabilidade, representada pela simbologia da espiral que integra e interliga as várias dimensões do indivíduo, aliadas às escalas de transformação, mostraram-se eficazes e com grande capacidade de flexibilidade e adaptabilidade aos diferentes contextos, como os exemplos da Vila Mariana, em São Paulo, e o Calabar, em Salvador, citados no Capítulo 3.

Tanto as oito dimensões como as escalas de transformação, que foram trabalhadas nas oficinas, mostraram que podem dialogar e se interconectar, a partir de diferentes arranjos e necessidades, sem que haja perda ou comprometimento da

² Evento realizado no dia 5 de junho de 2011 – Dia internacional do Meio Ambiente. O Ecobairro realizou atividades, oficinas, diálogos, danças circulares, medição da Pegada Ecológica, etc. mostrando as oito dimensões que compõem seu DNA.

qualidade da formação. Porém, o planejamento e a tessitura das relações entre a equipe de formação e a comunidade devem ser tratados com cuidado e respeito às diferenças.

Outra contribuição que aqui merece ser mencionada aconteceu durante a residência social na Cidade do México. Na oportunidade, conheci melhor a pesquisa e o trabalho da Dra. Ângela Fontes (Colégio de Pós Grados), que utiliza a Constelação Sistêmica voltada para o Desenvolvimento Comunitário Integrativo, recuperando a força e a dignidade das Comunidades Indígenas. A organização territorial, o diagnóstico participativo e a reconexão com as raízes ancestrais propicia o fortalecimento, a dignidade e o orgulho da cultura indígena.

A oportunidade de conhecer melhor o trabalho de Ângela Fontes aconteceu quando da realização do Seminário de Desenvolvimento Sustentável Integrativo e Gestão Social, no auditório da UDUAL/UNAM, Cidade do México. Os excelentes resultados do seu trabalho nas comunidades indígenas mexicanas me fizeram vislumbrar o uso de algumas ferramentas que poderiam enriquecer a proposta metodológica do Ecobairro. Um exemplo é o trabalho de resgate da autoestima e da saúde emocional, com as comunidades, integrando relações interpessoais e a reconexão com a ancestralidade e com o território.

Neste contexto, foi possível perceber a relevância deste trabalho, segundo Dra. Ângela Fontes, a sensibilização que traz o resgate da autoestima e o reconhecimento de pertencimento do seu território, movendo as pessoas para a realização de ações em prol de si mesmas e da sua comunidade. Por esta razão, considere esta ferramenta de fundamental importância, por reconhecer, nesta pesquisa, que este é um ponto desafiador para qualquer trabalho social e comunitário.

Após este mergulho profundo pesquisando metodologias e vivenciando ricas experiências de construção da sustentabilidade, emergiu a necessidade de produzir um material didático de fácil compreensão, que pudesse atender as demandas iniciais de qualquer pessoa que deseje iniciar a implementação de ações na vida pessoal, no lar ou na comunidade.

A Cartilha Ecobairro: Sustentabilidade e Cultura de Paz no Eixo Urbano, que integra o presente capítulo, constitui a ferramenta resultante deste processo. É

inspirada no *Guia Sementes para um Bairro Sustentável e Pacífico*, lançado pelo Ecobairro São Paulo, em maio de 2013, como fruto do *Projeto Sementes para um Bairro Sustentável*.

A proposta da cartilha é ser um instrumento de consulta rápida, de fácil manuseio, que integre as lições e aprendizados tanto das experiências anteriores do Programa Ecobairro quanto desta Pesquisa-ação. A concepção e a elaboração da cartilha levaram em conta a simplicidade e praticidade das ações, buscando torná-la didática e autoexplicativa. Também houve preocupação com a beleza e a estética, visando torná-la palatável.

Espera-se que esta cartilha seja capaz de inspirar as pessoas a começar um movimento em prol de ações mais sustentáveis, responsáveis por um “bem viver” pessoal e coletivo e, desta forma, começarmos a reescrever outra história.

ABRA,
LEIA COM ATENÇÃO
E APLIQUE ESTAS
FERRAMENTAS
NA SUA VIDA,
NA SUA CASA,
NA SUA RUA,
NO SEU BAIRRO.



6. PODEMOS REESCREVER UMA OUTRA HISTÓRIA

Medo de Amar é o Medo de Ser Livre ³

Beto Guedes

O medo de amar é o medo de ser
livre para o que der e vier
livre para sempre estar
onde o justo estiver

O medo de amar é medo de ter
de, a todo momento, escolher
com acerto e precisão
a melhor direção

O sol levantou mais cedo e quis
em nossa casa fechada entrar - pra ficar

O medo de amar é não arriscar
esperando que façam por nós
o que é nosso dever - recusar o poder

O sol levantou mais cedo e cegou
o medo nos olhos de quem foi ver – tanta Luz.

A capacidade de síntese na arte é o que nos emociona e comove!

A letra da canção, acima transcrita, sintetiza, em poucas linhas, o que gostaria de escrever nas últimas palavras deste trabalho. A letra nos fala de medo, amor, liberdade, escolhas e poder. Após tantas reflexões e leituras expressas neste trabalho, esta canção resume de forma poética algumas das indagações iniciais que moveram esta pesquisa.

Ao trabalhar com as questões da sustentabilidade, aprofundando as pesquisas nesta área e acompanhando com atenção as notícias dos desastres

³ Disponível em: <http://letras.mus.br/beto-guedes/44539/#selecoes/44539/>

ambientais ou das depredações do patrimônio natural, surgem sempre as mesmas questões: Por que continuamos a agir de forma inconsequente? Na era da informação globalizada, de tantos avanços científicos e tecnológicos, o que nos impede de ampliar a consciência e mudar a nossa forma de viver?

A profundidade trazida pela letra da música de Beto Guedes, *O Medo de Amar é o Medo de Ser Livre*, sinalizou que as raízes de nossa prisão, da apatia, da dificuldade em mudar padrões e crenças, de sair da nossa “zona de conforto”, que nos priva da liberdade de optar por uma vida mais simples e sustentável, é o Medo.

Temos medo de perder o conforto e as facilidades conquistadas pela modernidade, medo de reduzir o padrão de vida e consumo, um padrão que só está mais fortemente implantado na história da cultura humana há apenas 50 anos. E mesmo sabendo que este padrão só é oportunizado e acessível a 20% da população mundial, que consome 80% de tudo que é produzido no planeta, não nos movemos para mudar. Ao contrário, continuamos irresponsavelmente a querer mais.

Se colocarmos numa balança, de um lado, o que estamos ganhando com todas as “coisas” que compramos, incluindo o “preço” que estamos pagando, e, do outro, o que estamos perdendo (solidariedade, cooperação, tempo junto aos amigos e familiares, paz, tranquilidade, saúde, ecossistemas inteiros, paraísos ecológicos, ar puro, água limpa), veremos que a regra deste “jogo” é *o perde, perde*.

Podemos reescrever outra história onde a regra básica seja *o ganha, ganha*. Parece óbvio, mas não é tão simples. E Beto Guedes continua inspirando-nos:

O medo de amar é medo de ter
de a todo momento escolher
com acerto e precisão
a melhor direção

O medo da escassez é a arma do capital para nos impulsionar a fazer o jogo do perde, perde. Num momento de crise econômica mundial, nosso governo nos incentivou a comprar mais. Endividamo-nos e trabalhamos para pagar dívidas e fazemos mais dívidas, num interminável ciclo que vai consumindo o planeta, nosso tempo, nossa saúde física e mental, nossas relações e nosso bem maior: a vida.

O momento planetário e a crise ambiental, econômica e social, estão exigindo que façamos uma escolha “com acerto e precisão na melhor direção”. E desejamos

que a escolha recaia sobre o caminho das sociedades mais justas e sustentáveis, onde a regra do jogo é o ganha, ganha.

Sabemos que o desafio é hercúleo e, por isto mesmo, não terá um único Salvador. Esta é uma tarefa de todos e de cada um de nós. Governos, instituições, empresas, o “mercado”, escolas, a sociedade civil organizada e a família. Mas não podemos esquecer que, por trás de cada instituição ou organização, estão as pessoas - o Indivíduo.

O processo da Pesquisa-ação reafirmou que cada indivíduo é um elemento essencial no processo de mobilização e sensibilização numa comunidade. Outro aprendizado foi o “saber chegar” ou, como disse Ângela Fontes, “pisar com pés descalços”. Antes de tudo, de propor qualquer projeto ou ação, é necessário ouvir, conhecer e entender a realidade local.

Refletindo sobre as experiências citadas nos capítulos anteriores, constatamos que os movimentos das Ecovilas, Cidades em transição, o Transition Brasilândia, o Ecobairro São Paulo e a Pesquisa-ação no Calabar, apenas foram possíveis porque existiram pessoas em cada uma das etapas do processo. Estes moradores que, imbuídos da vontade de fazer acontecer, se dispuseram a começar algo novo, colocando vontade, entusiasmo e contagiando a vizinhança. Retomemos uma estrofe de Beto Guedes:

O medo de amar é não arriscar
esperando que façam por nós
o que é nosso dever - recusar o poder...

As mudanças assustam, mas se começarmos de forma paulatina, assim como aconteceu com a modernidade que trouxe muita inovação, as mudanças serão incorporadas aos poucos na vida dos cidadãos. Alguns estudiosos da corrente construtivista da educação afirmam que a transformação da informação em conhecimento apenas ocorre com o sujeito, quando passa a fazer parte do seu repertório interno. E esta condição não acontece de forma imediata, ela precisa de tempo para ir sendo incorporada nas práticas cotidianas.

Durante o processo da Pesquisa-ação, percebemos que os cinco meses foram satisfatórios para a sensibilização e para o início da implantação de sementes,

porém, sabemos que, para incorporar as práticas apreendidas e ainda assegurar a manutenção destas nos seus cotidianos, será necessária a continuação das ações que já estão previstas para além do tempo desta pesquisa.

Creemos que investir no ser humano é um dos caminhos para a mudança. As metodologias que se propõem a trabalhar na transformação de culturas terão maiores chances de sensibilização e mobilização, se forem pautadas pela humildade de reconhecermos a importância de todos, que não construímos nada sozinhos e que cada indivíduo tem uma parte da verdade e da sabedoria que compõe o Todo.

A vivência com a Comunidade foi muito rica. Cada indivíduo contribuiu e participou das ações de forma diferenciada, oferecendo sua sabedoria de modo particular e peculiar. Percebemos que o envolvimento com as ações estava relacionado não apenas ao desejo das questões comunitárias, mas também às inspirações pessoais, aliando ainda, às possibilidades de envolvimento, dentro do espaço-tempo do seu cotidiano. Entender este mecanismo foi fundamental para o êxito da pesquisa.

Foi visto também que, quando um sonho individual passa a ser coletivo e espelha as aspirações em prol do bem comum, a união de todos é mobilizada e nos faz mover para a ação. Desta forma, todos e cada um se tornam necessários e responsáveis pelas tarefas que a realização do sonho exige.

Ao aplicar as ferramentas metodológicas nesta Pesquisa-ação, percebemos a importância da retomada de antigos saberes, incluindo-os na modernidade, a partir de uma percepção mais crítica do mundo. Retomar nosso poder para que possamos fazer escolhas que verdadeiramente nutram o nosso “Bem Viver”. Este foi um dos grandes aprendizados pessoais e como Gestora Social desta jornada.

Esta, talvez, seja a mola mestra para que possamos “sair da modernidade pela porta da frente”, como disse Viveret (2013), se começarmos a pensar em projetos e propostas voltadas para o bem viver da coletividade e aprendermos a viver em sintonia com a natureza e com o cosmos, cuja riqueza de energia – a Luz – está à disposição de todos os seres. Concordo com Viveret (2013) que acredita numa humanidade, “capaz de criar as condições de uma intensidade de vida tal que

sua qualidade de consciência seja uma qualidade não somente para ela mesma, mas, eu ousaria dizer, para todo o Universo”.

Isto porque, de certa maneira, se perguntamos “qual é o papel da humanidade no cosmos?” poderíamos dizer que é “transformar raios de sol em consciência”. Nós representamos o ministério da humanidade. Através da humanidade e talvez de outras civilizações inteligentes que nós não conhecemos ainda, está em jogo a capacidade que o Universo tem de tomar progressivamente consciência de si mesmo. (VIVERET, 2013, p. 112)

Se o papel da humanidade no Cosmos é transformar raios de sol em consciência, como disse o filósofo, talvez, um dos caminhos possíveis, seja enfrentar o medo, tendo a coragem de abrir mão do ter para Ser. Então, poderemos ver a Luz do Sol, um eterno doador de energia, que nos alimenta diária e incansavelmente, distribuindo sua luz a todos os seres vivos deste planeta, como finaliza a canção.

O sol levantou mais cedo e cegou
o medo nos olhos de quem foi ver – tanta Luz.

REFERÊNCIAS

BEI, Editora. **Como cuidar do seu meio ambiente**. São Paulo: Bei Comunicação, 2002 (Coleção Entenda e Aprenda).

BOULLOSA, Rosana de Freitas et al. **Avaliação e Monitoramento de Projetos Sociais**. Curitiba. PR: IESDE, 2009.

BRASIL. **Agenda 21 Brasileira: Avaliação e resultados**. Brasília: DF: Ministério do Meio Ambiente, SAIC, DCRS, s/d. Disponível em www.mma.gov.br/agenda21. Acesso em Agosto/2013.

BRAUN, Ricardo. **Desenvolvimento ao Ponto Sustentável: Novos paradigmas ambientais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAPRA, Fritjof et al. **Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Marcos de. **O Que é a Natureza**. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção primeiros passos; 243).

CARVALHO, Vilson Sergio. **Educação Ambiental Urbana**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2008

CETRANS, Coordenação. **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: Triom, 2002.

COELHO, L. R. História de uma iniciativa popular na capital soteropolitana: o jornal comunitário Kalabari como alternativa ao silenciamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Fundação Edson Queiroz/Rede ALCAR, 2009.

CORNELL Joseph. **Vivências com a Natureza: Guia de atividades para pais e educadores**. São Paulo: Aquariana, 2005.

DAWSON, Jonathan. **Ecovillages: New Frontiers for Sustainability**. Schumacher Briefings. Dartington, Totnes: Green Books, 2006.

DUARTE JR, João Francisco. **O Sentido dos Sentidos: a educação do sensível**. Paraná: Criar, 2004.

ECOBAIRRO. **Guia Sementes para um Bairro Sustentável**. São Paulo, 2013, 82 p.

FARIAS, Izaura Pereira et al. As Conferências Internacionais sobre Meio Ambiente e a RIO+20 e a Eco-92. In: CONGRESSO NORTE E NORTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO. 7., 2013. Palmas. **Anais...** Palmas, 2013.

FERREIRA, Maria do Céu Carvalho. **Educação (Ambiental) e Sensibilização: Alquimia da emoção.** Cruz das Almas, BA: Nova Civilização, 2003.

FRANKE-GRICKSCH, Marianne. **Eres uno de nosotros: Miradas y soluciones sistêmicas para docentes, alumnos y padres.** Buenos Aires: Alma Lepik, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** São Paulo: Peirópolis, 2000.

GIANELLA, Valéria e MOURA, Maria Suzana. **Gestão em rede e Metodologias não convencionais para a Gestão Social.** Salvador: Ciags/UFBA, 2009.

GRANJA, Sandra Inês Baraglio. **Manual de mediação de conflitos socioambientais** / Sandra Inês Baraglio Granja. Organização Gina Rizpah Besen; ilustração Libero Malavoglia. -- 1. ed. -- São Paulo: 5 Elementos Instituto de Educação e Pesquisa Ambiental : UMAPAZ - Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz, 2012.

GROUPE 21 Org. **O Homem do Futuro: Um Ser em Construção.** São Paulo: Triom, 2011.

GUERRA, Antonio José Teixeira Org. **Geomorfologia Urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HANZI, Marsha. **O Sítio Abundante: Co-criando com a natureza.** Lauro de Freitas: Edição da autora, 2003.

LAGO, Antonio et al. **O Que é a Ecologia.** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 116).

LEGAN, Lucia. **A Escola Sustentável: Eco-alfabetizando pelo ambiente.** São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo; Pirenópolis, GO: Ecocentro IPEC, 2007.

LEONARD, Annie. **A História das Coisas: da natureza ao lixo, o que acontece com o que consumimos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LOPES, Uaçai de Magalhães e TENÓRIO, Robinson Moreira. **Educação como Fundamento da Sustentabilidade.** Salvador: EDUFBA, 2011.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo Org. **Educação Ambiental: Repensando o espaço da cidadania.** São Paulo: Cortez, 2011.

MANCE, Euclides André. **Constelação Solidários: As fendas do capitalismo e sua superação sistêmica.** Passo Fundo: IFIBE – Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

MORIN, Edgar et al. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

MORIN, Edgar. Sociedade-Mundo ou Império-Mundo? LAFER, Celso e SILVA, Carlos Eduardo Luis (Orgs). **A Nova Configuração Mundial do Poder**. São Paulo: Ed. Paz e terra, 2008, Cap. 10, p.169 - 182.

PRONER, Carol. Crescer, Incluir E Proteger: Ser Humano É O Maior Legado Da Rio+20. In: CONGRESSO NORTE E NORTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO. 7., 2013. Palmas. **Anais...** Palmas, 2013.

ROERICH, Nicholas. **O Prazer de Servir**. Niterói, RJ: Fundação Cultural Avatar, 1989.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O Fórum Social Mundial: Manual de Uso**. São Paulo: Ed. Cortez, 2005.

SANTOS, Milton; SILVA, Maria Auxiliadora Org. **VII Encontro com o Pensamento**. Salvador: IMA, 2009.

SACHS, Inacy. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SOUZA-LIMA, José Edimilson e SILVA, Christianluiz. (orgs). **Políticas Públicas e Indicadores para o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Saraiva, 2010.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

TERENCE, Ana Claudia Fernandes e Escrivão Filho, Edmundo. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais**. (UNESP/FCAV) e (USP/EESC), 2006.

TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro, Record, 1980.

TOLLE, Eckhart. **Em harmonia com a natureza**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009, 72 p.

UNIVERSIDADE LIVRE DA MATA ATLÂNTICA. **Estado do Mundo, 2010: estado do consumo e o consumo sustentável**/Worldwatch Institute;Introdução: Muhammad Yunus. Organização: Erik Assadourian; tradução: Claudia Strauch. 1 Ed. Salvador, BA: Uma Ed., 2010. 298 p. Disponível em http://www.worldwatch.org.br/estado_2010.pdf. Acesso em Agosto de 2013.

VEIGA, José Eli. **Sustentabilidade: A Legitimação de um novo valor**. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.

VIVERET, Patrick. **Por uma sobriedade feliz**. Salvador: Quarteto Editora, 2012.

WHEATLEY, Margaret J. et al. **Um caminho mais simples**. São Paulo: Cultrix. 2000.

WWI – O Estado do Mundo - Transformando Culturas: Do Consumismo à Sustentabilidade. Salvador: Ed. UMA, 2010.

WEBSITES

transitionbrasilandia.blogspot.com

<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/1065497-ha-abuso-no-uso-de-sustentabilidade-diz-criadora-do-termo.shtml>

www.gaiaeducation.net

www.transitionnetwork.org

www.ecobairro.org.br

www.roerich.org.br

www.antoniosales.blogspot.com Artigo: A Crise de Percepção da Realidade, Antônio Sales Rios Neto

NETO, Sales Rios. A Crise de Percepção da Realidade, 2007. Disponível em www.antoniosales.blogspot.com.

<http://gen.ecovillage.org>

<http://www.gaiaeducation.org>

<http://imprensaodigital126.com.br> – Oficina de Jornalismo Digital – Facom/Ufba
Matéria sobre o Calabar por Gabriel Simões e Lucas Albuquerque

<http://salvador-circuitobarra.blogspot.com>. Matéria sobre o Calabar.